

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara - SP

VIVIANE OLIVEIRA AUGUSTO

**UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTORIOGRAFIA DA
EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: Análise de Três
Obras de Antonio Austregésilo (1923, 1928 e 1939)**



ARARAQUARA – SP

2015

VIVIANE OLIVEIRA AUGUSTO

**UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTORIOGRAFIA DA
EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: Análise de Três Obras de
Antonio Austregésilo (1923, 1928 e 1939)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

ARARAQUARA – SP

2015

Augusto, Viviane Oliveira

Uma Contribuição à Historiografia da Educação Sexual no Brasil: Análise de Três Obras de Antonio Austregésilo (1923, 1928 e 1939) / Viviane Oliveira Augusto – Araraquara

140 f; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara
Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. História da Sexualidade. 2. Educação Sexual. 3. Sexualidade
4. Educação

I. Viviane Oliveira Augusto II. Uma Contribuição à Historiografia da Educação Sexual no Brasil: Análise de Três Obras de Antonio Austregésilo (1923, 1928 e 1939)

VIVIANE OLIVEIRA AUGUSTO

**UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO
BRASIL: Análise de Três Obras de Antonio Austregésilo (1923, 1928 e 1939)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de Pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Data da defesa: 30 / 01 / 2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Araraquara

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Luci Regina Muzzeti

Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Araraquara

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa

Universidade Sagrado Coração- USC/Bauru

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP- Campus Araraquara

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha mãe Isabel que, com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida, incentivando-me diariamente desde quando aprendi a unir as primeiras letras do alfabeto. E à memória do meu querido avô Geraldo que sempre se orgulhou da minha dedicação aos estudos e que, infelizmente, partiu para o plano espiritual durante a trajetória de mais essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Escrever esta Dissertação de Mestrado não foi um trabalho fácil, principalmente quando algumas questões de ordem pessoal te assolam durante esse período, como duas cirurgias, sessões intermináveis de fisioterapia e o adoecimento seguido da perda de uma das pessoas mais importantes da minha vida: meu querido avô que sempre representou a figura de um pai para mim. Por isso, tenho muito que agradecer a todos que participaram dessa caminhada comigo, pois de forma direta ou indireta contribuíram para que essa pesquisa se tornasse real.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, realizando um sonho juntamente a pessoas tão especiais.

À toda minha família pelo incentivo constante e apoio diário durante toda a trajetória, em especial à minha mãe, que sempre se dedicou de forma incansável, proporcionando-me a oportunidade do estudo e me estimulando desde os primeiros passos.

Aos meus avós Aparecida e Geraldo (*in memoriam*), que sempre acreditaram no meu potencial e junto com a minha mãe sempre sentiam admiração e orgulho das minhas conquistas.

Aos meus irmãos Henrique e Julia, que sempre ouviam os meus desabafos me dando ânimo para continuar e aos meus tios e tias, primos e primas pelos momentos de descontração.

Um agradecimento especial ao meu namorado e companheiro Marcos Felipe Kaneshiro, que ressurgiu em um momento de desesperança me trazendo a coragem e a vontade de alcançar meus sonhos. Obrigada por tudo!

Em especial ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro que acreditou no meu potencial, estando presente nos momentos necessários, oferecendo todo suporte e apoio ao meu estudo. Obrigado pela oportunidade de trabalhar ao seu lado e pela confiança!

Aos colegas da Pós-Graduação, em especial a Shirley Romera, Anne Scalia, Hamilton Vieira, Milorde Robinson, Carla Bessa, Daniel Cardoso, Carina Dantas, Franciele Scoptec e Ana Cláudia que contribuíram de alguma forma trocando aprendizados e experiências, obrigada pelos sorrisos e trocas de conhecimento.

Ainda fazendo parte da Pós-Graduação, quero agradecer em especial a minha querida amiga Karla Araujo, firmamos uma linda e produtiva parceria de cumplicidade desde os primeiros passos acadêmicos. Percorremos os mesmos caminhos sempre juntas. Muito obrigada pelo seu apoio incondicional, ajuda, orientação e amizade sincera em todos os momentos destes longos anos.

À minha querida amiga de anos, Monique Figueiredo, que sempre se dedicou à nossa amizade me ouvindo e me encorajando a acreditar nos meus sonhos mesmo quando estava à 10.799 km de distância de mim.

À amiga Elaine Liberatti que surgiu como um anjo me auxiliando, encorajando e me incentivando a concluir esta pesquisa.

À excelente banca de qualificação que leu meu trabalho com o maior cuidado, dando contribuições muito importantes para minha pesquisa e crescimento profissional. Mais que uma banca, são pessoas que possuo extrema admiração. Meu orientador Prof. Dr. Paulo Rennes dispensa comentários, a querida Prof^a. Dr^a. Luci Muzzeti delicada e atenciosa em todos os momentos e a Prof^a. Dr^a. Andrezza Marques Leão que se tornou uma amiga querida durante essa trajetória acadêmica, sempre disposta a me orientar e auxiliar sanando minhas dúvidas e medos. Meus sinceros agradecimentos e respeito a vocês!

À banca de defesa por aceitarem participar desse momento tão importante, oferecendo grandes contribuições para enriquecer e aperfeiçoar este estudo. Obrigado pela colaboração!

À FCLAr, seu corpo docente, direção e administração pela oportunidade de realizar minha pesquisa e a todos os funcionários desta Universidade pelo auxílio prestado e cordialidade em todos os momentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES por ter concedido incentivo e apoio à pesquisa científica dando-me a oportunidade de uma dedicação comprometida ao estudo acadêmico.

A todos que, em algum momento, fizeram parte dessa história, afinal ninguém alcança um sonho sozinho, meus sinceros e eternos agradecimentos!

"A sexualidade é um rio correndo para o mar...

Pode-se até mudar o seu curso... Mas o mar é sempre o seu destino."

ROCHA (2014)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise do conteúdo de três obras publicadas pelo médico Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima, buscando informações dos comportamentos e atitudes sexuais das primeiras décadas do século XX no Brasil, as quais compõem fontes primárias importantes, mas desconhecidas sobre a Educação Sexual. Austregésilo – conhecido como um dos precursores entre os autores que escreviam sobre sexualidade – é autor da obra mais antiga encontrada no período sobre sexualidade: *Psiconeuroses e sexualidade. I – a neurastenia sexual e seu tratamento*, de 1919. Encontramos em suas obras descrições das atitudes e comportamentos sexuais no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, que tinham como pressupostos teóricos os ideais higienistas e eugenistas, disseminados pela Medicina do período. Enfim, a pesquisa é de cunho histórico e utiliza como técnicas de investigação a pesquisa bibliográfica e documental, realizadas a partir da análise de fontes primárias, com suporte teórico fundamentado em autores que desenvolvem estudos sobre a mentalidade e os comportamentos estruturados na sociedade da época, bem como o contexto do momento histórico em que as obras foram escritas. Assim, considerando a inexistência de uma historiografia da educação sexual no Brasil sistematizada e organizada, esta pesquisa contribui para uma parte da reconstituição do período histórico em que houve a institucionalização do discurso sobre a educação sexual e a sexualidade.

Palavras-chave: História da sexualidade. Educação sexual. Sexualidade. Educação.

ABSTRACT

The present study aims to conduct a content analysis of three works published by medical Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima, seeking information on the sexual behavior and attitudes of the early twentieth century in Brazil, which make up significant primary sources, but unknown on Sexual Education. Austregésilo – known as one of the forerunners among the authors who wrote about sexuality – is the author of the earliest work on sexuality found in the period: *Psiconeuroses e sexualidade. I – a neurastenia sexual e seu tratamento*, 1919. We found in his works descriptions about the sexual attitudes and behaviors in Brazil, in the first decades of the twentieth century, which had as theoretical assumptions hygienists and eugenicists ideals disseminated by Medicine for the period. Finally, the research is of historical nature, using as research techniques to bibliographic and documentary research, carried out from the analysis of primary sources, with theoretical support based on authors who develop studies on the mentality and behaviors in structured society period as well as the context of the historical moment in which the works were written. Thus, given the absence of a historiography of Sex Education in Brazil systematized and organized, this research contributes to a part of the reconstruction of the historical period in which there was the institutionalization of the discourse on sex education and sexuality.

Keywords: History of sexuality. Sexual Education. Sexuality. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Sexualidade	14
1.2 Sexualidade e Educação Sexual na História	15
1.3 Justificativa e Objetivos	20
1.4 Método.....	22
1.5 Organização do Trabalho	25
2 UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA DO QUADRO POLÍTICO-SOCIAL DO BRASIL: O FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.....	26
3 O CONHECIMENTO SEXUAL NO BRASIL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	34
4 A NEURASTENIA SEXUAL E SEU TRATAMENTO	45
4.1 Sexualidade e Nervosismo para Austregésilo	45
4.1.1 Recortes sobre História da Sexualidade: em foco as obras de Austregésilo... 45	
4.1.2 Instinto Sexual e a Psicanálise	48
4.1.3 Educação Sexual e Discurso Higienista: os males provocados por consequências do sexo e do amor	54
4.2 Neurastenia Sexual.....	61
4.2.1 Definição de Neurastenia.....	61
4.2.2 Causas da Neurastenia Sexual.....	63
4.2.3 Tratamento da Neurastenia Sexual	65
5 PERFIL DA MULHER BRASILEIRA – ESBOÇO ACERCA DO FEMINISMO NO BRASIL – 1923.....	68
5.1 A Mulher ao Longo da História	68
5.1.1 Mulheres de Destaque no Brasil	70
5.1.2 O Movimento Feminista.....	74
5.1.3 A Mulher e o Sufrágio	76
5.2 Perfil da Mulher Brasileira.....	80

5.2.1 O Comportamento que a Mulher Brasileira tem que ter.....	80
5.2.2 A Mulher Responsável pela Educação de seus Filhos e do Lar	85
5.3 Comparação entre o Homem e a Mulher.....	90
5.4 A Depreciação da Mulher	92
6 CONDUTA SEXUAL – 1939.....	94
6.1 Sexualidade a partir dos Pressupostos Psicanalíticos.....	94
6.1.1 Psicanálise.....	94
6.1.2 Instinto Sexual	96
6.1.3 O Desenvolvimento da Criança à Luz da Psicanálise.....	97
6.2 Sexualidade e a Conduta Sexual dos Indivíduos–Significado da Sexualidade .	102
6.2.1 Educação Sexual.....	104
6.2.1.1 Educação Sexual dos Jovens.....	108
6.2.1.2 Educação Sexual das Moças em Formação.....	109
6.2.1.3 Educação Sexual dos Moços.....	111
6.2.1.4 Doenças Sexualmente Transmissíveis	114
6.2.1.5 Religião e Sexualidade	115
6.2.2 Sexualidade da Mulher	116
6.2.3 Abstinência Sexual	118
6.2.4 Sexualidade no Casamento	121
6.2.5 Climatério Masculino.....	126
6.2.6 Menopausa	128
6.2.7 Patologia Sexual.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS	137

1 INTRODUÇÃO

1.1 Sexualidade

A sexualidade merece uma significativa atenção por parte das pesquisas, para que entendamos sua dimensão no cotidiano vivenciado atualmente. Para isso, é preciso ir além da capacidade reprodutiva, da manifestação na vida psíquica, nas relações interpessoais, na vida social e afetiva, dentre outras formas (RIBEIRO, 2004). Compreendemos a sexualidade como um conjunto de fatos, percepções e sentimentos vinculados ao sexo e à vida sexual. Esse conceito perpassa por diversos campos do saber construídos historicamente, entretanto, envolve a manifestação do impulso sexual, o desejo, a busca pelo objeto e a elaboração mental para a realização do desejo, sendo este processo influenciado e afetado pela cultura, valores morais, religião, sociedade, família em que o indivíduo está inserido.

Assim sendo, percebemos a sexualidade em sua essência biológica, pois possui como princípio e objetivo primordial a perpetuação da espécie. Porém, o ser humano vai além dos impulsos biológicos, visto que é dotado de faculdades mentais e sentimentos. De fato, os seres humanos se inserem no mundo a partir dos seus corpos sexuados e com ele se relacionam por meio de construções sociais, culturais e históricas. Sendo seres sexuados não é possível qualquer ação desvinculada da sexualidade, ou seja, não há como separar o corpo, as atitudes e a afetividade. Todavia, a prática sexual é um conjunto de comportamentos e atitudes, construído cultural e socialmente sobre o ato sexual em um determinado local e tempo histórico, assim como a significação da sexualidade.

No entanto, a cultura reprime manifestações sexuais que são contrárias às normas e padrões construídos historicamente e em conformidade com tabus, preconceitos religiosos e sociais. Os indivíduos são sexualmente educados desde o nascimento, aprendendo quais são as atitudes e comportamentos socialmente esperados e posicionando-se diante de contínuos conflitos entre o desejo, a repressão e a culpa.

É importante observar que, ao longo dessa pesquisa, estamos trabalhando com a ideia de que os papéis na sociedade tanto masculinos ou femininos são construções sociais, que vão se modificando de acordo com as mudanças ocorridas socialmente em uma determinada

sociedade e tempo histórico. Porém, não iremos adentrar nas questões de gênero nessa pesquisa, pois é um tema que foi desenvolvido posteriormente à publicação dos livros analisados neste trabalho.

De acordo com Foucault (1984), o termo sexualidade surge no século XIX, e com o avanço das pesquisas sobre sexo pela área médica, manifesta-se a necessidade da criação de uma nova especialidade na medicina, a sexologia.

A sexualidade é um tema polêmico para discussão. Durante toda sua história, diante das modificações ocorridas, percebemos que o espaço para promover debates e reflexões foi ampliado.

A sexualidade faz parte da vida e da condição humana. Todas as sociedades apresentam valores culturais sobre atitudes práticas de comportamentos, que são incorporados e reproduzidos em cada geração e em cada contexto. É algo além do sexo, dos órgãos sexuais, das práticas sexuais, da afetividade e do relacionamento, é um conceito amplo, que extrapola a genitália. Aliás, a história da sexualidade é tão longa e atrelada à evolução humana, que não teríamos história e nem seres humanos sem sexo.

1.2 Sexualidade e Educação Sexual na História

De acordo com Seixas (1998), no período Paleolítico, os hominídeos tornam-se carnívoros e ocorre a divisão de trabalho, conforme as diferenças anatômicas e biológicas entre homem e mulher; a sobrevivência da espécie exige que as fêmeas cuidem da prole e produzam alimentos de origem vegetal, e que os machos cacem, para que ambos os sexos repartam os frutos da coleta e da caça.

Entretanto, percebemos que a “Educação Sexual” acontece desde o nascimento, por meio da educação feita de forma contínua pela família, amigos, mídia, na escola e em toda vivência da criança. Essa educação é um processo permanente, estruturado por processos culturais, sendo a própria evolução das sociedades que determina os padrões sexuais de cada época. Contudo, percebemos a importância de estudos como este, comprometidos com a construção da história da sexualidade, assim como com a construção de uma historiografia da sexualidade e educação sexual no Brasil.

Como pontua (RIBEIRO, 2002, p.15),

Quando defendemos hoje propostas de implantação de orientação sexual nas escolas ou debatemos a importância de trabalhar temas ligados à sexualidade com nossos alunos, muitas vezes não paramos para pensar que a educação sexual no Brasil, enquanto tema científico e pedagógico, é matéria de destaque no meio médico e educacional desde as primeiras décadas do século XX. E tampouco refletimos que a sua vertente informal – aquela educação sexual que é dada pela família desde o nascimento, que é influenciada pela cultura e pela sociedade e que determina as diferentes atitudes e comportamentos sexuais – existente desde a Colônia (RIBEIRO, 2002, p.15).

A sexualidade sempre foi motivo de discussão e principalmente de expressão artística de pintores, escultores, filósofos, entre outros, afinal a sexualidade faz parte da vida de todos os indivíduos. Na Antiguidade encontramos várias esculturas que davam destaque às genitálias, e ainda existia uma vasta produção de vasos e utensílios com desenhos e gravuras que retratavam a sexualidade de muitas formas, com o nu, com figuras de posições e dos órgãos sexuais, entre outras expressões de arte.

Todavia, Michael Foucault faz um esclarecimento sobre a conduta sexual da Antiguidade ao Cristianismo, se deslocando da estética do prazer para a hermenêutica do desejo, a maneira como a atividade sexual se constitui na Grécia clássica como domínio de prática moral e modo de subjetivação característicos do projeto de uma “estética da existência” (MEIRELES; SANCHEZ; VALLE, 1999).

Entretanto, na Idade Média, o foco passa a ser o ato sexual, à medida que a Igreja Católica, por meio de seus dogmas e proibições, coloca o ato sexual em sua listagem de proibições; logo, o Protestantismo também torna-se abrangente e passa a disseminar a mesma posição da Igreja Católica sobre o sexo. Nesse mesmo período, temos alguns avanços na área médica que passam a associar o sexo à saúde, aprofundando, assim, pesquisas e estudos na concepção humana.

Porém, no Brasil, nos primeiros anos de colonização, o sexo não era um tabu para os homens brancos, que se relacionavam com as índias e posteriormente com as negras quando chegaram ao Brasil; possuíam diversas mulheres, sendo o concubinato uma prática recorrente naquela sociedade. Para o homem branco, era uma forma de afirmar sua masculinidade e sua superioridade, ao contrário da mulher branca, que precisava ser recatada e oprimida, considerada propriedade do pai e depois do marido (FREYRE, 2004).

Assim, é nesse Brasil Colônia que temos o primeiro momento da educação sexual, como Ribeiro (2004, p. 16) descreve: “Temos, aí, o primeiro momento de educação sexual no Brasil: sexo pluriétnico libidinoso para o homem; submissão e repressão do comportamento sexual da mulher; e normas, regras e condenações por parte da Igreja”.

Segundo Ribeiro (2007), a educação sexual no Brasil é dividida em seis grandes momentos, o primeiro o da Colônia como descrevemos, promovido pelos jesuítas, juntamente com a Inquisição. O segundo momento é atribuído ao Império e à moral médica do período. Entretanto, o terceiro momento considera as primeiras décadas do século XX, início da República, com o surgimento das primeiras propostas de educação sexual e o termo sexologia. Já na década de 1960, temos o quarto momento da educação sexual, que conta com o surgimento das escolas pioneiras em educação sexual. Na sequência, temos o quinto momento que compreende a década de 1980, com a implantação dos projetos oficiais de orientação sexual nas escolas. Enfim, o sexto e último momento, que considera o período atual, após a formulação dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, em que a Educação Sexual entra como tema transversal.

Portanto, fazendo uma análise histórica, a carta escrita por Pero Vaz de Caminha é o primeiro documento escrito sobre o Brasil. Como nos mostra Ribeiro (2007), a sexualidade é diversas vezes citada na carta, com a descrição da nudez das índias e da surpresa dos portugueses ante os costumes observados, além da importante comparação feita entre o Paraíso Bíblico, que povoa o imaginário europeu da época, e a Terra de Santa Cruz recém-descoberta. Entretanto, a visão de paraíso não prevalece por muito tempo, pois o contato com diferentes costumes, diversas tribos, a antropofagia e as guerras, faz com que o descobridor mude a ideia construída da nova terra.

Além disso, Ribeiro (2007) observa que as mais antigas normas de orientação sexual recebidas pelos brasileiros vieram do Primeiro Tribunal da Inquisição, instalado no Brasil Colônia entre 1591 e 1595, para julgar os delitos contra a fé cristã e os sacramentos da Igreja Católica. Nas confissões colhidas pelo Santo Ofício apareciam delitos de sodomia, fornicação e bigamia. Esses estudos mostram que o sexo e a sexualidade praticados na colônia não obedeciam às orientações da Igreja Católica, que instaurava a culpa e o pecado, atribuindo um sentido negativo à prática sexual. Sendo assim, era um sexo praticado de forma livre até a chegada do Primeiro Tribunal da Inquisição. Portanto, através desses estudos percebemos que

o primeiro momento de educação sexual no Brasil possui diversas características, entre elas o sexo pluriétnico libidinoso, as normas estabelecidas pela Igreja, e as condenações que ela fazia, além da submissão e repressão sexual da mulher, esse é o início da educação sexual do Brasil.

De acordo com Ribeiro (2004), durante os séculos seguintes, o padrão de comportamento sexual quase não sofre mudanças,

Passando praticamente inalterado pelos séculos XVII e XVIII, este padrão de comportamento sexual é variado apenas pela participação maior da mulher negra, que substitui as índias, pois a população indígena, escorraçada para o sertão, diminuía no litoral, em contrapartida à vinda cada vez mais numerosa de escravos da África (RIBEIRO, 2004, p. 16).

Com a Independência do Brasil, a partir do século XIX a ciência ganha destaque, e o discurso científico prevalece sobre o religioso. Os cuidados com a família passam a ser o foco da medicina, consolidados através das bases científicas. Assim, a sexualidade passa a ser tratada como caso de higiene e saúde; com isso, iniciamos o segundo momento histórico da educação sexual. Enquanto na Colônia se apresenta como uma educação informal, no Império ela passa a ser relatada em documentos como livros, teses e manuais. Esses últimos conduziam a forma de se portar bem e ter boa conduta sexual, sempre com o discurso higienista justificando a normatização da moral médica (RIBEIRO, 2004).

A medicina higienista impõe às famílias uma educação física, moral e sexual que será responsável por várias mudanças nos costumes familiares: [...] Contribuiu, junto com outras instâncias sociais, para transformá-la na instituição conjugal e nuclear característica de nossos tempos. Converteu, além do mais, os predicados físicos, psíquicos e sexuais de seus indivíduos em insígnias de classe social. A família nuclear e conjugal [...] higienicamente tratada e regulada... (COSTA, 1989, p. 13).

Reis (2006) aponta a construção e instauração de um discurso, no final do século XIX e início do século XX, a partir dos ideais higienistas e eugenistas, disseminados pela medicina, em que a institucionalização do discurso sobre a educação sexual é forjada. São utilizados meios de comunicação para disseminar esses pensamentos e ideais – livros e periódicos – sobre a educação sexual para o grande público. A educação sexual é inserida na

escola a partir de 1930, sendo muitos de seus defensores médicos, professores e até sacerdotes.

Assim, segundo Reis e Ribeiro (2004), nas primeiras décadas do século XX, entre 1920 e 1950, passa a existir um grande interesse médico pela educação sexual, responsável pela divulgação de muitos livros. As editoras mais conceituadas no mercado publicam coleções de grandes tiragens. Esse é considerado o terceiro momento da educação sexual, partindo da veiculação da educação sexual e da sexualidade por meio de livros cientificamente fundamentados, que tinham como objetivo orientar a prática sexual dos indivíduos. Os autores dos livros publicados nesse contexto eram médicos, educadores e sacerdotes. É sobre esse terceiro momento que esta pesquisa vai se debruçar, através dos estudos publicados nesse período, tendo como foco as publicações de Antônio Austregésilo, autor da obra mais antiga do período sobre a temática encontrada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, intitulada *Psiconeuroses e sexualidade. I – a neurastenia sexual e seu tratamento*, de 1919. Posteriormente, o autor publica, em 1924, *Perfil da mulher brasileira*. Austregésilo era médico neurologista e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, escrevendo, assim, várias obras sobre sexualidade.

Diz o autor que este livro foi publicado pelo fato de ter crescido o número de pessoas atacadas por *neurastenia social*. Para Austregésilo, as moléstias sexuais se originam da insatisfação ou do abuso do instinto sexual. O sexo, em si, não é bom nem ruim, “é uma fatalidade biológica” (AUSTREGÉSILO, 1919, p. 8). Referindo-se à função sexual, diz que “o homem deve fazer tudo para aperfeiçoá-la e não deturpá-la” (p. 9). Aponta a falta de conhecimento e a ignorância em relação à função sexual como responsáveis pela *morbidez* (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 29).

De acordo com Reis e Ribeiro (2004), o livro *Neurastenia Sexual e seu tratamento* é a obra mais antiga do período da sexualidade, sendo que

na pesquisa bibliográfica realizada, a mais antiga obra encontrada foi *Psiconeuroses e sexualidade. I – a neurastenia sexual e seu tratamento*, de 1919, publicada por Antônio Austregésilo especificamente sobre a clínica da neurastenia sexual, como uma terceira edição em 193?, ampliada e com o título *Neuroses sexuais: compreensão e terapêutica*. Austregésilo era professor de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e escreveu várias obras sobre sexualidade, destacando-se *Perfil da mulher brasileira*, de 1924, e *Conduta sexual*, de 1934 (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 28).

Austregésilo fundamenta-se em diversos autores para escrever suas obras, como Feré, Ribot, Raymond, Krafft-Ebing, Forel, Charcot e Freud. De acordo com Austregésilo, a obra de neurastenia foi publicada pelo fato de ter aumentado o número de pessoas que desenvolveram neurastenia sexual¹. Para ele, a neurastenia tratava de *desvios funcionais* do instinto sexual como o excesso de excitação, os crimes sexuais, o homossexualismo² entre outros. Para o autor, a melhora dessas neurastenias seria com o tratamento psicoterápico, a eletroterapia, a hidroterapia, a cinesioterapia e ainda o casamento, feito com amor e raciocínio (REIS; RIBEIRO, 2004).

Austregésilo define como desvios funcionais do instituto sexual a excitabilidade precoce, as práticas anormais, a indiferença, o homossexualismo, excessos de carinho, crimes sexuais e sonhos eróticos. Faz uma relação entre a debilidade do sistema nervoso e o aparecimento dos desvios sexuais, usando a erudita e afetada terminologia médica da época (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 29).

1.3 Justificativa e Objetivos

O objetivo deste trabalho é o conhecimento sexual institucional, particularmente os estudos sobre sexualidade escritos nas primeiras décadas do século XX por meio de livros e manuais, mais especificamente os três livros escritos por Antonio Austregésilo: *Neurastenia Sexual*; *Perfil da Mulher Brasileira* e *Conduta Sexual*.

Sendo assim, a principal justificativa para o desenvolvimento deste trabalho é a falta de estudos e literatura acerca da historiografia da educação sexual no Brasil, de maneira abrangente e aprofundada, hipótese que se confirma na revisão bibliográfica, já que não foram encontradas pesquisas sobre as obras de sexualidade e educação sexual de Antonio Austregésilo; embora, tenhamos encontrado estudos sobre a atuação de Austregésilo na área médica, em ortopedia.

¹Neurastenia Sexual: transtorno psicológico resultado do enfraquecimento do sistema nervoso central, culminando em astenia física e mental. AUSTREGÉSILO, A. **A neurastenia sexual e seu tratamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928.

² Homossexualismo: Termo empregado pelo autor.

Dessa forma, essa lacuna na História da Educação Sexual no Brasil é referente ao estudo das obras produzidas nas primeiras décadas do século XX, pois, neste período, encontramos uma vasta produção literária sobre educação sexual que não foi explorada, tendo sua relevância esquecida. Médicos, educadores e sacerdotes desse período se interessavam intensamente por questões ligadas à sexualidade e à educação sexual (RIBEIRO, 2004). Logo, esses documentos merecem ser estudados e aprofundados, para ser construída uma historiografia estruturada, que colabore com a educação sexual que aplicamos nos dias atuais.

Nunes e Silva (1999) destacam a relevância desses estudos feitos entre as décadas de vinte e trinta do século passado sobre a educação sexual nas escolas para os jovens, porém advertem que esse vasto documentário de importância histórica e educacional não foi ainda explorado. Dessa forma, concluem a importância de estudos que resgatem as obras e as tentativas de institucionalizar a educação sexual.

Assim sendo, faremos uma breve análise referente à linha teórica dos estudos sobre sexualidade e educação sexual, pontuando assuntos relacionados à história da sexualidade e da educação sexual.

A escolha deste tema está relacionada ao fato de ampliar conhecimentos sobre as possíveis consequências psicológicas geradas a partir da vivência da educação sexual, tendo como foco os estudos realizados nas primeiras décadas do século XX, escritos por sacerdotes, médicos, filósofos e educadores, que institucionalizaram o saber sexual, entrelaçando o saber sexual ao viés científico, com um discurso que propunha práticas pedagógicas e educacionais.

Contudo, a escolha da temática utilizada decorre da afinidade com o tema que se ampliou nos estudos realizados no NUSEX (Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Educação Sexual) e da necessidade de estudar comportamentos referentes à sexualidade humana ocorridos ao longo dos anos na história, a sua expressão, subjetivação, diferenciação de gênero e educação sexual, contribuindo, assim, para a ampliação dos conhecimentos da historiografia da sexualidade no Brasil.

O autor dos três livros estudados nesta pesquisa foi um renomado médico neurologista, que se enveredou em alguns momentos de sua brilhante carreira médica a escrever sobre sexualidade e educação sexual. Austregésilo, destacado membro da Academia Nacional de Medicina, foi o primeiro catedrático de neurologia da Faculdade Nacional de

Medicina, tendo escrito diversos livros de divulgação e aconselhamento, mais ou menos permeados pela teoria psicanalítica (CARRARA; RUSSO, 2002, p. 278-279).

Portanto, as obras de Austregésilo – um dos principais escritores de livros sobre sexualidade das primeiras décadas do século XX – precisam ser estudadas e analisadas junto com outros autores, como José de Albuquerque e Hernani de Irajá.

1.4 Método

Faremos um estudo histórico de três obras de Antonio Austregésilo, autor importante para a sexualidade e educação sexual do início do século XX, suas obras encontram-se perdidas e esquecidas, deixando de ser exploradas e analisadas da forma que mereciam. Além disso, o trabalho se pauta em entender os documentos e obras analisados em uma relação dialética com o momento histórico, constatando, por esse estudo, as relações de gênero e dominação, e como essas relações são percebidas e explicadas socialmente nesse período da história. Para fazer a análise das obras, foram escolhidos temas recorrentes em diversos livros escritos no período, à medida que foram propostos a partir do confronto entre as fontes secundárias que forneceram subsídios para o entendimento do contexto em que os livros foram escritos e o conteúdo das obras estudadas.

Como esta é uma pesquisa histórica, que permeia o campo da historiografia, percebemos a necessidade de tratar brevemente desse conceito, partindo dos pressupostos da Nova História.

Desse modo, a historiografia é uma forma de redescobrir a história já posta, partindo de um olhar sistematizado em um determinado tempo e espaço. É olhar para o passado partindo de pressupostos existentes no presente, mas tendo o cuidado de compreender o fato histórico e as características de outro espaço e tempo na sua própria dinâmica, sem utilizar as lentes do presente para explicar o passado.

Segundo Burke (1990), as novas correntes historiográficas na História possibilitam a pesquisa abrangente, utilizando diversos objetos de pesquisa e ampliando o material histórico de trabalho. Essa nova forma de estudar História aproxima as diversas áreas do saber humano, propondo um diálogo entre a História com a Psicologia, Antropologia, Geografia, Sociologia, Economia, Linguística, entre outras áreas.

Esse novo momento de escrever historiograficamente nomeia novas explorações de linguagem e pensamentos diferentes das histórias totalizantes e dos grandes fatos impostos pelos vencedores. Dando voz à massa que ainda estava anônima na história "a forma dominante, porém, tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens – chefes militares e reis. Foi durante o Iluminismo que ocorreu, a primeira vez, uma contestação a esse tipo de narrativa histórica" (BURKE, 1990, p. 17).

Com isso, há um alargamento da pesquisa histórica, abrindo espaço para novos objetos de estudo como a sexualidade, a morte, a alimentação, a criminalidade, etc. Implanta-se a história das representações sociais e culturais, o que permite que os estudos sobre as construções sexuais adquiram um novo lugar na historiografia.

Dessa forma, para conseguirmos atingir os objetivos almejados para o desenvolvimento dessa pesquisa, descreveremos o percurso percorrido, que é importante para delinear o método de análise escolhido e a concretização da pesquisa.

Os primeiros passos do projeto iniciaram-se com a delimitação da problemática a ser estudada, para sequencialmente obter dados em fontes bibliográficas pertinentes às questões a serem pesquisadas. O levantamento bibliográfico permitirá a investigação do fenômeno, para em seguida proceder ao estudo minucioso com análise dos conteúdos bibliográficos e a conclusão sobre o assunto abordado.

Ao iniciarmos a revisão bibliográfica, diagnosticamos o que de fato pesquisas renomadas no campo já haviam apontado, a falta de pesquisas e trabalhos sobre o importante período das primeiras décadas do século XX para a história da sexualidade e educação sexual. Todavia, encontramos pesquisas recentes sobre obras de autores importantes desse período, mas não encontramos estudos sobre as obras de Antonio Austregésilo, um dos precursores desse movimento de institucionalização do saber sexual nas primeiras décadas.

Logo, vimos a importância de estudar as obras de Austregésilo. Porém, nas pesquisas realizadas em sebos e pela internet, conseguimos apenas três de suas obras sobre sexualidade: *Neurastenia Sexual e seu tratamento*, *Perfil da Mulher Brasileira* e *Conduta Sexual*. Dessa forma, iremos fazer o estudo dessas três obras.

Partindo de um *corpus de referência* informatizado de fontes primárias sobre a educação, procuramos buscar informações dos comportamentos e atitudes sexuais no Brasil

nas primeiras décadas do século XX, as quais compõem importantes fontes primárias sobre a educação sexual, ainda desconhecidas, a fim de contribuir para a compreensão da formação da cultura sexual do Brasil, da evolução das concepções de sexualidade e da institucionalização do conhecimento sexual no país, assim como para colaborar com a construção de uma historiografia da educação sexual referente às primeiras décadas do século XX no Brasil, que possibilite a realização de estudos sobre o surgimento, desenvolvimento e estruturação da educação sexual.

Esta pesquisa histórica se apropriou das técnicas de investigação da pesquisa bibliográfica e documental, realizadas a partir da análise de fontes primárias, tendo como suporte teórico os autores que desenvolveram estudos sobre os comportamentos e a forma de pensar na sociedade da época, e ainda, o contexto histórico do período em que as obras foram escritas.

Nestes termos, esta pesquisa é de cunho histórico possuindo como metodologia a pesquisa exploratória (GIL, 1994) realizada através de pesquisa de papel, ou seja, pesquisa bibliográfica e documental. Os procedimentos técnicos foram, dessa forma, a leitura interpretativa e leitura exploratória.

A partir da leitura exploratória, observamos uma frequência no aparecimento de certos temas em todas as obras. Por conseguinte, buscamos leituras secundárias sobre o momento histórico em que os livros foram escritos para nos auxiliar na interpretação dos dados.

Serão obtidas informações através da documentação indireta, ou seja, por meio de um estudo bibliográfico, das obras de Antonio Austregésilo para compreender e realizar uma análise e discussão sobre a história da sexualidade e da educação sexual.

Para a análise de conteúdo será utilizado como recurso o fichamento de textos, com o objetivo de realizar uma revisão teórica, com a avaliação de várias obras formadas por diversos autores do período, para poder compreender os pressupostos teóricos sobre a história da sexualidade e educação sexual escritos por Austregésilo nas primeiras décadas do século XX.

1.5 Organização do trabalho

Na segunda seção, percorremos os principais momentos históricos do Brasil, mostrando sua construção socio-histórica, principalmente as mudanças que ocorreram no período entre o final do século XIX e início do XX, quando as obras sobre sexualidade foram escritas.

Com a terceira seção, pretendemos oferecer uma dimensão histórica da Institucionalização do Saber Sexual, esclarecendo o surgimento da medicina eugenista e higienista que influenciou o campo da sexualidade no Brasil, desde o século XIX até os dias de hoje.

Na quarta seção, começamos a análise do livro *Neurastenia Sexual e seu tratamento*, a primeira obra sobre sexualidade escrita por Antonio Austregésilo, em 1919³. O livro é uma espécie de cartilha para orientar os homens que sofriam dessa disfunção sexual que, segundo o neurologista, tinha se tornado frequente em sua clínica médica.

A quinta seção apresenta uma análise do segundo livro: *Perfil da Mulher Brasileira*; além de um manual de instrução para o comportamento da mulher vigente na época, o autor também destaca vários nomes importantes de mulheres que se sobressaíram na sociedade, desde o Brasil Colônia até os recentes movimentos feministas que surgiram no início do século XX.

Na sexta seção, trabalhamos o terceiro livro de Antonio Austregésilo estudado nesta pesquisa: *Conduta Sexual* e na sétima seção discorremos acerca das considerações finais deste estudo.

³ No entanto, nesta dissertação, utilizamos a edição de 1928, e ainda que conste ao longo do capítulo esta data de edição consideramos a data da primeira edição de 1919.

2 UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA DO QUADRO POLÍTICO-SOCIAL DO BRASIL: O FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Para podermos estudar as obras de Antonio Austregésilo e conseguirmos compreender a relevância dessas obras no campo da sexualidade e da educação sexual como um dos precursores dos estudos sobre sexualidade no Brasil, percebemos a necessidade *a priori* de investigar o contexto histórico social no qual as obras foram escritas, para interpretar essa influência na construção de seu discurso, entendendo a imersão social que o autor sofria.

Dessa forma, o intuito é explorar a ideologia dominante que, indiretamente ou não, influenciou as ideias do autor, o que nos parece indispensável, pois o período socio-histórico está ligado diretamente à construção da cultura e dos movimentos culturais vigentes na época. Portanto, há necessidade desse breve estudo histórico para não cometermos o erro de analisar as obras isoladas de seu contexto, porquanto o período que estudamos remete ao final do século XIX e início do século XX, época em que ocorrem muitas mudanças econômicas e sociais, que influenciam todas as esferas sociais desse momento histórico. Porém, voltaremos um pouco mais no tempo, a um acontecimento de grande relevância, que causou modificações no contexto social e principalmente cultural do Brasil: a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil.

De acordo com Furtado (2009), quando Napoleão invadiu a Espanha e Portugal, a Família Real fugiu para o Brasil em 1807, instalando-se no Rio de Janeiro. Trouxeram para o Rio um tesouro avaliado em vinte e dois milhões de libras, tornando-a uma cidade cosmopolita próspera.

As mudanças ocorreram até mesmo no padrão estético. O surgimento da imprensa e o acesso aos livros foram as principais mudanças que contribuíram para o avanço das ideologias e ideias que nasciam naquele contexto.

Dessa forma, um vasto aparato cultural foi trazido para a colônia; foram construídos teatros, academias científicas, literárias e bibliotecas.

Não podemos investigar os acontecimentos do final do século XIX e início do século XX sem refletirmos sobre os fatos ocorridos na Revolução Industrial da Inglaterra, iniciada no

século XVIII. Visto que uma revolução é a modificação de um sistema que, de alguma forma torna-se antigo, deixando de existir para dar espaço a uma nova ideia, a uma nova forma de agir e de estar no mundo, ocorre a substituição do modo de produção feudal pelo modo de produção inovador para a época que, sob a ótica atual, é o capitalismo.

Portanto, percebemos as mudanças causadas a partir da emancipação da produção refletidas no Brasil no período estudado, influenciando a economia vigente, a forma de produção, de agir e de pensar das pessoas. Logo, os sistemas socioculturais também foram afetados. Assim, a mudança vai além da forma de produção, à medida que mudam a forma de consumo e a estrutura das classes sociais.

Formou-se, nesse cenário, uma nova estrutura das classes sociais e o surgimento da elite agrária, que gerou a crise no velho sistema colonial, levando à ideia de independência da metrópole.

Em 1821, Dom João voltou para Portugal para poder ser coroado rei, sua mãe Maria morreu ainda no Brasil, em 1816. Dom João deixou seu filho Pedro como príncipe regente na colônia (FURTADO, 2009).

Ocorreram revoltas de caráter emancipacionista, como a Revolta Pernambucana, a Inconfidência Baiana e a Inconfidência Mineira, como sintomas da crise do Antigo Regime, visto que os integrantes dessas revoltas estavam influenciados pelas ideias iluministas e liberais. Assim, não somente a Revolução Industrial, mas também as ideias iluministas influenciaram os ideais para a futura independência do Brasil. Como explicam (LOPEZ; MOTA, 2008, p. 298), “as atitudes dos revolucionários prenunciavam um tempo no qual os ideais de liberdade e igualdade marcariam os povos do mundo, com as revoluções liberais e nacionais com a descolonização”.

Contudo, a independência do Brasil não foi uma revolução, foi um jogo no quadro de mudanças políticas, em que os envolvidos eram as elites agrárias e alguns homens livres, além da corte de Portugal. Mesmo assim, ocorreu o emblemático “Grito do Ipiranga”, no qual Dom Pedro afirmou que ficaria no Brasil como Imperador e assumiu o rompimento com a corte portuguesa, transformando o Brasil em uma Monarquia. Sendo assim, a Independência do Brasil foi um movimento elitista, que teve por objetivo assegurar à classe dominante seus privilégios sociais e econômicos.

Segundo Lopez e Mota (2008), Dom Pedro percebeu que seria impossível recuar ao domínio e interesses dos ingleses, afinal a Inglaterra não queria perder o mercado que conseguira no Brasil. Além da pressão inglesa, havia a pressão interna da elite agrária. À medida que o movimento Republicano crescia em todo o mundo e ameaçava a colônia brasileira, logo a melhor opção a adotar foi a Monarquia Constitucional, o mesmo regime adotado pela aliada Inglaterra.

Na sequência dos fatos, temos a Constituição promulgada pelo Imperador que divide o poder em quatro esferas: o poder do Monarca ao lado do Judiciário, do Legislativo e do Executivo. Contudo, o período monárquico do Brasil foi demasiadamente conturbado. Dom Pedro I passou de herói à vilão, sendo forçado a deixar o trono para seu filho Dom Pedro II, de apenas cinco anos. Assim, quem de fato governou foi a elite brasileira, sendo que no período de Regência,

as elites brasileiras que tomaram o poder em 1822 compunham-se de fazendeiros, comerciantes e membros de sua clientela, ligados à economia de importação e exportação e interessados na manutenção das estruturas tradicionais de produção cujas bases eram o sistema de trabalho escravo e a grande propriedade (COSTA, 2010, p. 11).

Dessa forma, começou o período regencial, enquanto o príncipe não se tornava maior de idade. O objetivo da regência era descentralizar o poder, dando autonomia às províncias. Mas, esse período foi um tanto quanto complicado, com diversas revoltas populares em todas as partes do Brasil, todos insatisfeitos com o governo regencial, e as revoltas também carregavam questões regionais envolvidas nas reivindicações.

Alguns anos se passaram e o futuro Imperador, aos quatorze anos de idade assumiu o trono do Brasil e iniciou o Segundo Reinado. Esse período é marcado por grandes mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais brasileiras, visto que, de certa forma, essas mudanças acompanharam o processo de desenvolvimento que acontecia na Europa. À medida que esse movimento europeu foi avançando, surgiu o Neocolonialismo⁴.

Nesse período, em torno de 1870, o mundo vivia a segunda Revolução Industrial, mais conhecida como Revolução Científico-tecnológica, que foi um marco no avanço científico na

⁴ Neocolonialismo: Para maiores informações sobre esse tema, consultar: FALCON, F. **A era dos impérios**, 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

medicina, no transporte, entre outros que trouxeram inovações na forma das pessoas viverem, além da consolidação do mercado capitalista como um único mercado global, ou seja, gerou polos industriais de grandes proporções e avanço na tecnologia de produção (SEVCENKO, 1998).

Entretanto, outro fato importante no campo das ideias e na configuração social e econômica no Brasil e no mundo no século XIX foram as ideias socialistas que surgiram contrapondo o avanço e efervescência do capitalismo à luz dos reflexos da Revolução Industrial na Europa. Logo, essas ideias que surgiram na Europa, e chegaram ao Brasil influenciaram até algumas revoltas, como a Revolução Praieira.

No dia 7 de novembro de 1848 explodiu a rebelião em Olinda, Igarauçu e outras cidades. Os praieiros divulgaram o “manifesto ao mundo” no qual expunham o seu programa: voto livre e universal, liberdade de expressão e de imprensa, direito ao trabalho, comércio a varejo só para brasileiros, extinção do Poder Moderador. Essas reivindicações levaram os jornais conservadores a classificar o manifesto de “vermelho”, denunciando influências das teorias de Proudhon e Banbeuf (AZEVEDO, 1990, p. 346).

Todavia, a Revolução Praieira não obteve êxito, pois a ação repressora do governo foi instantânea. Assim, várias pessoas foram torturadas, presas e assassinadas.

Contudo, na década de 1850, ocorreram muitas mudanças no Brasil, impulsionadas pelo crescimento da produção cafeeira. Podemos destacar a construção da primeira estrada de Ferro; reorganização bancária e do ensino; a extinção do tráfico negreiro; a inauguração do teleférico elétrico; a reestruturação da Guarda Nacional; a Lei de Terras e o Código Comercial. Segundo Fausto,

Este trazia inovações e ao mesmo tempo integrava os textos dispersos que vinham do período colonial. Entre outros pontos, definiu os tipos de companhias que poderiam ser organizadas no país e regulou suas operações. Assim como ocorreu com a Lei de Terras, tinha como ponto de referência a extinção do tráfico (FAUSTO, 1995, p. 197).

Irineu Evangelista de Souza, mais conhecido como Barão de Mauá, foi um dos pioneiros na Industrialização do Brasil. Mauá era um investidor envolvido em vários ramos industriais, investia de acordo com a tendência do momento e seus negócios no Brasil estavam espalhados do Rio Grande do Sul ao Amazonas.

Entretanto, a produção cafeeira foi se fortalecendo e crescendo cada vez mais, principalmente nas fazendas paulistas. Para lidar com a falta de mão de obra escrava, pois nesse período já estava proibido o tráfico negreiro, o governo incentivou a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, com o objetivo de trabalharem nas lavouras. Nesse momento, a Europa passava por uma crise, por conta do avanço do capitalismo e migração para seus centros urbanos. Por conseguinte, vieram para o Brasil italianos, espanhóis, portugueses, alemães, entre outras nacionalidades. Os cafeicultores brasileiros ainda aproveitaram a experiência dos agricultores europeus para suas lavouras.

É importante ressaltar que, com a imigração europeia, veio à tona uma antiga ideia de clareamento da população brasileira, em sua maioria formada por negros e índios. Essa ideia teve apoio nos ideais vigentes da época de que o mestiço, o índio e o negro eram inferiores. A ideia de aprimoramento da raça branca era pautada pelas ideias eugenistas, que permeavam a sociedade da época em grande parte do mundo, logo muito recorrente no Brasil. Trataremos desse assunto de forma aprofundada mais à frente nesta pesquisa.

Assim, com a massa de imigrantes que chegavam ao Brasil, houve o estímulo de outras formas de produção, manufatureiras, pequenos comércios e profissões liberais.

Contudo, a libertação dos escravos foi a mais ampla transformação social que ocorreu no século XIX em toda a América, logo no Brasil também. Embora a Lei Áurea tenha sido um tanto quanto tardia, ela representou o final da opressão e violência de um povo ao outro em nosso país. Porém, não podemos deixar de evidenciar que, com o final da escravidão, os negros entraram em uma espécie de ostracismo social, ficando às margens da sociedade.

O segredo do código paternalista de domínio escravista estava no poder senhorial de transformar em concessão qualquer ampliação do espaço de autonomia no cativo. A violência era ainda parte integrante desse sistema, mas passava a responder a certas regras ou expectativas, que acabavam por legitimá-la perante os próprios escravos. Até mesmo a compra da alforria pelo cativo podia ser lida como concessão senhorial – desde a doação do tempo e das condições para formar o pecúlio e a concessão do reconhecimento daquela propriedade até a concordância com a alforria mediante indenização. A família escrava também era concessão senhorial (CASTRO, 1997, p. 354).

Com o objetivo de deixar o cativo dependente, muitos senhores não só autorizavam como estimulavam o laço de parentesco entre ele e o cativo. Esse era um sistema de incentivo

diferenciado, para que o escravo, mesmo que liberto, ficasse preso ao senhor por laços afetivos e de solidariedade (SLENES, 1997, p. 237).

Em quinze de novembro de 1889 foi proclamada a República no Brasil. Deodoro da Fonseca teve participação importante no movimento republicano após o fim da Monarquia. Por conseguinte, Dom Pedro II recebeu a informação de banimento e foi obrigado a ir para o exílio.

De acordo com Sevckenko (1998), o período do final do século XIX e o início do século XX foi um momento histórico em que se concentraram muitas mudanças em todos os campos, principalmente no sistema econômico, não só no Brasil, mas em todo o mundo de forma integrada. Essas mudanças trouxeram diferenças relevantes na forma das pessoas se comportarem e se reconhecerem no mundo, além da relação com as informações ao seu redor.

Segundo Holanda (1999), essas mudanças se intensificaram com a Proclamação da República e a abolição da escravidão, à medida que houve o declínio da produção agrária, as cidades foram recebendo as pessoas vindas do campo. Assim, as cidades, que antes eram um complemento da vida rural, passaram a ser o centro de trabalho, de comércio e de moradia das pessoas. Com isso, iniciou-se a formação dos grandes centros urbanos, levando a uma mudança no modo de vida das pessoas e nas suas organizações sociais. As cidades eram formadas por imigrantes, escravos libertos e migrantes, que se instalavam nos centros urbanos, principalmente nas cidades como Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

Confluindo à série de transformações pelas quais passava o país, essa tendência demográfica, início de um processo que inverteu a distribuição sócio-territorial da população brasileira, correspondeu, de imediato, ao afluxo de levas de migrantes nacionais e estrangeiros que foram sendo atraídos para as cidades, sobretudo a partir do último quartel do século XIX. Aspecto menos conhecido do que a imigração estrangeira, é necessário sublinhar aqui o peso das migrações internas, significativas em cidades como o Rio de Janeiro e Recife, e em São Paulo sobretudo a partir dos anos de 1920, indicando as inferências que fatos socioeconômicos e políticos provocaram na dispersão das populações nacionais (WISSENBACH, 1998, p. 91).

Dessa forma, as pessoas foram se acumulando excessivamente nos centros urbanos, que não possuíam infraestrutura para o grande contingente populacional, houve a mistura de raças e o avanço da pobreza, pois faltavam emprego e moradia digna para as pessoas. Formaram-se, por conseguinte, os cortiços e moradias coletivas improvisadas, e

consequentemente, surgiram problemas de saúde pública, a par dos problemas de infraestrutura e de saneamento básico.

A revolução de 1930 marcou o declínio das oligarquias cafeicultoras, atingidas pela crise do café, e significou, ao mesmo tempo, a ascensão dos setores industriais, a projeção das camadas urbanas, no plano político nacional. Iniciava-se um novo período da história do Brasil e surgia uma nova historiografia (COSTA, 2010, p. 427).

Conforme elucida Sevcenko (1998), a população do Rio de Janeiro era próxima a 1 milhão de pessoas, um contingente muito alto para a infraestrutura da cidade. Seus moradores, na grande maioria eram escravos remanescentes; com a abolição, milhares de ex-escravos deixaram as fazendas que trabalhavam e foram para os centros urbanos em busca de oportunidade. Entretanto, essas oportunidades não existiam, e eles foram se aglomerando em casarões antigos localizados no centro da cidade. Essas famílias viviam em condições sub-humanas e de forma degradante, sendo vistas pelas autoridades como um problema para a moral, segurança e saúde pública.

A marginalização aumentava à medida que o Brasil buscava uma identidade nacional após a independência, e foi adotado o modelo europeu como o ideal, decorrente do eurocentrismo que ainda era vigente em todo mundo. Também contribuía para a marginalização a influência da classe dominante formada por europeus ou descendentes, além da ideia vigente da eugenia, em que os negros eram considerados inferiores. Assim, o perfil do brasileiro ideal era o ariano, de olhos claros e pele branca, realidade um tanto quanto diferente da maioria da população brasileira.

Segundo Freyre (2004), uma das contribuições para a idealização de ter filhos louros de olhos claros pode ser decorrente das bonecas arianas que as meninas do império brincavam, pois as bonecas francesas eram todas semelhantes à raça ariana.

Percebe-se as condições sociais que a população urbana vivia, sem saneamento básico e com risco iminente de doenças, além do quadro político instável e com ideais europeus.

Assim, com o avanço das ciências e da medicina, instauraram-se os ideais higienistas e de eugenia⁵. Dessa forma surge a medicina higiênica e com ela a sexologia⁶,

respaldada pelas teorias sexuais europeias de Willan Acton e Krafft-Ebing, a medicina higiênica brasileira caracterizava a prática sexual como responsável por doenças; via a masturbação infantil (que chamava de onanismo) como nociva e, por conseguinte, precisava ser contida; e intervinha na educação escolar, defendendo o colégio interno como a institucionalização onde a infância e a juventude ficariam a salvo de influências perniciosas (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 18).

Por conseguinte, situam-se nesse momento histórico as obras escritas por Antonio Austregésilo estudadas nesta pesquisa.. Dessa forma, suas obras, assim como a de outros autores das primeiras décadas do século XX foram influenciadas pelos ideais higienistas.

⁵ Eugenia: Termo criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton referia-se às aplicações sociais do conhecimento da hereditariedade tendo como objetivo o melhoramento da raça através da reprodução. No Brasil fazia parte da ideologia de “civilizar” a América Latina.

⁶ Sexologia: Surgimento de um novo campo do saber, que parte do intenso movimento da Medicina com a Sexualidade, denominando a sexualidade como campo oficial do saber médico, com publicações principalmente nas primeiras décadas do século XX (RIBEIRO, 2004).

3 O CONHECIMENTO SEXUAL NO BRASIL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Nesta seção temos como objetivo entender os percursos que a sexualidade e a educação sexual percorreram no campo das Ciências, e como ocorreu a institucionalização do saber sexual pela ciência médica, pelos sacerdotes e educadores. O final dos séculos XIX e início do século XX foi um período de grande efervescência do campo da sexualidade, dominado por publicações que institucionalizaram o saber sexual, em que Antonio Austregésilo esteve entre os pioneiros no campo da medicina por publicar diversas obras sobre sexualidade e educação sexual.

Existiam, nesse momento histórico, diversas áreas distintas estudando um campo comum, a sexualidade. De acordo com Ribeiro (2009), a Sociologia fazia estudos sobre parentescos e casamentos, a Psicanálise indicava uma nova forma de entender o desenvolvimento sexual e os antropólogos, por sua vez, estudavam os diversos povos indígenas, sobretudo seus comportamentos sexuais.

Dessa forma, observamos nesse período um Brasil tomado por conhecimentos sobre sexualidade tanto populares quanto científicos. Os conhecimentos populares seriam as informações das pessoas, das famílias, aprendidos por observação e que foram passados por gerações através de costumes e valores culturais sobre as questões que envolvem este assunto.

No século XIX ocorrem muitas mudanças na sociedade, como descrevemos no capítulo anterior dessa pesquisa. Com o avanço do capitalismo e o crescimento das cidades, a medicina passa a se ocupar das questões sexuais, ao passo que a sexualidade passa a ser vista como uma questão de saúde pública. Dessa forma, a religião, que até então era a única organização responsável pelos interditos à sexualidade, perde seu espaço para a ciência, que passa a ver o sexo apenas com o intuito da reprodução. Assim, a atividade sexual praticada com outra finalidade que não seja a reprodução passa ser um risco à saúde mental e orgânica do indivíduo.

A fim de que a medicina conseguisse se efetivar na prevenção das doenças, houve a formação de uma aliança entre a área médica e o Estado, os governantes apoiaram as pesquisas médicas e sua vigilância efetiva sobre a sexualidade da sociedade, interessados no

controle da saúde, pois o interesse ultrapassava as questões políticas: eles queriam uma forma de controlar o crescimento demasiado da população.

De acordo com Ribeiro (2004, p.17), temos nesse período o segundo momento da educação sexual: “Vamos encontrar, aí, o segundo momento de educação sexual no Brasil: o controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas (originadas na Colônia) sob a normatização da moral médica”.

Dessa forma, a sexualidade passa a ser objeto de estudo da medicina, com outro princípio que vai além do que era proposto pela medicina da Idade Média. Agora a educação sexual passa a ser documentada em livros e manuais através da medicina, cujo objetivo era instruir as famílias moralmente, fisicamente, higienicamente, assim controlando a sexualidade, à medida que esta passa a ter caráter biológico, com um único fim, a procriação. Por conseguinte, qualquer prática sexual que fugisse do propósito biológico era um princípio gerador de problemas mentais e físicos, segundo a medicina do período, que tomou essa proporção em meados do século XIX, porém só teve as publicações em grande escala nas primeiras décadas do século XX.

Loyola nos explica o caráter normatizador e institucional com que a medicina se apropria da sexualidade

Não foi, por exemplo, com objetivos terapêuticos, mas principalmente normativos, que a medicina veio a se ocupar da sexualidade, transformando em postulados científicos, principalmente através da obra de Kraft-Ebing, uma série de interditos e normas sexuais herdadas do Cristianismo, segundo o qual erotismo deveria ser regulado pela exigência de reprodução da espécie e dos ideais de amor a Deus e à família. É na medicina que a sexualidade termina por ser unificada como instinto biológico voltada para a reprodução da espécie e que todos os demais atributos ligados ao erotismo, desde sempre tidos como sexuais, passaram a ser submetidos a essa exigência primordial (LOYOLA, 1998, p.4).

É nesse momento de efervescência dos pressupostos normatizadores da sexualidade que surge o termo “sexologia” como campo da medicina. Todavia, a sexualidade passa a ser objeto de estudo e propagação não só dos médicos, mas de sacerdotes e de educadores, todos impulsionados pelos ideais higiênicos e eugênicos nas primeiras décadas do século XX. Tem-se, neste período, o terceiro momento da educação sexual no Brasil: "*consideramos ser o terceiro momento da educação sexual: a veiculação da importância e necessidade da*

educação sexual através de livros publicados por médicos, professores e sacerdotes, cientificamente fundamentados, que visavam orientar a prática sexual dos indivíduos" (RIBEIRO, 2004, p. 18).

Assim, a medicina e a sexualidade passam a ter uma relação intensa, levando ao surgimento da sexologia como campo oficial do saber médico científico, juntamente com as publicações de Educação Sexual (RIBEIRO, 2004).

A institucionalização do conhecimento sexual ocorre quando médicos, psicólogos, cientistas sociais elaboram, desenvolvem ou se apropriam de teorias e ideias que foram consideradas “científicas” e capazes de dar sustentação àquelas instituições que necessitavam de um discurso “oficial” para atingirem seus objetivos de fazer ciência, propor ações educacionais ou práticas pedagógicas, justificar ideologias, exercer o poder (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 28).

Nesse terceiro período da educação sexual que Austregésilo, autor das três obras estudadas nesta pesquisa, atuou como pioneiro entre os escritores sobre sexualidade da época.

Antonio Austregésilo Rodrigues de Lima nasceu no Recife em vinte e um de abril de mil oitocentos e setenta e seis, mulato e de família humilde. Formou-se médico neurologista no Rio de Janeiro e teve uma carreira brilhante em sua área de estudo, é considerado o pai da Neurologia brasileira. Foi o primeiro a ocupar o cargo de professor catedrático da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de ter sido membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Academia Nacional de Medicina. Foi também um dos precursores da Psicanálise no Brasil e acabou criando um método próprio, associando a neurologia e a psicanálise. Austregésilo, destacado membro da Academia Nacional de Medicina, foi o primeiro catedrático de neurologia da Faculdade Nacional de Medicina, tendo escrito diversos livros de divulgação e aconselhamento, mais ou menos permeados pela teoria psicanalítica (CARRARA; RUSSO, 2002, p. 278-279).

Austregésilo escreveu muitos livros na área de neurologia, distúrbios do movimento, psicologia, sexualidade e até obras literárias, sendo uma delas um romance. Dessa forma, observamos a importância de Austregésilo em diversas áreas do saber.

Em 1928, ao publicar o livro *A neurastenia sexual e seu tratamento*, o professor de clínica neurológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Antonio Austregésilo, dizia ter sido motivado a escrever aquele

pequeno manual devido ao crescido número de consulentes nervosos, atacados de neurastenia sexual que vinha tratando em seu consultório. De fato, alguma coisa parecia acontecer com a libido nacional naquele período, pois, nos anos seguintes, a capital da república iria assistir à realização de cursos populares sobre sexologia, a comemorações especiais, como o Dia do Sexo; iria ouvir emissões radiofônicas sobre sexo e acompanhar, nos jornais diários, notícias sobre campanhas de educação sexual. Periódicos especializados e novas instituições iriam ser criados especialmente para tratar do tema, que parece ter se tornado tão popular a ponto de fazer com que, no Carnaval de 1935, o tradicional clube carnavalesco Fenianos levasse às ruas um carro alegórico chamado “A educação sexual”. Os primeiros sexólogos e psicanalistas iriam então abrir seus consultórios, partilhando a clientela que o professor Austregésilo dizia ser tão numerosa e carente (CARRARA; RUSSO, 2002, p. 274).

Austregésilo acreditava que a sexualidade era um fato biológico, e deveria ser usada apenas para esse fim, ao passo que as exacerbações e os excessos sexuais só trariam complicações físicas e mentais para o indivíduo; esse era o pano de fundo de todos os seus livros sobre sexualidade.

Austregésilo define como *desvios funcionais* do instinto sexual a excitabilidade precoce, as práticas anormais, a indiferença, o homossexualismo, excessos de carinho, crimes sexuais e sonhos eróticos. Faz uma relação entre debilidade do sistema nervoso e o aparecimento dos desvios sexuais (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 29).

Todavia, não era apenas Austregésilo que estava inspirado pelos ideais higiênicos e eugenistas, mas também diversos autores, entre eles, médicos, educadores e sacerdotes, que também participaram ativamente no mesmo período, todos impulsionados para publicar diversos manuais que tinham como objetivo normatizar e controlar a sexualidade. Dessa forma, ocorreu o que os estudiosos da sexualidade chamam de institucionalização do saber sexual.

Segundo Carrara e Russo (2002), os discursos sobre sexualidade no Brasil e na Europa foram proferidos pela classe médica. Esses discursos partiam de um pressuposto que consistia em aumentar a preocupação com a sexualidade e a imoralidade, pois a elas associavam como resultado os diversos males sociais, físicos e psíquicos.

A editora que publicava os livros de Austregésilo era a conservadora Guanabara, como nos mostram Carrara e Russo (2002):

publicava a elite do meio médico brasileiro [...]. Talvez a linha editorial da Guanabara apenas expressasse o desprezo que a elite médica brasileira parecia sentir pela sexologia e seus cultores. [...]. Em 1928, publicava de Antonio Austregésilo o já citado *A neurastenia sexual e seu tratamento*; em 1929, *Conselhos práticos aos nervosos*; e em 1932, *A educação da alma* (CARRARA; RUSSO, 2002, p. 285).

Ademais, vemos um movimento militante nesse período, um resquício do Iluminismo, sendo que em cada região e parte do mundo o foco era diferente; no Brasil, nesse período, por exemplo, ocorrera a luta a favor do divórcio. Em outros países tentavam acabar com as leis que proibiam a homossexualidade. Essa herança do Iluminismo trazia o caráter social, da busca pelo direito social, pelo natural e pela individualidade de cada pessoa (CARRARA; RUSSO, 2002).

Entretanto, de acordo com Reis e Ribeiro (2004), além de Austregésilo, outro autor de destaque desse mesmo período é José de Albuquerque, que teve uma participação muito ativa no movimento, obteve conquistas muito importantes no campo da sexualidade e educação sexual, sendo considerado um visionário à frente de seu tempo. Em 1933, criou o Círculo Brasileiro de Educação Sexual, no Rio de Janeiro, responsável por uma série de iniciativas inovadoras com a temática da sexualidade e educação sexual, como um boletim de educação sexual, conferências públicas, filmes, hino à educação sexual, programa de rádio, cartões postais, museu e uma pinacoteca.

Reis e Ribeiro nos mostram a importância do Círculo Brasileiro de Educação Sexual de José de Albuquerque, referindo que

foi uma instituição com penetração nos mais importantes círculos intelectuais e políticos brasileiros dos anos 30, e contrariamente à ideia de repressão sexual vigente no período, resquício do vitorianismo, pôde difundir seu trabalho de orientar a população nas questões da sexualidade de forma eficaz (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 35).

Assim, em 1937, Albuquerque já propunha uma lei que instituísse o divórcio, a importância da educação sexual e defendia o direito do controle de natalidade.

Além disso, ele referia que as perversões sexuais se originavam no

descuido educacional, que (faz) com que os indivíduos contraíam, nos primórdios de sua vida sexual, vícios que pela sua repetição, os tornam

insensíveis aos excitantes sexuais fisiológicos e os transformam em completos importantes, toda vez que tentem praticar a cópula nas condições normais (ALBUQUERQUE, 1928, p. 26-27).

Segundo Reis e Ribeiro (2004), José de Albuquerque acreditava que práticas sexuais como a sodomia, o “coito bucal”, o onanismo, o sexo com animais, o homossexualismo e o lesbianismo são expressões anormais da sexualidade.

Albuquerque sempre foi um visionário à frente de seu tempo, tanto que foi um dos primeiros escritores daquele período a perceber a necessidade de inserir a educação sexual nas escolas. Sua ideia se aproximava muito do que temos hoje nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois ele acreditava que o tema da sexualidade deveria ser abordado de forma natural, em apenas duas disciplinas: higiene e biologia (RIBEIRO, 2009).

Em seu livro publicado em 1935, intitulado *A educação sexual pelo rádio*, o autor transcreve várias de suas palestras feitas pelo rádio. Em uma delas, Albuquerque faz a distinção entre instrução sexual e educação sexual, explicando que

a primeira leva o indivíduo a diferenciar condutas que convêm, ou seja, a educação sexual está voltada para questões morais, de conduta, de comportamento; a instrução sexual refere-se aos aspectos científicos da função sexual que envolvem a fisiologia, a anatomia e a biologia (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 41).

Outro autor muito importante para o período foi o irreverente Hernani do Irajá, um artista plástico que pintava nus femininos e era formado em medicina. Irajá escreveu diversos livros sobre sexualidade e educação sexual.

Seus livros transcendiam a sexualidade, sua veia artística lhe facilitava escrever sobre os sentimentos, entre eles, o amor, tema recorrente em seus livros. Todavia, o autor acreditava que o amor era o encontro entre duas pessoas de forma mútua, por conseguinte, a união tomada por amor levaria à procriação. Dessa forma, o autor compartilhava a mesma ideia que os outros autores do terceiro momento da educação sexual, no qual a procriação passa a ser a única finalidade do ato sexual.

De forma breve, Reis e Ribeiro (2004, p.45) nos revelam como Irajá entendia o amor. Segundo ele, “o amor normal é dividido em amor fisiológico e psicológico, e deve apresentar

um certo equilíbrio entre esses elementos, pois se o amor não for assim torna-se patológico. Para Irajá, no amor normal o desejo genital torna-se secundário”.

Hernani de Irajá escreveu sobre diferentes temas do campo da sexualidade e educação sexual, e ainda abordou algumas formas de expressão da sexualidade vistas como anormais e desviantes naquele período (REIS; RIBEIRO, 2004).

Já Imídio Giuseppe Nérici, outro autor que, em 1958, era professor da Faculdade de Filosofia de Taubaté, partia de alguns pressupostos diferentes dos autores estudados anteriormente. Seus principais livros tratavam da orientação de pais e educadores sobre a importância da educação sexual para crianças e adolescentes, já que ele acreditava que o mau humor e o melindre das crianças e adolescentes eram originados por razões sexuais (REIS; RIBEIRO, 2004).

Nérici acreditava que a educação sexual era de extrema importância para que o indivíduo possuísse uma sexualidade natural e adequada, evitando, assim, desvios de comportamento. Como Reis e Ribeiro (2004, p. 64) descrevem, “sobre a evolução sexual, o autor parece se pautar na psicanálise, falando sobre fases do desenvolvimento sexual. Retrata a importância de o educador estar atento a estas fases e cuidar para que não haja fixação ou regressão”.

Assim, ele defendia que a educação sexual deveria existir nas escolas desde a educação primária. Diferentemente dos autores do período, Nérici não vê a masturbação como uma prática proibida, pois acredita que faz parte da idade e do reconhecimento do próprio corpo do adolescente. Acrescentava que à medida que se aumentasse as atividades que ocupassem o adolescente, ele, conseqüentemente, diminuiria a frequência do ato masturbatório (REIS; RIBEIRO, 2004).

De fato, vários autores trabalharam nesse período, com diversas temáticas diferentes sobre a sexualidade, porém não iremos abordar todas nesta pesquisa, mas a partir do que foi estudado, tornou-se evidente a similaridade existente entre as obras, com exceção das obras de Nérici. Assim, a normatização da sexualidade e o excesso de pudor no sexo eram os pressupostos que norteavam a grande maioria dos autores.

O objetivo era que as pessoas seguissem as orientações consideradas lícitas para a moral da época. Os livros pareciam uma espécie de manual ou cartilha, em que estavam

escritas todas as práticas sexuais normais, as patológicas e, ainda, as que levariam a patologias posteriores se praticadas.

O sexo era visto, nessas obras, apenas para fins biológicos, por isso a importância da educação sexual, para evitar os excessos sexuais que, segundo os autores do período, levariam às patologias físicas e mentais. Os livros escritos por médicos eram pautados pelos pressupostos científicos, porém, associados à moral religiosa. Então, o tipo de educação sexual proposto, na verdade, era uma forma de ditar condutas e normas aceitas moralmente naquela sociedade.

Dessa forma, percebemos que Antonio Austregésilo e outros autores das primeiras décadas do século XX influenciaram educadores a consolidarem o quarto momento da educação sexual, que ocorreu em 1960. Esses educadores introduziram de forma prática e efetiva a educação sexual em escolas de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro (REIS; RIBEIRO, 2004).

Neste momento, é importante atentarmos para a colocação que Ribeiro (2004) faz quando a educação sexual é introduzida nas escolas. Assim, passamos a chamar essa prática de “orientação sexual”, com o objetivo de distinguir das ações de educação sexual realizadas anteriormente. Como Ribeiro (2004, p. 19) descreve: “consideramos a orientação sexual como uma ação educativa que pode ocorrer na escola a partir de um trabalho sistematizado e organizado com a participação de professores e profissionais treinados para este propósito”.

Segundo Ribeiro (2004), a orientação sexual foi inserida em diversos colégios do Brasil, como na cidade de Belo Horizonte, no Rio de Janeiro e em São Paulo. As características dos programas de orientação sexual eram diferentes em cada colégio. No Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo aconteciam seminários semanalmente sobre temas sugeridos pelos próprios alunos que envolviam sexo e racismo. Já no Colégio André Maurois foi proposto pelos alunos que as aulas de orientação sexual fossem ministradas com classes mistas, sendo que, no início, o tema era pautado na reprodução humana apenas com viés biológico, mas logo os tópicos evoluíram para todos os medos e dúvidas dos adolescentes. A maioria dos colégios fazia aulas em grupos ministradas por orientadores sexuais, acompanhados de um professor de ciências para satisfazer as dúvidas que partissem para o campo biológico.

Todavia, essas iniciativas não tiveram um longo percurso, pois foram interrompidas pelo Golpe Militar de 1964, quando as atitudes e comportamentos considerados opróbrio e imorais foram reprimidos, junto das manifestações políticas e sociais. Desse modo, as manifestações e expressões dos comportamentos precisavam ser reguladas a favor dos bons costumes e da moral. Assim, nessa época professores foram denunciados, a censura foi intensificada e o país foi tomado por uma onda de puritanismo, como relatam os estudiosos desse período (RIBEIRO, 2004).

O recrudescimento da repressão atingiu também aquelas escolas renovadoras, cujo trabalho acabou por ser interrompido. Os tempos não pareciam mais favoráveis a que se falasse abertamente sobre sexo. Escolas foram fechadas, professores foram denunciados, alguns foram até processados quando se arriscavam a dar orientação sexual. A partir de 1968, houve um retrocesso em matéria de educação sexual que, na verdade, acompanhou a *onda* de puritanismo que invadiu o país naquela época e que se manifestou, principalmente, pela intensificação do rigor da Censura (BARROSO; RUSSO apud RIBEIRO, 2004, p. 21).

Todavia, de acordo com Reis e Ribeiro (2004), a partir de 1978, com a abertura política, são retomadas algumas ações de educação sexual, especialmente as da Prefeitura Municipal de São Paulo e da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo. Desse modo, inicia-se o quinto momento da educação sexual no Brasil, que é marcado pela iniciativa dos órgãos públicos de ensino terem assumido os projetos de orientação sexual nas escolas.

Em São Paulo foi criada, em 1978, uma Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP), que tinha como objetivo desenvolver um sistema de orientação sexual nas escolas. Primeiramente fizeram um levantamento das necessidades dos alunos, posteriormente, houve um grande treinamento dos profissionais da educação juntamente com o auxílio pedagógico e, finalmente, o projeto foi aplicado nas escolas pelos seus próprios educadores como um programa de orientação sexual (RIBEIRO, 1990).

Assim como a CENP, vários outros programas de orientação sexual foram implantados no período, como o da Fundação Carlos Chagas com a sexóloga Maria Helena Matarazzo, programa que conseguiu executar a orientação sexual nas escolas e na rádio, de forma inédita na América Latina até o período (BRUSCHINI; BARROSO, 1986).

A sexóloga Marta Suplicy também contribui com a divulgação da orientação sexual na sociedade através de um espaço em um programa de televisão. A implantação desses

programas e a divulgação da importância da orientação sexual para as crianças e jovens acabaram por ocasionar um movimento no meio acadêmico que levou professores de universidades e alunos a começarem a estudar o tema e a desenvolver pesquisas para contribuir com o avanço científico na área da sexualidade e educação sexual (BRUSCHINI; BARROSO, 1986).

Não obstante, mesmo com a efetivação de alguns programas de orientação sexual e de ampla discussão do tema, os objetivos esperados nessas ações não foram atingidos, por diversos problemas existentes no percurso das ações, como nos mostra Ribeiro (2004, p. 159-160):

... apesar do mérito de provocar algum debate sobre o tema na escola, as iniciativas de orientação sexual da época se deparavam com várias dificuldades: a) resistência ao debate sobre o assunto; b) poucos recursos financeiros disponíveis; c) receio dos dirigentes das Delegacias de ensino de que o projeto não daria certo, considerando o tema a ser abordado, isto é, pouca credibilidade e pouco incentivo às propostas; d) dúvidas operacionais quanto à implementação: qual seria a idade escolar mais adequada dos alunos envolvidos, que tipo de professor seria responsável; qual a maneira adequada de informar sem intervir nos valores familiares; e) desinteresse dos pais para participarem ativamente do programa e, ainda, f) dificuldades específicas ao próprio planejamento do programa como: carga horária, acompanhamento das atividades e falta de material didático e de bibliografia no assunto (RIBEIRO, 2004, p.159-160).

O fator que mais contribuiu para o fracasso dos programas foram as influências de políticas públicas, principalmente nas mudanças de mandato ou de direção, à medida que projetos são criados e implantados na educação, mas não existem incentivos posteriores para que os programas continuem, tampouco são avaliados para medir sua eficiência (FRANÇA RIBEIRO, 1995), situação que, infelizmente, é recorrente em nosso país.

Somente após a criação da LDB, em 1996, a Orientação Sexual obteve o reconhecimento na Educação Brasileira, como percebemos em Ribeiro (2004, p. 23-24)

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases “Darcy Ribeiro” em dezembro de 1996, e o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais como linhas a serem seguidas para se concretizar a meta da educação para o exercício da cidadania, a Orientação Sexual teve um reconhecimento oficial de sua necessidade e importância enquanto ação educativa escolar (RIBEIRO, 2004, p. 23-24).

Dessa forma, com o surgimento da nova LDB e as sugestões de orientação sexual e da sexualidade no currículo, temos o início do sexto momento da educação sexual no Brasil. Com isso, podemos perceber uma mudança acentuada dos paradigmas neste sexto momento, em que parece que, de fato, o indivíduo tornou-se peça central, visto como um ser humano dotado de direitos, tratado com dignidade para que possa vivenciar sua sexualidade de forma absoluta (RIBEIRO, 2004).

Enfim, esse último momento, que abrange o período atual, possui como eixo central a formulação dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, em que a Educação Sexual entra como tema transversal nas escolas brasileiras

A escola, ao definir o trabalho de Orientação Sexual como uma das suas competências, o incluirá no seu projeto educativo. Isso implica uma definição clara dos princípios que deverão nortear o trabalho de Orientação Sexual e sua clara explicação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo dos alunos. Esses princípios determinarão desde a postura diante das questões relacionadas à sexualidade e sua manifestação na escola, até a escolha de conteúdos a serem trabalhados junto aos alunos. A coerência entre os princípios adotados e a prática cotidiana da escola deverá pautar todo o trabalho (BRASIL, 1998, p. 299).

Porém, mesmo que conste a orientação sexual no Currículo Nacional da Educação, sabemos que, para que ocorra sua efetivação na prática, ainda é necessário percorrermos um longo percurso, pois falta formação especializada dos educadores para lidar com essa prática educativa, consequência de uma lacuna existente em sua formação acadêmica, visto que a maioria das universidades ainda não possui esse tema na grade escolar de formação dos docentes.

4 A NEURASTENIA SEXUAL E SEU TRATAMENTO

Para a realização desta pesquisa utilizamos a segunda edição do livro *Neurastenia Sexual e seu tratamento* de Antonio Austregésilo. A primeira publicação deste livro é de 1919.

4.1 Sexualidade e Nervosismo para Austregésilo

4.1.1 Recortes sobre História da Sexualidade: em foco as obras de Austregésilo

Ao longo do livro *Neurastenia Sexual*, o autor expõe conteúdos históricos sobre a sexualidade e educação sexual, passando por diversas civilizações e diferentes momentos históricos, além de utilizar metáforas sobre os povos da Antiguidade para justificar seu pensamento higienista, comum no período que o livro foi escrito. Dessa forma, elencamos alguns recortes trazidos pelo autor sobre a história da sexualidade.

O autor nos apresenta ideias diversas sobre a sexualidade, sendo que a maioria dos recortes feitos por ele é referente ao período da Antiguidade e Idade Média.

Segundo ele, desde os povos indianos da Antiguidade, a sexualidade já era vista como algo preocupante, ligada a fatalidades do instinto sexual (AUSTREGÉSILO, 1928).

Na Antiguidade, a sexualidade era vinculada às crenças e ritos religiosos, e as relações afetivas, em diversos momentos, eram atreladas às relações estabelecidas pelas regras sociais, principalmente, pelas divisões de classes socialmente instituídas.

Assim, de acordo com Austregésilo, o amor e o sexo resultam em trágicas consequências para o indivíduo e para a sociedade, principalmente quando atravessam os acordos sociais estabelecidos. Por conseguinte, o amor se transforma em lutas e tragédias de sangue, há a associação do amor e sexo às tragédias da carne, como destaca o autor: "as lutas apaixonadas, as cenas crudelíssimas de sangue, os crimes amorosos, as torturas da alma, as vinganças cruéis, as turvações de ânimo e as glorificações prazerosas da carne, encontraram sempre, no pensamento e no sentimento, fortes ecos e perenes moradias" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 8).

Nesse recorte percebemos a associação da sexualidade e do sexo aos prazeres voluptuosos e a relação com a ambivalência do amor e o ódio, porém prevalecendo em sua fala o atrelamento da sexualidade aos fatos ruins e sórdidos, como guerras, mortes e derramamento de sangue.

Entretanto, antigas religiões do Oriente tinham como norte o amor frutífero e digno, e rejeitavam os encantos da carne, assim como o Cristianismo, e elas se pautavam na necessidade da perpetuação da espécie, para práticas sexuais, fortemente relacionadas ao sagrado (AUSTREGÉSILO, 1928).

Austregésilo utiliza figuras mitológicas para explicar os devaneios dos prazeres da carne, e destaca a relação desses prazeres com as religiões da Antiguidade e da Idade Média, relacionando aos cultos e festas pagãs também a ligação dos povos antigos com o paganismo, com a luxúria fazendo menção às depravações comuns a esse período, citando relatos de diversos estudiosos e historiadores. Segundo Ribeiro (2005), Roma, com as invasões bárbaras, foi tomada por práticas e ritos religiosos ligados à terra e à fertilidade. Os cultos envolviam as práticas sexuais, relacionando-as com a fertilidade, que ocorre no período do plantio e da colheita. Logo, essa exacerbação da sexualidade só diminuiu com o surgimento do Cristianismo e a ideia de castidade, porém, não se extinguiu.

Assim, Austregésilo cita Baco, Deus do vinho e dos excessos, principalmente os sexuais. Ressalta que Roma foi dominada por Baco, onde as práticas sexuais eram comuns em meio às festas e cerimônias religiosas. Dessa forma, o autor, baseado em seus princípios, critica a atitude dos romanos ao se entregarem aos prazeres mundanos. O autor escreveu um trecho para descrever Roma antiga e seus ritos religiosos,

o culto de Baco estendeu-se, espantosamente, como um incêndio coroado de obscenidades e crimes. E os ritos religiosos romanos e as festas alegres da sexualidade confundiram-se, completaram-se, misturaram-se em analogias instintivas e fatais. Em todo povo romano passava o vento forte dos prazeres mundanos; Roma matava-se com os erros do Pão e os erros do Amor, e a antiga cidade luz iluminava o cérebro e deturpava o corpo, com as extravagâncias morais próprias do início da decadência dos povos (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 38).

Percebemos na observação de Austregésilo a relação que o povo da Roma antiga fazia entre a sexualidade e as divindades. Como sabemos através dos estudos históricos, a princípio

a civilização romana era politeísta, pois acreditava em vários deuses antes da consolidação do Cristianismo. E associava esses deuses com seus eventos cotidianos, como a produtividade que vinha da terra, o plantio e a colheita, ambos eram relacionados à fertilidade da terra e à fertilidade humana, levando a ritos religiosos vinculados ao sexo e aos prazeres da carne como forma de reverência aos deuses.

De acordo com Stearns (2010), desde os primeiros séculos do Cristianismo, a religião pregava o repúdio aos prazeres sexuais, colocando a negação da sexualidade como o caminho para a espiritualidade.

Austregésilo se apropria dessa ideia imposta pelo Cristianismo em seus primórdios, associando o amor e o sexo aos perigos satânicos, utilizando a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden para exemplificar o perigo dos prazeres voluptuosos, além de ressaltar que não apenas o Cristianismo menosprezou a sexualidade, mas diversas religiões pregavam a associação da castidade à evolução espiritual. Por conseguinte, utiliza as figuras simbólicas do Diabo associadas à sedução dos prazeres do sexo e a Serpente representando o pecado cometido ao ceder aos prazeres sexuais,

o menosprezo em que as religiões colocaram o amor terreno indica o perigo dele; e o fruto proibido paradisíaco, a serpente traiçoeira e vigilante demonstram, simbolicamente, a força caudalosa do amor, que conduziu Adão e Eva à desobediência e ao pecado, o que prova para os fins da sexualidade, a sedução de Satan foi mais forte que os preceitos divinos (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 9).

Logo, percebemos a relação que o autor faz entre o sexo e o pecado utilizando as figuras mitológicas do Cristianismo para instaurar a culpa nos indivíduos que caírem nas tramas dos prazeres mundanos. Esta era uma forma de controlar a sexualidade justificando os preceitos higienistas através da religião.

Todavia, o autor também retrata os diversos pontos de vista sobre a sexualidade que existiam entre as religiões, à medida que essas diferenças se perpetuaram ao longo do tempo citando o Islamismo em uma comparação com o Cristianismo.

Stearns (2010), define o Islamismo dizendo que seu

surgimento e a rápida difusão do Islamismo após 600 a.C. foi uma das principais novidades do período pós-clássico, com profundos impactos na

África, Europa e várias partes da Ásia. Com raízes no Judaísmo e no Cristianismo, que o profeta Maomé reconhecia como os precursores fundamentais do Islamismo [...] Islamismo e Cristianismo apresentavam entre si semelhanças [...] Na sexualidade, contudo, havia algumas distinções notáveis, refletindo intrigantes diferenças de crença: ainda que o Islamismo impusesse regras rígidas sobre aspectos do comportamento sexual, não refletia a desconfiança básica com relação à sexualidade, tão característica dos primórdios do Cristianismo... (STEARNS, 2010, p. 95).

Austregésilo (1928, p. 148) destaca que, para os muçumanos, a poligamia do homem era um princípio religioso, visão explicitamente contrária ao Cristianismo: “os preceitos religiosos dizem respeito à ética em geral e manifestam-se variáveis, segundo as épocas e as próprias religiões. Entre os muçumanos a poligamia é preceito religioso, ao passo que é condenável pelo Cristianismo”.

4.1.2 Instinto Sexual e a Psicanálise

O instinto sexual é citado pelo autor ao longo do livro à medida que justifica o surgimento da neurastenia e para explicar as diversas patologias que surgem com a obtenção dos prazeres, oriundos das pulsões do instinto sexual. Por conseguinte, a Psicanálise é utilizada pelo autor em diversos momentos, para as reflexões sobre a neurastenia sexual, principalmente quando utiliza a ideia de instinto sexual que faz parte da teoria psicanalítica. Percebemos no livro estudado que Austregésilo era um admirador de Freud e de sua teoria, à medida que utiliza diversos conceitos da teoria freudiana.

Compreendemos que o pensamento do autor tende a refletir os ideais vigentes da época, que pairavam no momento histórico no qual vivia, em que existia o avanço dos estudos psicopatológicos, ligados à propagação dos estudos psicanalíticos, sobretudo na medicina, mais especificamente na Neurologia e Psicopatologia que eram suas áreas de atuação. Logo, os conceitos da psicanálise foram utilizados pela medicina higienista, ao passo que atribuíram como causa primária das psicopatologias os excessos sexuais tomados pelo instinto sexual.

Outra característica da Medicina brasileira das primeiras décadas do século XX foi a ambiguidade e a contradição ao desenvolver e difundir a sua ideologia, pois, ao mesmo tempo em que influenciava pelo ideal higiênico e eugênico, defendia a Psicanálise e sua inserção no meio médico e

educacional. Os célebres nomes da Medicina desta época tinham um pé na normatização higiênica e outro no inconsciente da Psicanálise (RIBEIRO; FIGUEIRÓ, 2009, p. 134).

Austregésilo diz que o excesso ou o descontentamento dos instintos sexuais dão origem aos enfermos, além de afetar a saúde coletiva e o meio social da humanidade como um todo. Assim, Austregésilo (1928, p. 10) descreve que “não são poucos, senão muitíssimos, os sofrimentos, as moléstias do sentimento que se originam da insatisfação ou do abuso do instinto sexual.”

Para ele, "a sexualidade em si não é moral, nem imoral; é o desejo, o instinto reprodutor da espécie. Os grandes desvios ou erros desta função podem prejudicar o bem, ou a saúde pessoal, ou a colectiva, o meio social, ou humanidade em si" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 147).

Analisando este recorte do livro, percebemos a ambiguidade dos autores desse período ao misturarem em suas obras os conceitos psicanalíticos aos pressupostos higiênicos, além de associarem as práticas sexuais aos problemas coletivos, sociais e à saúde pública.

Todavia, de acordo com a teoria freudiana, a definição de instinto é um estímulo aplicado à mente, como uma necessidade do indivíduo, sendo que esse estímulo é produzido pelo próprio organismo, não advindo do mundo exterior. Dessa forma, o estímulo aparece na mente, originado no próprio organismo, fazendo uma ligação entre corpo e mente, um conceito que surge no término entre o somático e o mental. Então, a finalidade do instinto é a satisfação, eliminando deste modo a fonte de estímulo do instinto total ou parcialmente; no caso do instinto sexual, a biologia nos ensina que a finalidade ultrapassa o indivíduo, pois remete sempre como causa final a propagação da espécie.

Portanto, Austregésilo se apropria dos conceitos de instinto sexual como uma causa biológica de perpetuação da espécie. Contudo, extrapola o conceito freudiano, utilizando outros teóricos que o ajudam a propagar os ideais higiênicos vigentes na época.

Este capítulo da patologia, que era vasto, nos últimos momentos da ciência tomou grande impulso e alargou-se espantosamente. É que, pouco a pouco, os finos psicólogos e analistas famigerados vão procurar, em elementos aparentemente estranhos, as raízes principais das psiconeuroses no instinto multiplicador, que se mascara e se transforma tanto, que, à primeira vista, o inexperto de psicologia fica embaraçado em filiar na sexualidade o amor maternal ou filial, etc., etc. A vida sexual não é mal nem um bem – é uma

fatalidade biológica. O homem deve tudo fazer para aperfeiçoá-la e não para deturpá-la e, mesmo se quiser, fa-la-á um bem. Como diz o magnífico Forel, "considerada, no aspecto elevado, a vida sexual é tão bela, quanto boa" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 11).

Logo, Austregésilo acredita que a maioria dos autores em algum momento de sua trajetória, como ele, tratou de forma biológica ou filosófica das questões do amor e da sexualidade. Contudo, de acordo com Austregésilo, o autor que mais obteve destaque e que foi mais além, delineando uma teoria sobre o assunto foi Freud.

muitos são os escritores que se ocuparam com o instinto sexual do amor, síndrome natural, decantada por centenas, quer no aspecto literário, quer filosófico, propriamente dito. Não há talvez nenhum escritor célebre que não tenha tratado do amor, desde o religioso até o incrêdo, desde o anatômico até o filósofo. De todos, porém, o que levou mais além o ousio do conceito foi, inegavelmente Freud, que, partindo do princípio geral da universalidade orgânica do instinto reprodutor do homem, colocou no limiar causal das psiconeuroses e de muitas psicoses os desvios psicológicos do instinto sexual ou da libido (AUSTREGÉSILO, 1928, p.41).

Nesse trecho observamos que o autor justifica a forma como escreve seus livros, onde utiliza os conceitos psicanalíticos do instinto, conceitos religiosos, literários e filosóficos para explicar seu conceito sobre a sexualidade e os males que ele acredita que possam ocorrer através dela. E ainda faz uma referência a Freud, entre tantas outras que encontramos no seu livro sobre o pai da Psicanálise. Nesta, ele exalta a magnitude e eficiência de Freud ao escrever seus livros com a utilização dos pressupostos do instinto e da libido para justificar os desvios psicopatológicos.

Recorreremos a Freud para entender o termo pulsão sexual, que explica as necessidades sexuais do indivíduo, a partir dos pressupostos biológicos do instinto:

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma "pulsão sexual". Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão] uma designação equivalente à palavra "fome"; a ciência vale-se, para isso, de libido (FREUD, 1996, p. 128).

Porém, por mais que o autor ressalte o lado biológico e fecundo da reprodução, deixa claro também a polaridade existente no fato: "não há talvez nenhum afeto que se não origine

do instinto reprodutor” (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 25). Assim, nos mostra o quanto esse ato é retratado pela arte, poesia e filosofia, utilizando o recurso simbólico para expressá-la.

descrevem, sempre, a morbidez, ora voluptuária, ora obsidente do amor, e sem querer, estes autores de gênio contribuem para o acervo clínico da patologia e para a confirmação da influência das comoções, sobretudo apaixonadas, na origem e formação dos grupos mórbidos das psiconeuroses. É que os poetas, romancistas, filósofos, e naturalistas reconhecem sempre a influência fatídica, que o instinto da sexualidade exerce na desarmonia da acção nervosa individual e coletiva da humanidade, como *fons et origo* de muitas neuro-psicoses (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 46).

Assim, percebemos na explanação do autor novamente um recurso que ele utiliza ao longo de seu livro, quando recorre às obras filosóficas, artísticas e poéticas para descrever e justificar seus ideais sobre as psicopatologias sexuais.

Austregésilo, envolvido pelos ideais higienistas, relata-nos os perigos que a humanidade enfrenta devido à loucura das paixões e prazeres voluptuosos que se originam no instinto sexual, levando os indivíduos a diversas mazelas e doenças que destroem sentimentos e almas, inerentes à condição humana, ao mesmo tempo faz o discernimento entre a definição de instinto sexual como algo inato ao ser humano, oriundo da natureza animal do homem.

Para ele, o amor seria uma cilada existente para propiciar a propagação da espécie, dessa forma, reafirmando a ideia biológica do instinto sexual. Assim, Austregésilo (1928, p. 11) descreve: “entre os ideais de felicidade, computados pelo homem, o amor aparece, inegavelmente, como um dos mais notáveis e fatais” e ao longo do seu livro afirma: “o instinto sexual é uma força da natureza. O amor foi a maior armadilha posta por ela a serviço da conservação da espécie humana” (p. 47).

Em suas palavras, "amar é procriar, dizem os filósofos e biólogos, e assim deveria ser. Porém o homem de ordinário, quando ama, não pensa na procriação, senão no egoísmo sensorial da epilepsia brevis, no prazer, na convulsão das moléculas nervosas que o entorpecem e saciam" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 12).

Observamos mais um recurso que o autor utiliza ao longo de seu livro: a ambivalência entre a filosofia e a biologia no conceito da sexualidade.

Entretanto, o autor cita como exemplo os estudiosos Roux, Forel e Freud, autores que trabalham com ideias nítidas de que a função psicológica do homem está totalmente ligada à

função sexual, atribuindo, dessa forma, ao instinto sexual toda realização do homem, sejam realizações boas ou más, à medida que o sucesso do indivíduo ocorre a partir do controle dos instintos sexuais existentes nele próprio.

As ideias de Roux, Forel, Freud, são, às vezes, tão claras, claras e filosóficas, que a razão não pode deixar de aceitá-las. O absurdo das concepções é apenas aparente. A formação psicológica do homem está presa à função sexual; e a vida afectiva, intelectual, desportiva, aventureira, guerrenta, mórbida ou equilibrada vai encontrar a explicação psicológica no instinto sexual, que domina o homem desde o nascimento até a morte, desde os triunfos sociais até a decadência psíquica dos dementes. Tal é a doutrina pansexualista de Freud (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 13).

Na citação que o autor faz de Forel, um outro autor recorrente ao longo de seu livro, percebemos a ideia da necessidade biológica do instinto sexual. Entretanto, para ele, a sociedade só estará bem quando a humanidade conseguir alcançar o controle dos instintos sexuais dos indivíduos: "de acordo com os naturalistas e filósofos a questão do instinto sexual é fundamentalmente importante, pois, segundo Forel, a felicidade e o bem-estar da humanidade dependem, em grande parte, da boa solução deste magno problema biológico" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 47).

Percebemos através dos textos e reflexões que Austregésilo traz sobre este autor, que ambos compactuam do mesmo raciocínio sobre a sexualidade e o ato sexual em si, pois ambos partem do pressuposto biológico e sinalizam a necessidade do controle da sexualidade para que ocorra uma melhor situação social da humanidade.

Neste outro trecho Austregésilo utiliza Forel para atribuir a responsabilidade ética que recai sobre o homem:

Como grande mandamento de ética social aconselha Forel: "Deves prestar atenção ao teu desejo sexual em suas manifestações e em tua consciência, e principalmente em teus actos sexuais; não debes prejudicar, nem a ti, nem a outro, e sobretudo a raça humana, e debes compenetrar-te com energia para aumentar o bem estar de cada um e de todos." (FOREL [19_ _?] apud AUSTREGÉSILO, 1928, p. 147).

Todavia, o autor cita a definição e função dos sonhos para Freud como uma válvula de escape para as pulsões dos instintos sexuais, além de se remeter a uma das patologias mais estudadas por ele em sua clínica médica, a histeria:

estudo actualmente um novo conceito das psiconeuroses, baseado, exclusivamente, na anomalia dos sentimentos, que, inconstantemente, se acham muito presos à esfera sexual, ou às paixões amorosas. A sugestibilidade é o aparelho motor dos sintomas clínicos, a comotividade sexual, o *primum movens* para despertar o cérebro histérico (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 49).

A histeria seria um estado doentio que se instala nos neuróticos, através de sintomas somáticos como os distúrbios de sensibilidade, perturbações da motricidade, distúrbios sensoriais, insônias, desmaios, alterações da consciência, inteligência ou memória. Dessa forma, o indivíduo tomado pela histeria vivencia uma fantasia inconsciente que permeia todos seus relacionamentos. A insatisfação domina o histérico, sempre se colocando na condição de vítima infeliz (NASIO, 1991).

Porém, Austregésilo não se aprofunda nos estudos sobre histeria em seu livro *Neurastenia Sexual*, apenas relata brevemente as aparições dessa patologia em seu trabalho como neurologista:

No serviço do Ambulatório de Neurologia do Hospital da Misericórdia tenho frequentemente surpreendido, na alma desta casta de doentes, estados psicomorais que se relacionam directa ou indirectamente com a esfera sexual. Resta-nos, entretanto, a eterna dúvida de sabermos o que é causa, ou efeito na questão. A psicanálise tem progressivamente demonstrado o factor psico-sexual na histeria, que se apresenta segundo Freud como um desvio e um mascaramento da libido infantil (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 22).

Austregésilo faz algumas menções em seu livro sobre a histeria sempre relatando seu espanto pelo aumento de pacientes histéricos que chegavam até sua clínica particular e no hospital em que trabalhava. Mas, como seu enfoque no livro é a neurastenia sexual, principalmente a masculina, ele trata sempre brevemente da histeria, mesmo porque essa é uma psicopatologia que acometia as mulheres em maior quantidade do que os indivíduos do sexo masculino.

4.1.3 Educação Sexual e Discurso Higienista: os males provocados por consequências do sexo e do amor

Como já foi mencionado nesta pesquisa, Antonio Austregésilo escreve nas primeiras décadas do século passado, período de intensa efervescência dos ideais higiênicos e de eugenia, que surgem no cenário nacional a partir do avanço das pesquisas em medicina que ocorrera na época, além da influência que sofriam da literatura estrangeira, de pesquisadores e de autores que defendiam essa temática. O discurso higienista é introduzido, no início da obra, percorrendo todas as páginas do livro à medida que evidencia os perigos de contágio que o sexo transmite, com menção a suas inúmeras doenças, além de fazer a associação aos distúrbios nervosos e às anomalias do instinto sexual.

Austregésilo (1928, p. 22) descreve que “todas as discussões e doutrinas servem para demonstrar o papel da sexualidade no desenvolvimento das psiconeuroses, quer como causa, quer como efeito, quer formando círculos viciosos patológicos”.

Segundo Ribeiro (2009), a medicina do início do século XX passou a cuidar da normatização da sexualidade; dessa forma, as pesquisas científicas passaram a ter como foco as normas e princípios reguladores das práticas sexuais e a biologia passou a dominar o erotismo sexual, pois o sexo começou a ser aceito apenas com um único objetivo, o da reprodução humana.

Os estudos do autor relacionavam os pacientes com males psicopatológicos, que atendia em seu consultório ou no hospital em que prestava atendimento. A sexualidade sempre tinha uma ligação específica e importante com a doença, normalmente o papel central. Assim, de acordo com o autor, a sexualidade era a causa ou o efeito da patologia. Austregésilo nos mostra os caminhos que a medicina tomara, deixando nítidos os pressupostos higiênicos e interdições da sexualidade nesse recorte de sua obra, o que pode ser notado em seu próximo comentário:

É frequentemente aos clínicos que as almas sofredoras vão confiar as suas dores e maguas oriundas da sexualidade e, muita vez, aos confessores, e só eles podem avaliar as angústias morais que conduzem os nervosos a sofreres inenarráveis. As doutrinas sexualísticas da histeria, neurastenia, psicastenia ou da psiconeurose da angústia (aporioneurose), são filosóficas e clínicas. Tenho, ultimamente, entrado em pesquisas nosogênicas a tal respeito. Nos estados mórbidos citados é muito difícil separar a sexualidade; porém a

maior dificuldade está em saber, na questão, o que é causa, ou efeito. Chegaremos a este dilema: ou a neurose e a psicose são de causa sexual, ou a sexualidade representa um sintoma da doença. A minha longa vida de neurologista e psiquiatra autoriza-me a acreditar que, em quase todas as psicoses, senão em todas, a sexualidade entra como factor importante. Na história dos alienados de toda casta há sempre delírios e actos que giram em torno do sexualismo e isto pude testemunhar, quer no Hospital Nacional dos Alienados, quer na clientela particular. Na loucura maníaco-depressiva, na demência precoce, na paralisia geral, nas psicoses tóxicas sobretudo a alcoólica, nos delírios obnubiladores dos epilépticos, nas psiconeuroses, na imbecilidade e idiotia, consegui, quase sempre, senão sempre, surpreender anomalias sexuais. As idéias delirantes movem-se, amiúde, com os pensamentos eróticos, místicos, persecutórios, cujo fundo, às vezes, reside no psico-sexualismo (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 15-16).

Nesse extenso trecho citado acima, conseguimos perceber de forma nítida a essência do pensamento do autor: ele afirma e reafirma ao longo de seu livro a sexualidade como causa principal das psiconeuroses, estabelecendo uma relação intrínseca entre ambas levando ao questionamento do que vem a ser a sexualidade nestas psiconeuroses como sendo causa ou o próprio sintoma delas.

Todavia, percebemos que o autor considera a educação sexual como uma função do médico, característica própria do período, dominado pelos pressupostos normatizadores e ideais higiênicos. Nesse cenário, esta educação era vista como uma função social do médico que podia orientar as crianças, jovens e as famílias, tanto em suas clínicas particulares, como no serviço público, embora mencione a dificuldade do médico em atingir toda esfera social, para fazer a profilaxia e os ensinamentos que envolvem a sexualidade e as psicopatologias oriundas delas. Entretanto, Austregésilo (1928) diz que alguns pedagogos suíços e americanos acreditam que se fizerem um trabalho de orientação da sexualidade utilizando meios mais práticos e de ensinamentos, podem, dessa forma, amenizar a ideia de repúdio e vida desvirtuada.

Austregésilo faz reflexões e questionamentos sobre a sexualidade e educação sexual com o propósito de profilaxia das psicopatologias que envolvem a sexualidade. Segundo ele,

vários problemas de medicina, de higiene, de ética surgem dessas noções. Devemos dar educação sexual aos rapazes e às moças? A profilaxia das psiconeuroses deve ser baseada nessa educação? Até aonde poderia ir o médico, se ensinasse pública ou particularmente às crianças, aos puberes, aos casais, aos solteiros, ao homem modernos os perigos da sexualidade? A esfera moral e de acção do sexualismo é tão delicada e tão presa ao homem,

que a dúvida atormentadora domina o clínico e especialmente o neuriatro. Se realmente o substrato psicológico das psiconeuroses está no sexualismo anormal ou mal dirigido, pareceria, *prima fácies*, ser fácil a higiene e a curabilidade de tais estados enfermos. Ora, nenhuma dificuldade se nos depara maior do que a de cuidar de coisas sexuais nas famílias, nas escolas e na clientela (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 23).

É no decorrer das primeiras décadas do século XX que há a inserção da família como importante auxiliar e propagadora da efetivação dos pressupostos médicos normatizadores, baseados nos ideais higiênicos. É neste século que surgem os primeiros estudos que defendem a importância de os jovens e as crianças terem acesso à educação sexual (RIBEIRO, 2009).

Austregésilo alerta os educadores, médicos e pais sobre a fase doentia que o jovem moderno atravessa, tomado por uma avalanche de desejos estimulados pelo instinto sexual, ao passo que, associados aos novos estímulos e práticas que a sociedade moderna traz, facilita os diversos atos sexuais e masturbatórios impulsionados pelos sonhos libidinosos, aglomerados de jovens em internatos, militarismo, teatros, circo, convívio social precoce, leituras, entre outros fatores que facilitam o indivíduo a cair nas tentações libidinosas. Em suas palavras,

a vida do rapaz moderno apresenta-se-nos como uma página viva de sexualidade esfalfante. A masturbação, o abuso da copula, as práticas exageradas para as multiplicações dos gozos libidinosos, a riqueza de imaginação e de sonhos eróticos, a fustigação permanente dos teatros, circos, leituras, o nu na arte plástica, as modas e o requinte do luxo a liberdade precoce do convívio social, os hábitos adquiridos pelas sociedades cultas, a mentalidade fértil que exalta a luxúria social, os sonhos de felicidade carnal, as taras psiconeuropáticas, as contingências mesológicas da educação dos internatos, da vida militar, a froixeza de vontade para vencer as tentações que circundam o homem, tudo, tudo arrasta o indivíduo à luxúria, aos desmandos da carne, ao apuro da volúpia, à lascívia e ao desvio do sexualismo (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 82).

Nesse trecho, o autor faz uma lista de costumes, gestos, atos e ações relacionadas à sexualidade e ao ato sexual que ele e outros médicos do mesmo período, envolvidos pelos ideais higienistas, consideravam voluptuosos e errôneos, chegando a levar o indivíduo à moléstia humana.

Portanto, constatamos a utilização do ideal médico vigente na época para comprovar que a neurastenia vinha dos excessos sexuais, além da mesma ideologia para justificar a educação sexual para os jovens e a vigilância aos púberes para que não caíssem nas tentações

e prazeres do sexo e do onanismo, bem como é feita a crítica à educação sexual religiosa, que ensinava através da moralidade, desaprovando os atos imorais e libidinosos, ameaçando o indivíduo a ser fadado ao inferno, forma que o autor considera ineficiente. Ele acredita que para ocorrer a conscientização ética dos indivíduos, deveriam empregar a moral científica na sociedade, segundo Austregésilo (1928, p. 92): “deve ser empregada, como diz Joanny Roux, a moral científica que não promete recompensas, mas que ensina ao indivíduo o útil caminho da saúde. Seguido da boa educação sexual.”

Partindo dos pressupostos da educação sexual que se disseminavam no período, o autor alerta para a vigilância constante dos pais e educadores, principalmente em orfanatos e escolas, local onde existem aglomerados de púberes e adolescentes. Destaca ainda diversos casos clínicos de neurastênicos sexuais e afirma a grande possibilidade de cura e de êxito no tratamento, ao passo que coloca a bondade como ponto importante para tocar os indivíduos tomados pelos instintos sexuais. A fim de sempre priorizar os estudos científicos para explicar a ideia de pecado nas questões sexuais, faz a distinção entre a propagação das ideias higienistas, a partir dos pressupostos da medicina e das pesquisas científicas que defendiam os ideais baseados nos preceitos religiosos que não passavam pela sua aprovação, além de fazer uma crítica à castidade obrigatória dos sacerdotes e à negligência da igreja pelo descumprimento dessa regra.

Dessa forma, podemos ver nos recortes feitos a seguir o cenário do início do século passado, no qual tínhamos a propagação dos pressupostos higienistas apoiados no avanço das ciências médicas e, por outro lado, as correntes cristãs, ambas em lados opostos, mas tratando da mesma causa, a normatização e institucionalização da sexualidade.

A medicina e a higiene representam os directores soberanos da ética genital. A noção do pecado merece explanações sinceras e scientificas. [...] Estas coisas são explanadas aqui, para mostrar que a ética sexual nada tem que ver com muitos preceitos religiosos. [...] A castidade obrigatória nos sacerdotes, torna-se incompatível com certos temperamentos genitais. É sabido que a Igreja fecha, um pouco, os olhos aos erros da carne, porque é a própria bíblia que diz ter Deus mandado que o homem crescesse, se multiplicasse e povoasse a terra (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 148).

Imerso na ideia da normatização da sexualidade, o autor faz referência, em seu livro, a como tem que ser a rotina de vida dos indivíduos casados, à medida que prescreve como deve

ser a vida sexual no casamento, com uma série de regras sobre o ato sexual e a frequência do ato e ainda a forma como a libido e a sexualidade devem ser usadas e seguidas pelos indivíduos. Assim, Austregésilo (1928, p. 97) descreve que “a higiene ou a profilaxia da neurastenia sexual, entre os casados, está na normalidade do coito, que deve ser realizado, uma a três vezes, por semana, segundo a capacidade viril do cônjuge.”

Austregésilo (1928, p. 100) fala ainda sobre a proibição de qualquer tipo de excitação artificial, pois “devem ser proibidas todas as excitações artificiais, de qualquer natureza, mesmo as leituras libidinosas e os quadros de exageradas lascívias, pois produzem o chamado onanismo⁷ mental.”

Outra característica do período, que fez parte das ideias higienistas e eugenistas utilizadas por Austregésilo, é a diferença de raça e o aperfeiçoamento da espécie, sendo articulados ao ideal ético e de normatização da sexualidade.

Segundo Boarini (2003), a medicina do período tinha como referencial teórico os estudos europeus que prezavam a eugenia da raça europeia. Porém, esses ideais acabam sendo adaptados à realidade brasileira, formada por sua grande maioria de caboclos e não de europeus; essa ideia, no Brasil, defende a pureza cívica e moral da sociedade brasileira e não racial, como na sociedade europeia. O objetivo é normatizar a sexualidade implicando ética ao sexo, à medida que todos tivessem o comprometimento de serem saudáveis sexualmente e, por conseguinte, mentalmente saudáveis.

Vemos essa característica do período no livro de Austregésilo: "este princípio não é frio, nem estranho, nem materialista: é seguro, indiscutível e honesto. O homem deve sempre visar o aperfeiçoamento da espécie e o mundo inteiro acha-se voltado para semelhantes visões: que se melhore as raças dos outros animais" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 149).

Austregésilo assim como diversos outros autores do período estavam imersos nos ideais de eugenia associados aos princípios higiênicos. E ainda o autor descreve: "o bem individual de par com as vantagens da descendência, sem prejuízo moral ou material de terceiros resume o primacial princípio da ética sexual. Sem higiene, sem moral científica,

⁷ Onanismo: A origem do termo está na história bíblica de Onan, porém o filósofo Voltaire foi o primeiro a utilizar o termo onanismo. Este termo foi muito explorado pelos autores das primeiras décadas do século XX. Ernani de Irajá definia como “a forma mais rudimentar da hiperestesia sexual” (RIBEIRO, 2004).

sem interesse da espécie, não há ética sexual propriamente dita" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 149).

Através desses recortes verificamos os ideais de eugenia explícitos nessa observação do autor, este era um processo que ocorreu em diversas partes do mundo, principalmente nas regiões em que a classe dominante era formada por descendentes de europeus. Nesses lugares vemos os princípios eugenistas como um resquício do eurocentrismo privilegiando a cor branca como seres superiores e ainda transpunham esses ideais para a esfera moral e social.

Baseado nesses pressupostos, o autor evidencia o medo vigente na época das doenças sexualmente transmissíveis (DST), em especial a sífilis⁸, sendo que esse medo ajuda a alavancar a ideia de higiene e a ética sexual dominantes no período. Assim, inserido nesse contexto, o autor desaprova a prostituição, classificando-a como imoral para a humanidade, ao passo que coloca em risco a saúde da raça e da espécie humana, além de o autor discriminar as mulheres que praticam a prostituição, como vemos na sequência:

O mal está na infecção ficar latente, a corroer entranhas, para mostrar-se, varia vez, com afecções incuráveis, inamovíveis pelos melhores processos terapêuticos adquiridos pelo homem. A prostituição é atualmente imoral, não para as desgraçadas rameiras, mas para a humanidade, que dela não tira nenhum proveito, e, ao contrário, por meio dela, se sacrifica habitualmente a saúde da espécie e da raça. No momento atual, existe como um problema insolúvel, como é insolúvel o problema terapêutico do cancro visceral⁹ (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 151).

Não poderia ser diferente a visão do autor sobre a prostituição, afinal escreveu o livro imerso nos ideais higienistas e acreditava que as relações sexuais desenfreadas e desprovidas de um fim como a procriação apenas levariam o indivíduo a situações malélicas como doenças, psicopatologias e infecções que, de acordo com Austregésilo, prejudicam não somente o indivíduo mas a sociedade como um todo.

⁸ Sífilis: Doença infecciosa causada pela bactéria *Treponema pallidum*, considerada uma doença sexualmente transmissível, pois esta é uma de suas formas de contágio. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/sifilis>. Acesso em: 08 set. 2014.

⁹ Cancro Visceral: Provocado pela bactéria *Haemophilus ducreyi* através da relação sexual com a pessoa infectada. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/cancro-mole>. Acesso em: 08 set. 2014.

Contudo, o autor esclarece o objetivo de seu livro *Neurastenia sexual e seu tratamento* como sendo um manual a ser seguido, com a finalidade de aliviar os sofrimentos causados pelo instinto reprodutor do ser humano. Afinal, como já explicamos anteriormente nesta pesquisa, esses manuais eram comuns no período em que Austregésilo escreveu; diversos autores, em sua maioria médicos e sacerdotes os escreviam. Entretanto, observamos uma crítica à escrita dos livros que não facilitam a leitura, como ocorre com os manuais, comenta Austregésilo (1928, p. 76): “falta a estes livros, porém, o aspecto clínico popular que eu quis empregar neste manual, cujo fundo está em aliviar os torturados e sofredores do instinto reprodutor.”

Ao longo do livro, o autor utiliza metáforas e linguagem simbólicas, associando a sexualidade e o amor com uma fantasia, na qual o homem é tomado pelo desejo e se corrompe, dominado pela força das entranhas do amor,

os Naturalistas dirão que amar é viver, é imortalizar o homem. O mal vem do próprio homem que se embriaga demais, com esse vinho capitoso, que é estimulante em pequenas doses higiênicas e altamente tóxico em doses abusivas e falsificadas. São tantos os artifícios, as inconseqüências, as loucuras, os desvios biológicos de que o homem lança mão para envenenar-se, com o fluido diabólico das paixões, que se criou uma larga página de patologia humana, só para atender às misérias, aos crimes, às degenerações do instinto reprodutor (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 29-30).

Essas metáforas são carregadas dos ideais normatizadores; no entanto, Austregésilo apropria-se das produções de autores, filósofos e artistas em seu livro, para difundir os pressupostos médicos de profilaxia, além de recorrer a recursos simbólicos como o vinho, a imortalidade, tóxico, fluido diabólico e crimes para descrever a sexualidade e o ato sexual despertado pelo instinto sexual.

No entanto, o próprio autor discute no livro que é comum outras obras de filósofos e autores relacionarem os órgãos do sentido ao amor, aos seus prazeres, sonhos, devaneios e loucuras, enriquecendo seus escritos, contos e livros. Entre muitos autores usados por Austregésilo recortamos a citação que ele faz de J. Roux para exemplificar essa associação: "J. Roux estabelece a seguinte diferença: Da fome sexual deriva o amor; do apetite sexual origina-se o desejo" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 55).

Entretanto, encontramos em seu livro a ideia de que nem todos os homens possuem a mesma forma de obter prazer, e que essas deturpadas e mórbidas maneiras diferentes de usar o meio reprodutor surgem na modernidade com o aspecto de natural, conquanto esclareça que desde a Antiguidade esse fato ocorre, citando como exemplo o “*Kama Sutra*”¹⁰, Austregésilo (1928, p. 32) afirma: “que a maior doença do século o ímpeto erótico, com as anomalias sexuais.”

4.2 Neurastenia Sexual

4.2.1 Definição de Neurastenia

Austregésilo nos elucida que o interesse dessa obra é o aspecto clínico da neurastenia sexual e não o filosófico, embora utilize os recursos filosóficos durante todo o livro para inserir o tema principal, neurastenia sexual, e para justificar seu ponto de vista. Assim, analisamos neste momento um ponto importante da obra, a Neurastenia Sexual e suas causas, um dos principais motivos que levaram o autor a escrever *Neurastenia Sexual e seu tratamento*.

Dessa forma, mostra o quanto ela é frequente na sociedade, tornando-se uma doença ligada ao aglomerado de pessoas na cidade, aos problemas de *esgotamento nervoso e cansaço mental* que os moradores das cidades possuem.

A definição de neurastenia para o autor é de que a "neurastenia é, pois, psiconeurose de origem comóvente: o sentimento fustigado, conduzido à dor moral, às preocupações, causa o abalo nervoso permanente, que, por longo tempo, se transformam em exaustão, em cansaço, em síntese, na neurastenia" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 58).

Assim, ressalta a ligação que a neurastenia possui com os sentimentos conflituosos, a moralidade, excesso de preocupações nervosas e o cansaço mental, além de explicar os diversos sintomas físicos e psíquicos que a neurastenia causa no indivíduo, como depressão, ocasionando dores em todas as partes, e nas relações da vida dos indivíduos, gerando insônia,

¹⁰ Kama Sutra: Texto escrito no início do século IV, por Vatsyayana Kamasutram, de origem indiana, descreveu diversas posições sexuais. Seu objetivo era a elevação do espírito na trajetória religiosa do homem, e conduzi-lo à obtenção do prazer através das diversas posições eróticas (VATSYAYANA, 2012).

suores excessivos, distúrbios motores e gastrointestinais, entre muitos outros, citados pelo autor.

Os diversos sintomas que a neurastenia pode causar, a seu ver, são:

a fadiga oriunda das comoções abrange todas as esferas da vida de relação e da existência vegetativa e a consequência é que os neurastênicos de tudo se queixam, porque por tudo sofrem. Os sintomas dominantes são: a fadiga precoce e a irritabilidade fácil. Os efeitos se não deixam esperar: insônias, palpitações, distúrbios de estômago e dos intestinos, fenômenos vasomotores e secretores que se mostram como fogachos, rubores, extremidades frias, suores fáceis das mãos, dos pés e das axilas. A emotividade, ou melhor, a impressionabilidade do neurastênico é notável. Tudo se lhe fixa na imaginação enfermiça, e o pensamento lhe é conduzido por idéias depressivas de tristeza. De moléstia, de incapacidade e de abatimento moral (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 58).

Todavia, no caso da neurastenia causada pela *ansiedade moral*, seus sintomas são os medos imensuráveis e fobias, levando a situações de pânico incontroláveis no indivíduo, como medo de altura, de lugares fechados, lugares populosos, entre muitos outros que causam uma ansiedade muito forte no indivíduo, logo, levando ao descontrole.

Contudo, em sua obra, o autor nos esclarece que, por mais que a agitação causada pelas grandes cidades, pela exaustante vida moderna, pelos fatores hereditários, nada supera a frequente causa da neurastenia pelas questões de ordem sexual. Austregésilo diz concluir esse fato através de sua experiência clínica em seu consultório e ambulatório: nada aflige mais os neurastênicos do que os conflitos sexuais e sua exacerbação.

As dificuldades da vida social, a luta pela existência material, o turbilhão das comoções da vida moderna, a hereditariedade neuropsicopática constituem elementos factores da exaustão nervosa; mas um dos grandes fabricos de depressões nervosas, de angústias, de esfalfes, de ergastenias está nos erros da vida sexual. Podemos estabelecer como formula quase inconcussa que: vida: genital anormal + comoções ruminadas + X = neurastenia (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 80).

Nesse trecho observamos que para o autor fica claro que as atrapalhações nervosas e mentais têm sua causa inicial, na maior parte das vezes, no amor e no instinto sexual, como uma fórmula exata em que o resultado da equação é sempre o mesmo.

Sobre as características patológicas do neurastênico, o autor nos traz como principal a desesperança constante; são seres possuídos por um desgosto e sentimentos de inferioridade arrebatadores, que acabam conduzindo todas as diversas esferas de sua vida. Logo, o neurastênico genital é um neurastênico geral, pois a patologia domina toda a sua essência.

Todavia, Austregésilo (1928, p. 99) descreve que “Gilbert Ballet afirma que os neurastênicos sexuais estão constantemente abatidos; o espírito deles está dominado por um sentimento de inferioridade humilhante e a tristeza lhes é misturada com um pouco de vergonha.”

4.2.2 Causas da Neurastenia Sexual

As causas da Neurastenia Sexual já foram tratadas anteriormente, principalmente quando trabalhamos a definição de neurastenia. Todavia, entendemos que seja importante nos aprofundarmos nas causas da neurastenia, para entendermos um pouco mais sobre o universo que fez com que o autor escrevesse o livro.

Austregésilo (1928, p. 61) define os três pilares da etiologia da neurastenia: excessos na vida sexual, exagero de tarefas intelectuais, ou problemas de ordem moral. Estes pilares, combinados ou não, podem levar o indivíduo a desenvolver a neurastenia: “... são três as maneiras de encararem os autores a etiologia ou a causa da neurastenia: a) excessos de trabalhos mentais; b) abalos morais, ou comoções; c) abusos da sexualidade.”

O autor nos apresenta diversos termos diferentes em seu livro, entre eles “*neurastenia escolar*”, patologia que ele atribui à prática masturbatória, frequente na idade escolar, além de destacar que entre o sexo masculino ela é mais comum, ao passo que é citada como sendo um dos exemplos mais frequentes dos abusos sexuais. No período, os médicos e escritores acreditavam que o desperdício do sêmen dos meninos e dos homens poderia levar os indivíduos à debilidade ou a outras psicopatologias. Por conseguinte, classifica o onanismo, como era intitulada a masturbação, como sendo uma das causas da neurastenia quando praticado com frequência, embasando-se nas teorias de Bouveret e Charcot para justificar sua afirmação.

Assim, segundo Charcot e Bouveret (apud AUSTREGÉSILO, 1928), todos os excessos de ordem sexual podem levar à neurastenia, sendo que

os autores clássicos, como Charcot, Bouveret creem que as demasias sexuais, o coito anormal, e excesso da masturbação, com especialidade no homem, são capazes de criar, ou engendrar, a neurastenia. Os próprios neurologistas e clínicos admitem a variedade da neurastenia sexual, ou genital, como modalidade da psiconeurose, que estudamos. Como conclui Bouveret: "a masturbação e o coito imoderado incitam, ao menos em começo, a secreção espermática, e esta eliminação de um humor com desperdício incessante parece ser praticamente funesta à reparação da força nervosa". Aponha-se a isto a froixidão da vontade dos nervosos que se tornam escravos submissos e covardes dos instintos prazerosos, e é fácil concluir-se como a genitoria ou a incrementação da neurastenia podem surgir da esfera sexual (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 65).

Nessa citação temos mais um exemplo de Austregésilo utilizando os teóricos do período para justificar a ideia de seu livro.

Entretanto, é citado o caso de homens casados que passam a desenvolver impotência, ou dificuldade de ereção, necessitando excitar-se com prazeres sórdidos, pois associam o sexo à cópula e à procriação e, na necessidade de evitar a germinação, desenvolvem a neurastenia. No entanto, a neurastenia em homens casados é observada com frequência, e normalmente acontece por tentativas de evitar a gravidez. Assim, o ato mais comum entre os casados é o coito interrompido, o que interfere nas condições naturais do coito, atingindo em especial os homens, logo, levando-os a desenvolverem uma neurastenia no futuro.

Austregésilo completa nos fazendo um resumo dos princípios etiológicos que causam a neurastenia explicando que

é uma psiconeurose caracterizada sobretudo pela fraqueza e irritabilidade nervosas. Nestas duas ordens de sintomas aparece tomando papel saliente o instinto sexual que, em virtude da irritabilidade e da fraqueza, se metamorfoseia em lascívias, transvios, erros contra a natureza e lubricidades estranhas, até, às vezes, chegar à insuficiência genital e à impotência. A este conjunto mórbido nervoso chamam os neurologistas clínicos a neurastenia sexual (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 65).

O autor escreve sobre a grande frequência que a neurastenia aparece em sua clínica. Entretanto, por mais que a neurastenia seja mais recorrente em homens, como já foi esclarecido, a neurastenia pode ser masculina ou feminina. Além disso, ele descreve diversas queixas da neurastenia sexual masculina, destacando a *potência coibidora* como a que mais perturba os indivíduos. Além de contar casos de falta de ereção, esta só aparece com

“artifícios contra a natureza” e altos estímulos libidinosos. Assim, Austregésilo (1928, p.74) relata que: “a timidez consecutiva à obsessão e à ideia fixa de novo fracasso caracterizam o fraco genital, ou o impotente.”

4.2.3 Tratamento da Neurastenia Sexual

Nesse tema, temos como princípio fundamental que o autor afirma e reafirma ao longo de seu livro, a importância de o indivíduo acometido pela neurastenia querer fazer o tratamento para a cura da patologia. O autor destaca a necessidade que o indivíduo tem de fazer o tratamento profilático e preventivo da neurastenia sexual, conseguindo controlar suas vontades e desejos sexuais; assim como o alcoolista ou um viciado em outras drogas, sendo indispensável ao tratamento a vontade de regenerar-se para que o tratamento obtenha êxito e o paciente alcance a cura. Em suas palavras,

não há negar que, depois da higiene sexual, a terapêutica psíquica constitui o melhor esteio para o clínico curar os seus enfermos. No respeitante ao tratamento da neurastenia sexual exigem-se muitos elementos psíquicos por parte do queixoso, entre os quais vontade firme, constante, inabalável, isto é, o desejo real e paciente de curar-se. Não tratamos aqui apenas de palavras; cogitamos de sucessos; o indivíduo tem de tirar de si mesmo os elementos para a vitória da eliminação de seus males. Assim como para curar a embriaguez, o fumar desbragado e a cocainomania, exige-se energia da vontade, sobretudo constante e inabalável, da mesma maneira para safar-se da neurastenia sexual, são indispensáveis qualidades especiais de carácter e de convicção (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 100).

Sendo assim, verificamos que o autor acredita que, no tratamento da neurastenia sexual a terapia psíquica consiste em um ótimo tratamento, sem ela descredita na cura dos pacientes, pois o terapeuta trabalha com o indivíduo a reeducação de seu carácter e de sua vontade em curar-se (AUSTREGÉSILO, 1928). Assim, nos fala das três formas de tratamento da neurastenia sexual: “1.º) a profilaxia, ou cura preventiva; 2.º) a psicoterapia, ou terapêutica psicomoral; 3.º) a farmacoterapia e a fisioterapia, cujas bases estão nos medicamentos e nos meios físicos empregados” (p. 89).

Austregésilo (1928, p. 143) descreve ainda que “sintetizando as noções terapêuticas da neurastenia genital, em primeira linha aparece a psicoterapia. Sem esta não se curam neurastênicos.”

Dessa forma, o autor cita exemplos de situações clínicas e de tratamento das disfunções sexuais dos neuropatas. Por conseguinte, suas disfunções estão sempre envolvidas com o medo do ato sexual. Como ele profere: “o tratamento racional acompanhado de reeducação do espírito dá sempre bons resultados”.

Entretanto, segundo ele, a eficácia do tratamento só é possível com a força de vontade do paciente em querer curar-se. E ainda acrescenta que é preciso manter a calma e ter intimidade com a parceira que for praticar o ato sexual; o que denota a ideia de relacionamento fixo, sério e duradouro para que exista o ato sexual: "a intimidade e a calma são os melhores elementos para que desapareça a impotência genital psicogênica. Isto é, de origem ideativa ou emotiva. A repetição, pois, da tentativa, sem pensamentos depressores e timidez, é sempre o bom caminho para a cura dessa fobia" (AUSTREGÉSILO, 1928, p.108).

Todavia, entre as técnicas para a cura da neurastenia, é descrita pelo autor no livro e para seus pacientes a autossugestão. Assim, além da real vontade de se curar, um exercício para ser feito todos os dias, à noite antes de dormir e ao acordar pela manhã, é o repetir continuamente, por diversas vezes, que “seu órgão genital está perfeito e que possui funções perfeitas, e que o indivíduo pode ter relação sexual com quem quiser sem nenhum problema”. Essa citação o autor faz mediante os conselhos de Coué e Baudouin (AUSTREGÉSILO, 1928).

Em resumo: a cura da impotência sexual psíquica faz-se pela confiança do enfermo em si, pela crença na palavra do médico honesto e amigo, pela reeducação das emoções, pela auto-sugestão, pela resistência paciente das tentativas, pela uniformidade e constância da função sexual normalizada, sobretudo por este raciocínio consolador: "se a potência se manifesta fora da cópula, ela há de operar-se fatalmente diante do indivíduo de sexo contrário para a execução do ato procriador. É uma questão de paciência e reeducação, e nada mais" (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 116).

Nessa citação constatamos que o autor descreve resumidamente uma receita para a cura e controle da neurastenia se apropriando de ideias dos autores Coué e Baudouin.

Entretanto, outra ideia que trabalha no livro, a partir de suas práticas clínicas e de outros autores que tem como referência, é a hipnose¹¹ como forma de tratamento, sendo ainda associada à autossugestão, já que chegou à cura em alguns pacientes. Porém, se os métodos citados anteriormente não levarem o paciente à melhora, o autor indica o método psicanalítico, também muito utilizado nos tratamentos dos neurastênicos sexuais.

E ainda Austregésilo (1928, p. 120) alerta para a importância dos pacientes neurastênicos cuidarem de seus pensamentos, não criando um medo sombrio através da imaginação dos atos e problemas com a patologia. Para ele: “o grande princípio está em que o nervoso não sistematize na imaginação os sofrimentos e sobre eles não arquitele castelos sombrios de desânimos e desconfortos actuais e futuros.”

Austregésilo (1928) ressalta o papel da mulher como fundamental no tratamento desses indivíduos, ao ponto de responsabilizá-las pelo sucesso ou fracasso do tratamento, principalmente dos homens casados: “A viagem curativa é longa, mas o fim será colimado. Durante o percurso cumpre ao doente ter grandes preceitos: convicção, paciência e auto-sugestão reeducadora das suas emoções e fobias” (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 136).

Percebemos nessa citação o quanto Austregésilo acreditava em seu trabalho e estava envolvido e confiante no tratamento dos neurastênicos, sempre ressaltando a paciência e a convicção do paciente como pontos fundamentais para o êxito do tratamento.

Também expressa sua opinião sobre a intervenção cirúrgica e o enxerto nos casos graves de neurastenia:

A pouca universalidade dos respectivos métodos ainda produz entre nós a desconfiança. Falta-nos a sanção definitiva, isto é, a grande voz dos factos médicos que conquistam grandes êxitos. A tendência moderna porém é para acreditar na eficiência prática dos métodos de Steinach e Voronoff (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 142).

O autor discorre sobre a possibilidade de intervenção cirúrgica no tratamento, em especial quando existe alguma causa orgânica envolvida. Por isso, cita alguns exemplos de sucessos relatados na literatura sobre enxertos de testículos de macacos no indivíduo. Porém, adverte que esta prática é vista com receio, até por ser pouco praticada no meio médico.

¹¹ Hipnose: Para maiores informações sobre esse tema, consultar: FACIOLI, Adriano. **Hipnose: fato ou fraude?** Campinas: Átomo, 2006.

5 PERFIL DA MULHER BRASILEIRA – ESBOÇO ACERCA DO FEMINISMO NO BRASIL – 1923

Esta obra é resultado de uma conferência feita pelo autor, que foi ampliada, e tornou-se livro. Esclarece o benefício que a família brasileira terá com sua publicação, pois, segundo o autor, é a mulher quem influencia a formação de seus filhos, educando-os, dessa forma, para o correto e o digno (AUSTREGÉSILO, 1923).

5.1 A Mulher ao Longo da História

O autor faz referências ao longo do livro sobre a mulher na história do mundo, delineando o perfil que essas sociedades, em diferentes momentos históricos, esperavam da mulher.

Dessa forma, é destacada a influência que o Cristianismo possui em toda construção da história terrena, através do envolvimento da fé, dos sentimentos e crenças influenciadas por ela (AUSTREGÉSILO, 1923).

Selecionamos um trecho da obra de Austregésilo, que justifica a importância do que é trabalhado em sua obra. Possui, assim, como foco central a mulher e seu perfil na sociedade, além de enfatizar sua importância para a formação dos cidadãos e de uma coletividade melhor,

o edifício da grandeza das nações é feito com a milagrosa argamassa de que vos falei. Este exórdio não é extemporâneo nem improfícuo; quero tratar a influência feminina na constituição do nosso caráter, e por isso, provar-vos, que o afeto predomina-nos na formação da índole, nos eventos, nas raízes das ideias. Esta obra, porém, não será oração apologética às nossas mães, irmãs ou filhas. Dir-vos hei a maneira de encarar a influência mulheril no homem brasileiro, o que a mulher faz de bom e de mau entre nós e o que poderá fazer em prol de nós mesmos, pois é ela a metade aventureira, porque possui o maior quinhão no cômputo das qualidades sentimentais da humanidade (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 10).

Nessa observação do autor, notamos a relação que ele faz da mulher e a educação das crianças e jovens, como parte fundamental do que se espera dela na sociedade. Ele ainda

associa o ato de educar com o amor e lado sentimental que é esperado que toda mulher possua. Todavia, o autor trata de maneira generalizante todas as mulheres em seus livros, como se existisse apenas um único perfil para a mulher brasileira. Porém, sabemos que, embora ele possua esse desejo de um único perfil para todas as mulheres do Brasil, seus livros dialogam de forma direta com um determinado grupo social de mulheres mais abastadas, para quem ele escreve.

Austregésilo, nesse primeiro momento, analisa a mulher fazendo um retrospecto histórico sobre seu papel ao longo da história. Assim, na Antiguidade a mulher era vista como uma escrava, tendo que se submeter a todas as ordens e vontades do homem, assumindo uma categoria de bem possuído pelo homem (AUSTREGÉSILO, 1923).

A história do século XVIII mostra ainda quão degradantes eram os castigos impostos à mulher infiel ao esposo. O próprio Napoleão I, no Memorial de Santa Helena, escreveu o seguinte: a mulher é dada ao homem para que procrie; é nossa propriedade, mas não somos a sua; está para nós como a árvore para o jardineiro (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 12).

De acordo com Auad (2002), essa relação de posse que o homem possui da mulher surge através da geração de sua prole. Pois, como a mulher é quem gera a criança em seu corpo, leva o homem a sempre ter dúvida se aquele filho gerado por sua mulher é de fato um descendente dele. Assim, com o objetivo de preservar seus genes e dar sequência à sua geração, o homem passa a confinar a mulher no interior da casa sendo tocada e vista apenas pelo próprio marido. Dessa forma, a mulher passa a ser propriedade do marido com um objetivo instintual de perpetuação de sua espécie e de controle da paternidade.

Surge, assim, a ideia do espaço público para os homens e do espaço privado para as mulheres, consideradas propriedade do homem.

Embora tenhamos inúmeros casos e relatos do papel esperado da mulher, além de terríveis situações a elas atribuídas e vivenciadas, todavia, também encontramos na História lugares e épocas em que a mulher tinha um alto *status* social (AUSTREGÉSILO, 1923).

No mundo inteiro esmaem-se mulheres célebres: Cristina, rainha da Suécia, Catarina, tsarina da Rússia, Maria Teresa, rei da Áustria, Vitória da Inglaterra, Isabel da Espanha foram reinantes cujo caráter, vigor e tática política nada deveriam aos melhores soberanos (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 14).

Nesta citação vemos algumas mulheres destacadas pelo autor como célebres, que conquistaram destaque e soberania. Durante todo o livro, o autor relata diversas histórias de mulheres que se sobressaíam em meio à sociedade e no tempo histórico que viviam, tanto mulheres ao redor do mundo como diversas mulheres brasileiras que obtiveram destaque.

5.1.1 Mulheres de Destaque no Brasil

Austregésilo (1923, p. 17) observa que "no Brasil houve também mulheres célebres, ora pelos seus feitos guerreiros, ora pela sagração dos poetas, ora pelo espírito de caridade, de religião e de catequese". Logo, identificamos nas entrelinhas parte do pensamento do autor, que faz uma ligação sutil da mulher como pura e santificada, sendo que as mulheres que assim se comportavam obtinham destaque. Percebemos esse pressuposto como um pano de fundo em seu livro, afinal era influenciado pelo momento histórico que vivia, época em que este ainda era um conceito vigente.

E assim, o autor destaca no período colonial a índia Paraguaçu, como uma mulher que se ressaltou em meio às outras, deixando uma célebre memória. A nativa casou-se com o português, Diogo Álvares ofertada como prêmio pelos Tupinambás, com quem ele faz amizade. Todavia, Paraguaçu era muito bonita e disputada entre todos os homens. Rapidamente, ela também se apaixonou por Diogo Álvares, casaram e o amado a levou para a Europa, onde ela foi batizada (AUSTREGÉSILO, 1923).

Esposa amantíssima e dedicada, acompanhou o galhardo português em todos transe naturais da vida de colonização, até que ele expirou no conforto feliz da família e nos braços da consorte, que poucos anos sobreviveu ao esposo amado. Os restos mortais dela foram depositados na igreja do Mosteiro de N. S. da Graça (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 19).

Nas palavras do autor observamos o quanto Diogo Álvares era apaixonado pela nativa e como viveram felizes. Ele também nos relata uma prática do Brasil colônia, onde usar as mulheres nativas como prêmio era comum, sendo um meio de estreitar as relações dos índios com o homem branco. Nesse relato de Austregésilo, vemos uma história feliz, todavia, temos diversas histórias contadas pelos historiadores que nos mostram as nativas infelizes e sendo

usadas sexualmente pelos homens brancos. Elas sofriam pela diferença cultural e eram tratadas como selvagens pelos europeus.

O autor cita outra personagem que ele classifica como uma importante e célebre mulher brasileira. Mais uma vez notamos qual é o papel e perfil esperados da mulher brasileira no período estudado: honesta e dedicada ao homem e à família: "Não menos gloriosa pela inquebrantável honestidade, cega dedicação, com ser colaboradora exemplar, aparece Maria Barbara, que constitui justa precursora da celebrada solicitude e honestidade da mulher brasileira" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 19).

Percebemos a honestidade e solicitude como adjetivos importantes e necessários às mulheres. Assim ele exalta Maria Barbara, pois era uma mulher dedicada e colaboradora.

Do mesmo modo, no texto encontramos diversas mulheres brasileiras de destaque, entre elas Damiana da Cunha, filha de um chefe caiapós, uma vez que casou-se com um militar e foi considerada uma heroína sertaneja, fazendo parte de expedições pacificadoras, com o intuito de arrebanhar nativos para serem catequizados (AUSTREGÉSILO, 1923).

Clara Camarão foi outra mulher de garra. Pernambucana, chefiou grupos de mulheres para lutar contra os holandeses que invadiram aquela região. Embora os livros didáticos não cite propositalmente a participação dessas mulheres, Clara Camarão foi comparada a Joana d'Arc da colônia brasileira (AUSTREGÉSILO, 1923).

Dessa forma, encontramos diversas mulheres que fizeram esplêndidas participações na construção da história:

Anita Garibaldi, a célebre guerreira dos Dois Mundos; D. Ana de Alencar Araripe ou Ana Triste; D. Ana Justina Ferreira Nery, (a mãe dos brasileiros); D. Ana Lino, D. Ana e D. Antônia, irmãs de Bento Gonçalves; Benta Pereira, a denodada campista; D. Clara Camarão, cognominada com justiça (Cauila Brasileira); Damiana da Cunha, (A Missonaria); D. Francisca Sande; Florisbela; D. Inês Ferreira da Silva; D. Inês Augusta Ferreira de Almeida; D. Joana de Gusmão; (Soror) Joana Angélica; D. Ludovina de Albuquerque Pôrto Carrero; Baronesa do Forte de Corinha; D. Maria de Souza; Maria Úrsula de Abreu Lencastre, o valoroso soldado; Maria de Jesus; Maria da Conceição Curapaity; Francisca Beriba; Maria Brasília da Silva Barreto; D. Francisca de Sampaio Botelho; Maria Ortiz; D. Rosa Maria de Siqueira, a heroína paulista; Rosa da Fonseca, mãe do Marechal Deodoro, etc. (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 26-27).

É possível que nas várias heroínas tratadas pelos autores brasileiros haja exagero lendário; porém, inegavelmente todas elas mostraram-se ao nível

dos homens salientes seus coevos. Creio bem que, índole modesta da mulher nacional, muitas outras precursoras dos grandes ideais humanos tenham existido e que hajam passadas despercebidas aos historiadores; mas quantas delas, obscuras, desconhecidas, ocultas no recesso do lar não orientam, não aconselham os homens nos seus feitos heroicos e altamente úteis à nossa nacionalidade (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 27).

No primeiro trecho, o autor cita diversas mulheres que se destacaram na sociedade, no momento histórico que viviam, algumas conhecidas através de historiadores, outras através de contos populares e ainda outras descritas como personagem de alguns romancistas.

Na segunda citação, percebemos que o autor se justifica, ao afirmar que, mesmo citando várias mulheres, ele possui a certeza de que existiram muitas outras mulheres célebres em nossa sociedade, mas que não tiveram seu nome exaltado, isso partindo do pressuposto que a mulher nacional possui uma índole modesta. Desse modo, reitera que houve inúmeras mulheres desconhecidas em seus lares, mas que participaram de forma ativa em seus hábitos familiares, aconselhando seus homens em fatos heroicos, colaborando, assim, com a sociedade nacional. Neste relato de Austregésilo vemos o quanto o autor valoriza a mulher que fica em seu lar trabalhando na educação dos filhos e contribuindo com o marido, mesmo que ela não apareça na sociedade, mas sim nos bastidores do seu lar.

Constatamos que, em muitas partes do livro, o autor exalta a mulher brasileira, mostrando o quanto ela avançou em diversas áreas, como artes, literatura, ciências, pintura, mas sobretudo no magistério: "a mulher contemporânea brasileira tem aflorado à tona do nosso progresso em basta messe, quer na literatura, sciencia, nas artes, como música, pintura, escultura, etc., e sobretudo no magistério, em que se notam verdadeiras revelações pedagógicas" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 37).

Encontramos no livro, com grande riqueza de detalhes, o papel esperado da mulher brasileira, porém, em alguns momentos escrito nas entrelinhas. Assim, vemos a pedagoga e a normalista, como profissões que a sociedade esperava que a mulher daquela época seguisse, como observamos nas pesquisas e estudos históricos sobre o período.

Dessa forma, são citados nomes de diversas mulheres que tiveram destaque no campo literário na contemporaneidade: Julia Lopez de Almeida, conceituada romancista; Albertina Berta estudava e escrevia sobre filosofia e fórmulas da paixão, tendo grande admiração por Nietzsche, porém, não na parte que o autor se refere à mulher; Gilka Machado poetisa,

inspirada nas sensações e sentimentos, transformando tudo em amor e poesia, entre outras citadas pelo autor (AUSTREGÉSILO, 1923).

O talento poético feminino tem-se acentuado ultimamente na alma da brasileira a ponto de notar-se um aumento considerável nas produções das nossas patricias. Creio mesmo que no ultimo decênio a acção intelectual feminil entre nós tomou proporções notáveis, de modo a estabelecer-se concorrência literária bastante animadora. O último concurso de poesia da Academia de Letras demonstrou que os dois candidatos mais discutidos e que lograram maiores favores do cenáculo foram Rosalina Coelho Lisboa e Gilka Machado (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 41).

E ainda são citados mais casos de mulheres que tiveram destaque na sociedade em diversas áreas. Nas artes plásticas nomes de destaque reconhecidos pela Escola Nacional de Belas Artes, como Georgina de Albuquerque e Regina Veiga na pintura. Na escultura, temos como exemplos célebres: Nicolina, Julieta França. Existiam nomes consagrados na música também, como Guiomar Novaes, pianista famosa, consagrada pelo público mundial e Antonieta Rudge (AUSTREGÉSILO, 1923).

Assim, o autor cita que o Instituto Nacional de Música mostrava a elevação do índice de mulheres no meio musical, chegando à predominância da mulher comparada ao homem (AUSTREGÉSILO, 1923).

Percebemos que o autor faz questão de ressaltar diversas profissões nas quais mulheres se destacaram, galgando seu nome na sociedade da época. Logo, com a amplitude de espaço que a mulher passa a abranger na sociedade, ela passa a exigir mais direitos e se inicia a luta pelo reconhecimento da mulher com os movimentos feministas.

De acordo com o autor, temos mulheres precursoras do feminismo no Brasil, que obtiveram destaque, entre elas o autor cita, em vários momentos, a senhorita Berta Lutz,

brasileira e filha de um sábio patricio, Dr. Adolfo Lutz, pode ser considerada leader do feminismo em nosso país. [...] A ela deve o feminismo brasileiro o impulso pragmático que se nota entre nós. Fundadora de associações, trabalha ao lado dos poderes públicos para que as ideias libertadoras da mulher tenham apoio da nação (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 42).

5.1.2 O Movimento Feminista

Em diversos momentos do livro, o autor discute a inserção em massa da mulher no mercado de trabalho, e a desvalorização profissional que a mulher vivencia, com salários menores que os homens, mesmo exercendo a mesma função. Assim, reconhece a urgente necessidade de reformulação desse modelo de desvalorização do trabalho da mulher, além de analisar o avanço do feminismo e sua função na sociedade.

Austregésilo utiliza Farguet para definir o feminismo: "Farguet, que se mostra apaixonado feminista, diz que a base do feminismo está na igualdade do homem e da mulher, salvo em casos de gênio. Repete que tudo o que o homem faz, a sua metade biológica pode também fazer" (FARGUET apud AUSTREGÉSILO, 1923, p. 51).

Partindo dessa citação, buscamos outra definição de feminismo para entendermos esse processo que as mulheres passaram. Assim, de acordo com Ergas, "a teoria da igualdade política, econômica e social dos sexos, e organizativamente como a mobilização necessária para eliminar as restrições que discriminam as mulheres" (ERGAS, 1991, p. 588).

Segundo Austregésilo (1923), observamos ao longo da história diversas mulheres que mostram sua capacidade em diversos domínios.

Entretanto, um avanço favorável às mulheres foi o movimento sufragista, no qual a mulher passa a ter o direito de eleger seus governantes, assim como os homens. Contudo, tal reconhecimento veio de fato, com o advento da Primeira Grande Guerra. Pois, com a guerra, as mulheres passam a assumir postos de trabalho anteriormente masculinos, e certas direções da sociedade antes tidas pelos homens, que no momento estavam nos campos de batalhas. Assim, o poder feminino foi testado e provou-se duramente a capacidade e força das mulheres, mesmo em meio a momentos difíceis, quando suas famílias eram devastadas pela guerra: "na recente guerra foi posto a dura provas o valor feminino e inegavelmente ficou a mulher vitoriosa, a pesar de ter esmagado o coração com as perdas dos entes queridos e ter esfaltado os braços e os nervos em trabalhos forçados e cruéis" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 53).

Nesse período da guerra, a mulher ingressa no mercado de trabalho, por falta de mão de obra, afinal os homens estavam concentrados nos campos de batalha.

Ao conquistar esse espaço, a mulher passa a buscar outros direitos como o de votar: "A Inglaterra foi o primeiro país europeu que demonstrou o seu reconhecimento à mulher, após a vitória guerreira dos aliados, dando-lhe prerrogativas sociais amplas e asseguradoras dos seus direitos em muitos pontos igualitários aos dos homens" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 53).

Essas mudanças nos papéis sociais foram muito significativas, principalmente no período estudado, quando Austregésilo escreveu os três livros que analisamos nesta pesquisa.

A sociedade brasileira da época foi fortemente influenciada por essas mudanças no cenário mundial.

Desse modo, foi realizada a Conferência Brasileira pelo progresso feminino, principal evento que aconteceu no Brasil, tratando do avanço do feminismo (AUSTREGÉSILO, 1923).

Em resumo, não podemos negar que no Brasil o feminismo progride acentuadamente, de maneira pacífica, inteligente e rápida. No Rio e em algumas outras cidades brasileiras a mulher exerce com liberdade e segurança as suas funções no comércio, na indústria, no professorado e na burocracia; nas profissões liberais, como a medicina, a advocacia, e até engenharia, pois já contamos uma engenheira formada pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Entre nós a mulher ainda não possui o direito de voto e nem pode ser votada, ou exercer qualquer cargo administrativo. As profissões liberais têm aumentado no seu activo, crescente número feminino e as Faculdades Superiores cada vez mais dão para a vida pública médicas, advogadas, engenheiras, dentistas, farmacêuticas, obstetras e enfermeiras (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 146-147).

No trecho que selecionamos acima, o autor frisa o avanço do movimento feminista. Destaca também as conquistas que a mulher obteve no mercado de trabalho, abrangendo diversas profissões e chegando até aos cursos de formação superior. Todavia, até o momento que o livro foi escrito, a mulher ainda não tinha adquirido o direito ao voto e tampouco podia ser candidata a algum cargo eleitoral, sendo ainda impedida de exercer qualquer cargo administrativo.

Margareth Rago nos elucida a trajetória que a mulher vivenciou neste período no mercado de trabalho:

Apesar do elevado número de trabalhadoras presentes nos primeiros estabelecimentos fabris brasileiros, não se deve supor que elas foram progressivamente substituindo os homens e conquistando o mercado de

trabalho fabril. Ao contrário, as mulheres vão sendo progressivamente expulsas das fábricas, na medida em que avançam a industrialização e a incorporação da força de trabalho masculina. As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram que lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como naturalmente masculino. (RAGO, 1997, p. 581).

O autor também destacou os grêmios que surgiram no Brasil: Centro Social Feminino; Aliança Brasileira pelo Sufrágio Feminino; Federação das Ligas pelo Progresso Feminino; Legião das Mulheres Brasileiras. Essas associações previam o avanço do feminismo, entre outros grupos com o mesmo objetivo e focos diversificados, como grupos religiosos e humanitários (AUSTREGÉSILO, 1923).

Ele afirma estar satisfeito com o movimento feminista no Brasil e esclarece que não estamos distantes da maioria dos países nas questões referentes às mulheres. Todavia, não somos o mais avançado e tampouco, o mais retrógrado.

O Brasil é talvez dos países da América do Sul o que mais se tem esforçado para a emancipação social da mulher. As damas e moças, de uma dezena de anos pra cá, tem logrado liberdade e prerrogativas que a todos nós tem surpreendido, sem que haja escândalo, luta, ou alterações radicais na família e nos bons costumes das grandes cidades brasileiras (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 147).

Enfim, nesse trecho, as últimas palavras do autor no livro, podemos observar que para ele as questões femininas vigentes não poderiam contrariar os ideais familiares cultivados socialmente, pautados na moral e nos bons costumes da sociedade tradicional brasileira.

5.1.3 A Mulher e o Sufrágio

Este espaço foi destinado ao sufrágio feminino, assunto em evidência no período que o autor escreveu o livro em análise. Dessa forma, assunto recorrente ao longo do livro estudado, o autor descreve o movimento sufragista das mulheres em diversas nacionalidades.

Durante o pleito pelo sufrágio feminino, duas mulheres empossaram dois assentos no parlamento inglês, este foi um grande avanço para as mulheres. Na França também houve o

mesmo processo do sufrágio universal. As mulheres foram pleitear o direito ao voto em 20 de maio de 1919, na Câmara dos Deputados, o projeto de lei foi apresentado por Lucien Dumont e Jean Bom: "As disposições regulamentares sobre alistamento eleitoral e elegibilidade a todas as assembleas políticas são aplicáveis a todos os cidadãos franceses, sem distinção de sexo" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 56). Essas palavras do autor referem-se à conquista das mulheres do direito ao voto na França.

O autor cita alguns nomes de destaque na época que participaram da luta em busca da igualdade entre homens e mulheres. Entre elas, Chapman Catt, principal mulher à frente do movimento feminista nos Estados Unidos. O autor transcreve algumas falas de Chapman de um discurso da Conferência pelo progresso feminino, que ocorreu em dezembro 1922, no Rio de Janeiro, onde Austregésilo esteve presente: "ela espera que um dia se faça justiça ao direito igualitário da mulher perante o homem, porque não se trata de rivalidade, e sim de colaboração mútua na obra social humana" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 60).

Na fala de Chapman transcrita por Austregésilo, vemos a essência do discurso das diversas mulheres que lutaram pela igualdade de direito na sociedade ao redor do globo.

Todavia, na Rússia, as mulheres não encontraram resistência, tiveram direito ao voto, frequentaram as universidades livremente e ainda alguns cursos superiores das universidades foram criados e dirigidos pelas mulheres (AUSTREGÉSILO, 1923).

Já no Brasil, o autor relaciona o aparecimento do feminismo a uma fatalidade da evolução social, "no Brasil, em recentes anos, o feminismo complacente brota, não pelo desejo de escritoras, ou partidos, mas pela fatalidade da evolução social" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 60).

O autor esclarece em parte seu ponto de vista: o espaço conquistado pelas mulheres na sociedade é uma fatalidade, iria acontecer pela evolução social, independente das feministas atuantes em lutas pelos direitos das mulheres. E acrescenta que o feminismo não mudará a função da mulher no progresso humano, pois ela sempre vai contribuir com o homem como parte complementar dele, "a noção teórica do feminismo não aumentará nem diminuirá a sua função paulatina no seio do progresso humano. A mulher cooperará como parte integrante do homem, em toda a vez que isto for solicitado" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 60).

Assim, esse trecho reforça a análise feita acima: coloca a mulher como parte integrante do homem, soa um tom de dependência, e não de individualidade e igualdade entre ambos, mas de superioridade do homem sobre a mulher.

Contudo, o autor cita uma escritora portuguesa, Ana de Castro Osório, autora do livro *As Mulheres Portuguesas*. Em seu livro, a autora dá o seguinte conselho a suas leitoras:

Após a grande conflagração europeia, o feminismo tomou em todo mundo um enorme surto. O Brasil não se houve indiferente ao movimento feminista, e vieram naturalmente as melhorias sociais da mulher entre nós. Os costumes de grande metrópole do Rio de Janeiro transmutaram também os hábitos provincianos e caseiros da brasileira, que hoje possui prerrogativas que se não registravam há 10 ou 15 anos atrás. Várias associações tem surgido; artigos em jornais e revistas aparecem defendendo os direitos da mulher, e no parlamento o senador Justo Chermont apresentou o projeto acerca do direito do voto feminino (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 121).

Vemos nessa citação a disseminação do movimento feminista e sua evolução em alguns campos da sociedade brasileira.

Entretanto, segundo o autor, o sufrágio feminino no Brasil ainda divergia opiniões. Embora, na maioria dos países, a mulher já tivesse o direito ao voto adquirido, no Brasil um dos argumentos contrários a este direito era que a própria mulher não tinha interesses políticos, tampouco interesse em votar (AUSTREGÉSILO, 1923).

Todavia, as justificativas anexadas ao projeto de lei que pleiteavam o direito da mulher votar eram diversas, entre elas: "A mulher paga impostos: por que proibir a sua participação em regulá-los" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 122).

Vemos uma relação com o exercício da cidadania, quando comparado o direito de votar à obrigação de pagar impostos, uma relação inteligente e um tanto óbvia de expressar o direito da cidadania da mulher.

Porém, o texto nos aponta o fato de que, por mais diversas as opiniões existentes, a grande maioria acreditava ser uma medida precoce conceder o voto para a mulher naquele momento, conforme opinião relatada até mesmo por mulheres ativas na época, como a nobre escritora Albertina Berta. Sendo que até a publicação do livro estudado, a lei do sufrágio feminino não havia sido aprovada no Brasil (AUSTREGÉSILO, 1923).

Berta Lutz foi uma grande propagadora do feminismo no Brasil, segundo Austregésilo, a feminista possuía ideias justas sobre o feminismo. Assim, foi para os Estados

Unidos representando o Brasil na Conferência Pan-Americana de Mulheres que ocorreu em Baltimore, em abril de 1922, onde foi muito bem tratada e encontrou diversas lideranças e representantes feministas de diversos países (AUSTREGÉSILO, 1923).

Alves de Souza, em brilhante colaboração d'O País, A Mulher e o Trabalho, a propósito da Conferência da senhorita Berta Lutz, feita no Congresso da Agricultura, julga que o feminismo brasileiro não deve estar na conquista de lugares burocráticos, de sufrágio político. Nada disso. O feminismo deve estar na reconquista moral do lar e da família brasileira, e sobretudo no trabalho doméstico, operário, de toda maneira em que ela possa contribuir com seus esforços e capacidades (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 128).

Dessa forma, podemos observar o quanto o discurso feminista está carregado das ideias vigentes da época. Logo, reduzindo a mulher às questões domésticas, de educação dos filhos, cuidados com o marido e o lar. Assim, remetendo às mulheres fora desse contexto, apenas como operárias de fábricas. Ou seja, praticamente sem mudanças das convicções vigentes na época sobre a mulher. Todavia, o intuito era reforçar ainda mais essas ideias. Vemos, dessa forma, como a desigualdade social de gênero era abrangente e intensa, pois tínhamos mulheres que se intitulavam feministas, mas que traziam um discurso totalmente contrário à essência do movimento feminino e um dos seus principais objetivos: o direito ao voto.

Enfim, o autor descreve em detalhes como foi a Conferência e a representação do Brasil, as lideranças mundiais presentes, o foco em fazer com que os países latino-americanos avançassem nas questões relacionadas às mulheres e a Liga das Mulheres Eleitoras. Porém, no Brasil, nesse mesmo período, as mulheres ainda não tinham o direito ao voto (AUSTREGÉSILO, 1923).

5.2 Perfil da Mulher Brasileira

5.2.1 O Comportamento que a Mulher Brasileira tem que ter

Esse trecho define com primazia a ideia central do livro e a definição do papel da mulher brasileira para o autor: "sejam mulheres como o devemos ser: criaturas conscientes e autônomas, companheiras e aliadas do homem, as verdadeiras educadoras dos seus filhos" (OSORIO apud AUSTREGÉSILO, 1923, p. 63).

Consoante essa observação de Osório, citada por Austregésilo, com o intuito de justificar e argumentar seu pensamento sobre a mulher e o papel a ela atribuído que, mesmo com o avanço no campo do voto eleitoral e profissional, ela continua a exercer a função materna, além de ser "verdadeira companheira e aliada do homem".

Porém, o autor utiliza Castro para defender a ideia de que a mulher precisa se instruir, pois, como ela é a responsável pela educação dos filhos, é necessário ter conhecimentos para educá-los melhor: "a Educação da mulher é um interesse da espécie, porque a evolução torna-se há mais fácil e mais rápida. A evolução será tanto mais fácil quanto mais próxima da mentalidade masculina estiver a feminina" (CASTRO apud AUSTREGÉSILO, 1923, p. 64).

Observamos que o autor defende a ideia da instrução da mulher como recurso para que ela possa tornar-se melhor para educar seus filhos, aproximando-se, assim, da capacidade e mentalidade do homem, pois ele julga que o homem possui uma mentalidade melhor que a mentalidade feminina.

No livro, o autor destaca as semelhanças da mulher brasileira com a mulher portuguesa. Entretanto, pontua as semelhanças fisionômicas e moral, não só com a mulher portuguesa, mas também com a africana e com a indígena (AUSTREGÉSILO, 1923).

Afirma que o Brasil é tão grande, que não é possível analisar uma única identidade da mulher brasileira, nem em costumes, tampouco na fisionomia. Pois, além da amplitude territorial, temos que analisar também as diferenças existentes entre as mulheres das áreas urbanas e rurais, espalhadas por todo território brasileiro (AUSTREGÉSILO, 1923).

Todavia, o autor pontua, no próximo trecho selecionado, uma característica que ele trabalha ao longo de seu livro, em que considera a mulher brasileira como redentora, pura e bondosa, destacando sua capacidade de perdoar,

o coração feminino é sempre vaso especial, nele está encerrada a essência da bondade [...] A mulher perdoa por instinto, por quintessência de amor, pelo carinho maternal e pela formosura de sua alma, que na mulher patricia é o símbolo do perdão. Não há dores e cremes, paixões e endoenças que não sejam perdoadas pela brasileira; daí o excesso de bondade, ora simplesmente afetuosa, ora inteligente, que lhe serve de empresa (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 83).

Porém, o autor faz a ressalva que o perdão usado em todas as situações não é benéfico, não se tratando apenas das mulheres, mas de uma característica da sociedade brasileira. Pois, é importante o discernimento do senso de justiça, que em alguns momentos se contrapõe ao perdão. Assim, o correto é que o justo prevaleça (AUSTREGÉSILO, 1923).

Dessa forma, no trecho citado abaixo, ele coloca seus anseios como autor do livro. Descreve o papel da mulher na sociedade e como ela deve se colocar nessa posição para que os homens possam compreendê-la: "Não sonho que a mulher nacional seja a mais perfeita das mulheres; desejo porém que saiba valorizar-se e incutir ao homem o respeito e a independência que merecem" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 88).

Ou seja, segundo o autor, é papel da mulher valorizar-se perante a sociedade, além de mostrar para o homem o seu valor, isso de forma constante e paulatina. Nesse trecho citado acima é como se o autor estivesse convocando as mulheres a serem mais autônomas e confiantes, como ele trouxe em outros momentos no livro, ao passo que com a mulher tendo um "bom comportamento", conseqüentemente ela vai ganhar espaço na sociedade, pois o homem a compreenderá melhor.

Utiliza o paradoxo do trocadilho com a comparação da mulher com a árvore:

Sois, mães caríssimas, a árvore social que deve dar bons frutos, e nós médicos, higienistas e partidários da eugênica, devemos fazer o amanhã do solo, e a conservação da planta feliz e nobre, porque a agricultura social é a ciência do futuro, e a árvore fecunda que é a mulher deve ser o símbolo da nossa força e da nossa glória (AUSTREGÉSILO, 1923, p.93).

Nesse trecho vemos a interessante relação que o autor faz entre a mulher e a árvore. Podemos interpretar de diversas maneiras essa associação feita pelo autor, como a ideia da árvore ser frutífera e gerar frutos assim como a mulher; a ideia de sustentação de estar presa ao solo e dar abrigo e sombra de forma acolhedora, da mesma forma que a mulher deve fazer,

assumindo o papel de passar segurança para seu marido e seus filhos, acolhendo-os de forma sólida e carismática. Sendo a árvore ainda produtora de bons frutos, assim como a mulher, mãe de bons filhos. Dessa forma, o autor esclarece que a função dos médicos higienistas como ele é de apenas cuidar do solo, e conservar a planta feliz e nobre, ou seja, apenas trabalhar contribuindo para que a mulher desenvolva seu papel na sociedade da forma esperada.

Entretanto, são destacados os anseios das mulheres brasileiras. Dessa forma, o autor descreve que a grande maioria das mulheres brasileiras tem como objetivo de vida fazer um bom casamento e constituir uma família, ter uma vida fadada a educar os filhos e a servir o marido. Todavia, de acordo com o autor, o homem com sua capacidade nata de autoritarismo leva em muitos casos a mulher a se tornar uma escrava no lar, justamente por sua fraqueza e pela boa educação que recebeu. Logo, a mulher deve ser essencialmente boa (AUSTREGÉSILO, 1923).

Esse conceito, segundo o autor, coloca a mulher em uma inatividade dentro da família brasileira, conseqüentemente, abrindo espaço para o domínio masculino na sociedade,

o ócio é o veneno feminino da família brasileira; tão capitoso quão prejudicial. A tiranização do pai e do marido brasileiros vem da fraqueza e da inércia da mulher. Inexperiente, bondosa, vivendo do afeto, sem ideias maiores do que o amor ao marido, filho ou pai, a brasileira vive presa à passividade doce e amarga do protetorado masculino. Carece de energia, independência, personalidade social, e a consequência é que, entregue ao amor, nisso vive enleada (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 100).

Assim, esse trecho esclarece o que discutimos anteriormente sobre o papel da mulher na sociedade: a responsabilidade do lar, da educação e da formação de cidadãos a ela atribuída, além de apresentar a crítica que o autor faz do ócio da mulher, como sendo prejudicial a ela e à sociedade. Sendo ainda passível de discussão, no trecho acima, a passividade feminina leva a uma situação de dependência ao cônjuge.

O Cristianismo, desde seu surgimento, também reforça o papel santificado e puro da mulher na sociedade, associando a figura da mulher à maternidade e ao matrimônio.

Parecem voltar a reafirmar a especificidade da mulher inseparavelmente de sua ligação à área doméstica, materna, da reprodução, e não da produção, de tal maneira que as funções domésticas e maternas entram em rota de colisão

com as tarefas públicas e todas as demais profissões (BINGEMER apud FIGUEIRÓ, 1996, p. 35).

Entretanto, no trecho destacado abaixo, o autor parece se expressar de forma contraditória, pois reafirma a necessidade do homem de dominar a mulher. Mas, destaca que a mulher deve se defender, saindo da posição de escrava, usando a “bondade inteligente”: “A mulher deve ter em mente ser sempre a patroa e não a escrava, embora o marido tenha ares ou tendência a sultão. Tudo ela conseguirá com a bondade inteligente” (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 100).

Dessa forma, parece que o reforço da capacidade da mulher em ser boa e generosa com seu marido, usando da sua inteligência e bondade para não sofrer como uma escrava, um tanto contraditório à colocação do autor. Ao passo que com essa ideia, ele atribui à mulher a responsabilidade de ter que ser boa e inteligente para que não se torne escrava de seu marido. Contudo, em alguns momentos do livro, o autor apresenta um posicionamento progressista defendendo a mulher e seus direitos na sociedade, principalmente se pensarmos no período histórico que ele escreve em uma sociedade médica dominada pela figura masculina, o que nos parece estar até a frente do seu tempo, no que diz respeito em defender as mulheres.

Assim, vemos como Austregésilo em poucas palavras define a função e os comportamentos que a mulher brasileira deve possuir: "as qualidades que devem predominar no caráter da mulher nacional devem ser: religião, amor, justiça, economia, pátria e humanidade" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 103).

Em todo o livro, o autor descreve o perfil esperado para a mulher brasileira, criando uma espécie de manual, no qual detalha a posição que a mulher deve seguir na sociedade, na família, com os filhos e com o marido. Parece-nos que o objetivo do autor é que todas as mulheres brasileiras leiam seu livro e sigam todas as suas orientações, colocando-as em prática.

Sempre atribui à mulher uma posição santificada, gloriosa e pura, ligando sua função ao sentimentalismo, à bondade e ao amor, especialmente no lar, como a responsável pela educação dos filhos e pelo apoio incondicional ao marido.

Logo, é nesse sentido que o autor descreve a importância do papel da mulher na sociedade, na formação dos cidadãos com a bondade e o amor. Consequentemente, a mulher cumprindo com o seu papel, a sociedade se tornará mais justa e feliz.

A partir desses pressupostos, fomos buscar definições de outros autores a respeito do perfil da mulher na sociedade. Beauvoir (1948) nos apresenta a ideia de uma construção da civilização na relação entre o macho e o castrado que ela define como fêmea: "nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino" (BEAUVOIR, 1948, p. 9).

Austregésilo, entretanto, utiliza a definição da ligação da imagem da mulher à esfera sentimental e as suas boas ações feitas à família e à sociedade: "Cabe à mulher educar o sentimento dos filhos e esposos; cumpre-lhe dar-nos conselhos para a vida, porque são inspirados no verdadeiro amor. O homem aconselha pelo raciocínio; a mulher fá-lo pelo sentimento [...] O bem origina-se da mulher, que é o anjo dos lares" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 105).

Percebemos nas citações acima mais uma vez a associação que o autor faz entre a mulher e a emoção ligando suas escolhas e atitudes ao âmbito sentimental. Já o homem é associado ao lado racional, mesmo na educação e orientação dadas aos filhos. Assim, a mulher é exaltada, associada ao lado bom, à bondade dos lares e da família, sendo um anjo bom na vida de todos.

Na sequência é feito um paralelo, no qual a mulher é novamente elevada, pois o homem se torna dependente dela. Dessa forma, nesse momento são destacadas a capacidade biológica da mulher e sua importância no auxílio ao homem, conseqüentemente, à própria sociedade: "Ampara nobremente o homem e auxilia-o na atividade material da existência; não é só a metade; é mais do que isto, porque é do próprio homem, pois, sem ela, nada se faria socialmente, tirante mesmo a parte biológica da espécie" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 105).

Outra função atribuída à mulher no livro é a assistencial. A mulher brasileira, segundo o autor, deve ser generosa e bondosa não só com sua família, mas caridosa com o próximo. Assim, deve exercer a caridade, não apenas ao mendigo que lhe estende as mãos, mas inserir-se em associação de mulheres para cuidar de crianças carentes, abandonadas e de doentes. Enfim, ser dedicada à filantropia (AUSTREGÉSILO, 1923).

5.2.2 A Mulher Responsável pela Educação de seus Filhos e do Lar

O estudo do livro *Perfil da Mulher Brasileira* é de extrema importância, pois nele o autor associa o papel da mulher na sociedade à educação dos filhos e ao lar, atribuindo a ela essa função de forma natural, como se fosse inata à sua existência, além de ligar essa figura de cuidadora e educadora à educação escolar, filantropia e às áreas da saúde que cuidam e auxiliam o próximo:

a mulher em suma, fadada de alguma sorte a ser mãe e mestra, guia, arrimo, lâmpada, conselheira, profetisa, esforçadora, modelo e prêmio, não só dos seus filhos, mas dos seus irmãos, também, de seu consorte, de seu pai, de todos que de perto ou longe lhe pudessem receber diretas ou reflexivas as influências (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 69).

Nesse trecho podemos analisar que a mulher deve influenciar e educar todos homens a sua volta e não apenas os filhos e o marido, mas também os irmãos e o pai. E ainda enaltece suas qualidades atribuindo-lhe adjetivos como lâmpada, conselheira, profetisa, modelo e prêmio. “A mulher brasileira deve aperfeiçoar-se para aperfeiçoar-nos” (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 99).

Austregésilo define que o papel de educação remetido à mulher é de extrema importância para a formação de bons cidadãos. Dessa forma, percebemos que o objetivo do autor ao delegar à mulher o papel de educar e cuidar do lar está vinculado ao ideal de formar uma sociedade melhor, com cidadãos de bem para viverem de forma saudável. Assim, a responsabilidade da formação de cidadão recai sobre os ombros das mulheres.

A força motriz feminina em toda a parte, sobretudo no Brasil, deve exercer influência saliente na formação das qualidades do homem. É no lar e na escola que os espíritos se fazem ou ao menos muito se aperfeiçoam, e aí estão fixados os dois pontos raízes das minhas ideias. A mulher na família e no aprendizado, a mulher no sentimento elementar do homem, pode constituir os núcleos da cristalização de individualidade masculina, da família e da sociedade em geral (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 66).

Nessas palavras de Austregésilo percebemos a relevância da mulher na formação da sociedade. Assim, a mulher exercendo seu papel no lar e na escola forma os homens regados a sentimentos, fazendo com que se tornem independentes, dessa forma, a sociedade evolui

como um todo. “As qualidades maternas influirão consideravelmente no bosquejo e constituição do perfil moral dos homens, que delas precisam para construir solidamente as acções nacionais” (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 7-8).

Notamos também, nas observações do autor ao longo do livro, a associação que ele faz da mulher e as emoções. A forma como ela cativa esses sentimentos e os expressa: "a mulher representa grande energia, pois ela é o lar, quer dizer, o caráter, a escola, o espírito, de toda humanidade. Nas senhoras mais se tem desenvolvido uma das faces da energia, que é o afeto. A proporção o sentimento nelas é muito maior que a do pensamento" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 65).

Observamos nesse excerto a supremacia que a mulher possui no lar, no que diz respeito ao criar e cuidar. A ligação do sentimento e do afeto como algo fazendo parte da essência da mulher, assim, sendo inatos a elas. Assim, define a mulher como afeto e sentimento e o homem como razão e pensamento, como constatamos no próximo trecho: "tudo demonstra, sem forças de propaganda, que o elemento intelectual feminino progride na parte que pode ser dispensada pelo homem, ou naquela que a psicologia feminina mais se adapta, sem grande conflito" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 64).

Percebemos a responsabilidade atribuída à mulher, a associação de sua imagem a uma santa redentora, em que ela servirá de prêmio e exemplo a todos a sua volta. Dessa forma, não lhe dando opção de escolha, na forma como direcionar sua vida, pois a sociedade lhe impõe um papel e espera que tenha êxito.

A esposa, boa dona de casa sabe perfeitamente quais os gostos do marido, seus pratos preferidos e a maneira pela qual os quer arranjados. Ela sabe tudo: o lugar que o marido gosta mais de estar, a cadeira escolhida, o descanso para os pés [...] quando o marido lê não interrompe, nem deixa perturbá-lo sem motivo [...] porque em tudo quer ser agradável ao marido, e isso lhe agrada sem dúvida (MALUF; MOTT, 1998, p. 389).

Partindo desse pressuposto analisado anteriormente, destacamos outro trecho do livro, onde o autor nos traz a ideia de que a mulher não se destaca na sociedade através de seu intelecto, mas sim através do seu empenho no lar, cuidando dos filhos e dos maridos,

pelo talento e gênio, muitas das nossas patrícias galgaram, no templo da história, da inteligência nacional, planos inconfundíveis. Devido ao seu feito

modesto, se bem que em regra inteligente, a mulher entre nós pouco aparece socialmente com o brilho espantoso da intelectualidade. É no recanto do lar no recesso da família, que se ilumina o espírito delas, que aquece o teto, mas cujo calor psíquico pouco se irradia para além do fogo doméstico, desde os antigos tempos da nossa vida de nação, até as épocas contemporâneas (FOREL apud AUSTREGÉSILO, 1923, p. 28-29).

Nesse trecho percebemos a posição em que a mulher brasileira é colocada, já que fica evidente que o seu papel de destaque é apenas nas funções domésticas no lar.

Todavia, o autor esclarece que a mulher mesmo ocupando um papel coadjuvante na sociedade, o homem nunca deixou de reconhecer sua importância no lar. Além do exemplar trabalho que se estendeu à escola, no ato de ensinar e educar, a escola sendo uma extensão do lar (AUSTREGÉSILO, 1923).

Entretanto, o autor pontua a necessidade de a mulher dominar a área da saúde, assim como fez com a escola. Portanto, ressalta que a função de médicos e a de enfermeiros deveriam ser essencialmente ocupadas por mulheres. Pois, ser enfermo requer cuidado e afeto para tornar-se saudável e a mulher, por suas qualidades afetivas, desenvolveria majestosamente essa função (AUSTREGÉSILO, 1923).

Dessa forma, observamos o tamanho da responsabilidade atribuída à mulher brasileira e o que dela é esperado pela sociedade. A posição de educadora e cuidadora sempre pronta para servir ao próximo como papel central de sua existência, sendo ainda bondosa e benevolente.

O autor esclarece ainda que mesmo a educação dos filhos sendo responsabilidade da mulher e dela depender a estrutura necessária a todo o lar, se algum membro desvirtuar-se, a culpa não é apenas da mulher, mesmo que o homem não disponha de tempo para se ocupar da educação (AUSTREGÉSILO, 1923).

Com a responsabilidade designada à mulher, ela passa a ser estruturante e fundamental na formação da sociedade, pois é a responsável pela educação e formação dos homens em sua civilização, logo pela construção de uma sociedade melhor.

Porém, o autor critica a mulher brasileira pelo seu desinteresse pelas questões econômicas, tendo cega confiança marital. No entanto, a crítica fundamenta-se partindo de dois pontos de vista. O primeiro, pois as questões econômicas deveriam ser aprendidas no lar, junto à educação que a mãe atribui ao filho, independente da família ser rica ou pobre. Logo, a mulher não tendo habilidades econômicas, quando o marido falta, por doença, falecimento

ou outros, surge um grande problema. Esse seria o segundo ponto de vista do autor: “a mulher nacional é habitualmente avessa aos números econômicos; a noção de capital, de juros, dos interesses, de proporções, é-lhe quase indiferente” (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 107).

Mas o autor ainda critica a falta de comprometimento à nacionalidade da mulher, e aponta como mais um ponto negativo, pois assim como as questões econômicas, a mulher deveria se atentar mais para as questões da nacionalidade e amor à pátria. Visto que poderia ensinar o nacionalismo aos seus filhos no lar, conseqüentemente formaríamos uma sociedade mais íntegra e com amor à pátria (AUSTREGÉSILO, 1923).

Não obstante, o autor justifica a ausência do homem na educação dos filhos e nas questões relacionadas ao lar, isentando-o das obrigações do lar: "o teto familiar é escola, cuja autoridade maior está na mãe ou esposa. O homem pouco pode fazer, pois, preso aos interesses profissionais, arrastado nos vórtices da vida intensa das cidades e nas preocupações, não pode ter segura vigilância do lar" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 112).

O texto foi escrito nas primeiras décadas de 1900. O autor sustenta seu discurso a partir dos ideais vigentes na época, de família nuclear, e separação clara de responsabilidades no lar, onde o homem, a figura masculina, é o único responsável pelo seu provimento financeiro, ao passo que a mulher se responsabiliza pela educação do filho e do marido, além das atividades domésticas.

Percebemos o quanto o autor enfatiza o importante papel que a mulher exerce na educação de seus filhos e cuidados com o lar e marido, ao passo que esse tema é tratado ao longo do livro pelo autor, como sendo uma das questões centrais do livro estudado e que já foi tratada anteriormente em diversos momentos: o papel da mulher brasileira, a sua responsabilidade de educar, além da importância da boa educação. O quanto a educação está ligada à pátria e à sociedade como um todo,

a educação, na vida social, é muito, quase tudo. A fortuna do lar vem do aperfeiçoamento educativo; casa educada, casa feliz. Esta sentença é quase inatacável. Educar é vencer impulsos, erros de índole. Tendências primitivas e selvagens; é apurar o espírito e a moral; é pois, o belo, a justiça e a verdade, que constituem os ideais perfeitos da humanidade. Crescer na escola, no lar, aumentando o amor à pátria e à humanidade, é a maior aspiração humana (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 116-117).

Nesse recorte, o autor pontua a importância que ele atribui à educação, pois, segundo ele, com a educação os lares se tornam mais felizes, o ser humano deixa seus impulsos selvagens de lado aprimorando seu espírito. Conseqüentemente, a partir da educação, a sociedade se torna um lugar melhor para se viver.

Essa preocupação em melhorar a sociedade através das relações sociais era constante no período que o livro foi escrito. Era um período de mudanças e efervescência de ideias, por isso, como já estudamos anteriormente nesta pesquisa, no período inicial do século XX existiram tantas publicações de médicos, filósofos e sacerdotes com o objetivo comum de passar um modelo social e familiar a ser seguido pelos cidadãos. Como nos elucida Moreira, (2006, p. 154), essas leituras postas em circulação não devem ser vistas apenas como uma forma de expressão, mas devem ser vistas como parte desse processo, através de suas críticas e propostas de intervenção social.

Nas décadas iniciais do século XX, no Brasil, assistiu-se a um momento em que a vida social urbana, como um todo, e a vida conjugal, em particular, passaram por sucessivas mudanças e redefinições. Constituíram-se, aí, várias transformações nas formas de organização do processo e do mercado de trabalho, assim como nas formas de sociabilidade e nos modos de vida mais particulares do sujeito (MOREIRA, 2006, p. 154).

Todavia, Austregésilo pontua uma outra questão vigente na época em que o livro foi escrito, partindo dos pressupostos das teorias eugenistas, referentes à inferioridade de algumas raças comparadas a outras que supostamente eram consideradas superiores, utilizando, assim, essa ideia para justificar a importância da educação: "as grandes nações valem pela educação das raças e não só pelo vigor da própria raça. Isto parece paradoxal, porém não o é. Raças supostas inferiores e superiores, dados novos elementos de educação e aperfeiçoamento, nivelam-se" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 115).

O autor acreditava que se as raças consideradas inferiores recebessem uma educação apropriada poderiam se igualar às raças consideradas superiores. Uma frase carregada de preconceito e estereótipos que nos dias de hoje não é mais aceita pelo movimento científico, porém, na época em que o livro foi escrito era um tema recorrente entre os médicos e parte da comunidade científica do período que estavam envolvidos nos ideais higienistas e de eugenia.

No livro Austregésilo alerta para que a mulher eduque seus filhos com amor, porém, o carinho excessivo torna os filhos homens fracos, atrapalhando assim a formação do seu caráter (AUSTREGÉSILO, 1923).

Deveis educá-los, para que amem a natureza, com a qual devem estar em constante contato, para que se dediquem aos desportos, ao trabalho, à iniciativa, porque o excesso de cuidados e a superabundância de meiguices enfraquecem a saúde e debilitam o caráter. Guiai o homem no caminho da economia e da ciência da vida (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 117).

Durante todo o livro, o autor faz referência à importância e responsabilidade que a mulher possui na educação dos filhos. Porém, é interessante destacarmos que em todas as frases que ele ressalta essa importância ele está se referindo à educação dos filhos do sexo masculino: os homens, ao passo que a educação das filhas, das mulheres, nem é mencionada ao longo do livro. O que nos abre diversas interpretações tratando-se de um livro que possui como título *O Perfil da Mulher Brasileira*. Todavia, não convém tratarmos de questões de gênero nesta pesquisa, já que se trata de uma pesquisa histórica e que analisa livros específicos de um autor que escreveu em um período anterior ao surgimento e florescimento das teorias de gênero.

5.3 Comparação entre o Homem e a Mulher

Como foi discutido anteriormente, não vamos tratar das teorias de gênero nesta pesquisa, tampouco faremos análise a partir delas. Mas pontuaremos algumas questões sobre a comparação que o autor faz entre o homem e a mulher ao longo de seu livro.

Assim, Augusto Forel relata um trecho sobre os fenômenos íntimos da fecundação, citado por Austregésilo em seu livro: "com efeito, o crescimento do núcleo do espermatozoide deu a sua própria substância a mesma força de desenvolvimento que a do núcleo do ovo. Todos os dois entram em conjunção com partes iguais, o que simboliza a igualdade social dos dois sexos!" (FOREL apud AUSTREGÉSILO, 1923, p. 27).

No recorte acima, o autor utiliza simbolicamente os pressupostos biológicos da fecundação para colocar o homem e a mulher em poder de igualdade, pois, segundo ele, os

dois possuem papéis iguais e amplamente divididos para que a fecundação ocorra efetivamente.

Porém, para analisarmos a posição do autor, não podemos deixar de contextualizar o que acontecia no mundo no momento que ele desenvolvia essas ideias em seu livro, e o que precedeu esse período.

Assim, após 1789, com o advento da Revolução Francesa, o sexo feminino passa a ser reconhecido, pois surgia a ideia de que todos eram iguais perante a lei. Com isso, a mulher passa a ser vista no lar como a responsável por todos os assuntos que envolvessem o bom funcionamento da casa, até as economias e suprimentos.

Quando o autor faz comparações entre a mulher e o homem, ele ressalta a educação que a mulher recebe. Educação esta que a transforma em um ser cheio de sentimento, qualidade, educada para o papel que exercerá na sociedade. Logo, recorre para argumentar sua ideia a alguns teóricos da filosofia, para justificar o lado sentimental que a mulher desenvolve através da educação que recebeu (AUSTREGÉSILO, 1923).

Dessa forma, cita Mantegazza em sua obra *Fisiologia da Mulher*, onde o autor relaciona as qualidades e sentimentos do homem e da mulher:

No Homem: O mínimo de paternidade; Amor sexual mais fraco e mais inconstante; Menor ciúme; Menor pudor; Menor galantaria, Maior ambição; Menor compaixão [...] Na Mulher: O máximo de maternidade; Amor sexual mais ardente e mais constante; Maior ciúme; Maior Pudor, Maior galantaria; Maior vaidade; Maior compaixão [...] (MANTEGAZZA apud AUSTREGÉSILO, 1923, p. 75)

Visto que a ideia da diferença entre homens e mulheres evidencia o caráter sentimental e “puro” da mulher, assim, nesse trecho acima, observamos o que é culturalmente aprendido como o papel que ambos os sexos devem exercer, sendo repassados historicamente esses valores a serem seguidos na sociedade.

Entretanto, Austregésilo tenta amenizar as citações que ele fez do pensamento de Mantegazza dizendo: "não se trata de saber se a mulher é inferior ao homem; cuido aqui da sua eficiência na cooperação social, pois o problema da emancipação da mulher é secular, e para muitos insolúvel, contudo a chave do enigma talvez não seja obscura como parece à maior parte dos escritores" (AUSTREGÉSILO, 1923, p. 76).

De acordo com Austregésilo, a função social e o papel que a mulher desenvolve na sociedade são importantes, contribuindo para a evolução social. Então, a partir da observação do autor, podemos concluir que, embora ele ache inútil a comparação entre o homem e a mulher, ele evidencia o quanto defende os papéis de cada um na sociedade, tanto que escreve um livro para descrever o papel da mulher brasileira, pois considera importante e essencial o seu papel na sociedade, desempenhando sua função de educadora e cuidadora do lar, para enfim termos uma sociedade melhor.

5.4 A depreciação da Mulher

Em alguns momentos o autor descreve a mulher de forma um tanto depreciativa, mas que para os padrões do período em que o livro foi escrito, era totalmente normal aos costumes e normas vigentes na época.

Analisaremos no trecho abaixo os escritos da autora Grata Ermelinda, uma pensadora inspirada em Marques, que publicava obras que falavam das mulheres e das condições a que eram submetidas: “os homens zombam da ignorância das mulheres sem se lembrarem de que as educam como escravas, e que só necessitam saber obedecer” (ERMELINDA apud AUSTREGÉSILO, 1923, p. 29).

A autora citada por Austregésilo faz uma crítica ao homem pela sua atitude de depreciar e reprimir a mulher quando cobra dela comportamentos e atitudes que ela não foi educada para exercer, pois sua educação limita-se apenas a aprender a obedecer aos homens que a cercam.

Mantegazza, outro autor citado por Austregésilo, ainda é mais enfático em seu pensamento sexista acerca das mulheres, afirmando que a mulher sempre será menos inteligente que o homem e que sua inteligência é comparada ao máximo à inteligência de uma criança (AUSTREGÉSILO, 1923). Assim, Mantegazza continua seu pensamento: "a mulher, para atingir a perfeição no futuro, precisa melhorar fisicamente, moralmente e intelectualmente. A mulher foi sempre poderosa pela sua beleza " (MANTEGAZZA apud AUSTREGÉSILO, 1923, p. 77).

Essa última citação que Austregésilo faz de Mantegazza nos permite ampliar a discussão para diversos pontos: a nítida desvalorização e inferioridade da mulher, uma

comparação carregada de preconceito e estigma, além da associação da mulher à beleza, que encontramos frequentemente mesmo na sociedade atual, onde a mulher é colocada como símbolo de beleza, e ainda como a beleza sendo uma das suas principais qualidades e atributos.

6 CONDOTA SEXUAL – 1939

Na realização desta pesquisa utilizamos a segunda edição ampliada do livro *Conduta Sexual* de Antonio Austregésilo, do ano de 1939.

Iniciamos a análise com a justificativa que o autor fornece para explicar por que escreveu a obra *Conduta Sexual*. Segundo ele, é um tema recorrente nos livros dos países civilizados acostumados com os conflitos de origem sexual,

a importância do problema merece grande publicidade, porque o progresso e a civilização modificam e alteram constantemente a função sexual, uma das mais importantes para o equilíbrio nervoso e mental. Tais razões justificam a publicação deste volume (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 5).

Como já observamos anteriormente na análise dos outros livros desta pesquisa, o autor relaciona as funções sexuais ao desenvolvimento da sociedade. No período que ele escreve, o mundo passava por diversas transformações na sociedade e a sexualidade não ficava de fora. Por isso, ele justifica a importância de livros para tratar essa temática nesse período de transformações.

6.1 Sexualidade a partir dos Pressupostos Psicanalíticos

6.1.1 Psicanálise

Neste livro assim como nos outros estudados, percebemos que Austregésilo recorre à teoria psicanalítica para fundamentar os pressupostos teóricos que escreve.

A corrente moderna dos pan-sexualistas, desvendada pelas freudianas põe no complexo da evolução, como causas determinantes da ação psicologia social e moral do homem, o sentimento e o pensamento. Consciente e inconsciente articulam-se na personalidade graças à força propulsora da sexualidade, isto é, da tendência da espécie a permanecer indefinidamente (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 9).

O autor se apropria do conceito de homem à luz da Psicanálise, um homem movido pela sexualidade a partir do instinto sexual com o objetivo de perpetuação da espécie, todavia passou por um processo evolutivo se tornando um ser social, que desenvolveu a moral, o pensamento e a cultura.

Assim, de acordo com Lima (2001), a teoria Freudiana explica justamente a diferença existente entre os mamíferos animais e o mamífero humano, pois além de suas necessidades físicas e biológicas básicas como a alimentação, o mamífero humano também possui a capacidade e necessidade de sentir prazer. A necessidade de obtenção de prazer é tão importante quanto a necessidade de se alimentar. "Ela demonstra como a história de cada indivíduo é não só inseparável da vivência do prazer – que tem origem biológica, no sistema nervoso central –, mas determinada por ela" (LIMA, 2001, p. 9).

As leis sociológicas que presidem à formação das civilizações são as mesmas que presidem, psicologicamente, à formação da personalidade humana. Assim podemos estabelecer a seguinte equação: Sociedade igual ao homem, o homem igual a nutrição e a reprodução. Porém, no homem o instinto da nutrição é menos importante que o da reprodução que envolve gradualmente para o aperfeiçoamento da esfera afetiva da humanidade. O reverso da medalha póde testemunhar-se, isto é, os erros biológicos e psicológicos defluentes do instinto da reprodução podem acarretar sérios desvios não só na vida nervosa, intelectual ou moral do homem, como na sociedade. A história universal dos povos dá-nos exemplos frisantes da ascensão e da decadência de raças, baseadas no transvios ou alterações dos sentimentos individuais e coletivos (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 11).

Nessa citação percebemos os ideais que norteiam todo o livro de Austregésilo, encontramos a definição de homem que parte dos pressupostos psicanalistas, como podemos observar em Lima (2001), e na parte em que o autor afirma que o instinto sexual é mais importante que o instinto de nutrição. Além disso, ultrapassa o conceito quando traz para o homem a responsabilidade moral, afetiva e intelectual desse instinto sexual que refletirá em toda a sociedade as consequências de seus atos.

6.1.2 Instinto Sexual

O autor faz uma reflexão comparando os homens aos animais a partir do instinto reprodutor. Pois, Austregésilo entende que além da inteligência, essa seria a outra condição essencial que os diferencia. Ele acredita que essa diferença entre o homem e o animal se dá através da evolução que o homem teve quando transformou o instinto sexual em sentimento. O instinto sexual, segundo o autor, passou a ser o amor. Dessa forma indaga que o que veio a distanciar o homem do animal foi em primeiro lugar a sua condição de possuir inteligência ou de ter desenvolvido o sentimento chamado amor,

podêmos desde logo compreender que o instinto reprodutor nos animais não passa de força puramente biológica, ao passo que no homem, esse instinto se eleva a ponto de progressivamente transmutar-se em sentimento e em pensamento. O que distancia o homem da animalidade é o instinto afetivo que se transforma em amor. Podêmos supor como a reprodução envolveu em milênios para atingir a forma amorosa. Parece mesmo, que foi o amor a força criadora da palavra e provavelmente da inteligência superior que o homem atual possui. Põe-se aqui, naturalmente, a dúvida se em primeiro lugar apareceu no homem, o sentimento ou a inteligência. Não se sabe responder com segurança, porque desde o selvagem até ao homem civilizado assistimos ao desenrolar paralelo e simultâneo das forças psicológicas – sentimento e pensamento. Inegavelmente as formulas da espiritualidade humana nasceram do sentimento que se originou do amor, cujas radículas se acham no instinto da reprodução (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 8).

Então percebemos através dessa última citação a transformação do instinto afetivo e reprodutor no sentimento amoroso, de acordo com o que o autor acreditava. Ele ainda questiona se a inteligência surgiu a partir do sentimento amoroso.

Já na psicanálise para Freud, como vimos anteriormente, o que nos torna diferentes dos outros mamíferos é a capacidade e necessidade de obtenção de prazer. Assim, além das necessidades básicas de alimentação, temos o princípio do prazer como uma condição para se manter vivo, o que também fundamenta esse trecho de Austregésilo. E ainda, este instinto se transforma na capacidade de sentir, logo, os sentimentos também são uma condição humana.

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma “pulsão sexual”. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar

[no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, por isso, de “libido” (FREUD, 1905, p. 128).

6.1.3 O Desenvolvimento da Criança à Luz da Psicanálise

Era costume dos indivíduos pensarem que na criança não existia a sexualidade. Graças aos trabalhos de FREUD os pediatras e os pedagogos começaram a perceber que a força garantidora da perpetuidade da espécie se acha sob o aspecto de nebulosa no organismo infantil. Esta expressão amorfa da *libido* na criança, pôde ser surpreendida ou polarizada nas varias zonas erógenas do organismo do pimpolho. A criança tem sexualidade ainda não bem localizada nos órgãos genitais pela falta de maturidade deles, apesar de existirem as suas raízes completas no organismo feminino ou no organismo masculino (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 18).

O autor faz uma crítica ao hábito que as pessoas possuem de tratar as crianças como se fossem assexuadas. Segundo ele, este é um grande erro, pois, como a Psicanálise nos prova, a criança possui áreas erógenas desde seu nascimento, passando por diversas fases nas quais obtém prazer através da sucção, da nutrição, da alimentação, do esfíncter anal e do tato, entre outras formas de sentir prazer (AUSTREGÉSILO, 1939).

Lima (2001) afirma que a sexualidade da criança descoberta por Freud foi um dos seus principais achados após a descoberta do inconsciente, pois formam as bases da teoria psicanalítica, assim a hipótese de Freud era,

Que a mente adulta vai sendo moldada na infância; de acordo com as experiências de prazer e desprazer que a criança vivencia em cada fase de desenvolvimento da libido. Por libido, Freud entendia a energia corporal expressa pelos instintos sexuais. Segundo as teorias da sexualidade, a libido humana não apenas dá origem à experiência do prazer, mas também produz reflexos em nosso comportamento psíquico. Em outras palavras, ela esta por trás de tudo o que fazemos ou deixamos de fazer. São três as fases de amadurecimento sexual descritas por Freud: oral, anal e fálico-genital (LIMA, 2001, p. 31).

Dessa forma, a relação mãe e bebê já é uma atração instintiva que gera prazer para ambos. Partindo desse pressuposto, ele ressalta a importância de a criança ser tocada, acariciada e afagada pelos pais e pelo responsável. Lembra-nos ainda que essa relação instintual também pode ser observada entre os animais quando se relacionam com seus filhotes (AUSTREGÉSILO, 1939): "Esta atração materna pelos filhos é acrescida no homem

pela condição psicológica de animal racional, dotado de sentimento, e que faz multiplicar as fontes e os meios de agrados" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 22).

A partir do conceito psicanalítico que a criança também sente prazer e possui uma sexualidade existente desde seu nascimento, Austregésilo traz em seu livro a ideia que todos os pais e educadores deveriam seguir os conselhos dos psiquiatras e dos neurologistas das crianças, para aprenderem os limites das relações de afagos, brincadeiras e de carinhos que devem ter com as crianças. Pois, de acordo com o autor que estava imerso nos ideais de higiene sexual e profilaxia psíquica, todos deveriam tomar muito cuidado para não estimular ainda mais as áreas erógenas do que a criança já possui e tampouco estimulá-la através de brincadeiras que pareçam ingênuas. Sendo ainda necessário observar o comportamento das crianças para coibir possíveis atos masturbatórios em todo processo de desenvolvimento infantil (AUSTREGÉSILO, 1939).

Essas normas de condutas que restringiam o contato com as crianças, propagadas pelos médicos higienistas, nos parecem ser resultado de algo que era culturalmente aceito há alguns séculos nos quais as carícias em partes íntimas das crianças eram consideradas atitudes normais:

No princípio do século XV, Gerson falava repetidamente, nas suas prédicas do “desgosto da infância” e dos “contatos físicos das crianças”. Queixava-se das pessoas imorais “que têm prazer, pelas suas palavras e pelos seus atos, em levar crianças ao pecado, quando estas deveriam ser puras como anjos”. A esse respeito evocava, sobretudo, o hábito dos pais e dos criados de palparem, acariciarem e exercitarem o corpo ou o sexo da criança (USSEL, 1980, p. 135).

Assim, na citação abaixo, o autor faz a recomendação de cuidados essenciais que os pais e as amas cuidadoras devem ter com as crianças, justificando com as últimas descobertas da ciência:

Os últimos momentos científicos vieram demonstrar que a criança, desde o seu início, deve ser orientada pelos pais e pelas amas no sentido ortopedico sexual... como preceitos gerais, devem ser evitados o abuso da chupeta, o uso da sucção do dedo, o contato com as partes genitais da própria criança, as fricções anais; o uso do talo de couve ou de supositorios para a provocação reiterada da expulsão das matérias alvinas ou fezes (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 23).

Nesse trecho percebemos as medidas exageradas que partiam dos pressupostos higienistas de cuidados e restrições sexuais e morais, que possuíam como objetivo a preservação física e psicológica da criança, para que no amanhã com vida adulta o indivíduo não desenvolvesse algum tipo de “desvio moral” que viesse prejudicar a sociedade, esse conceito era a essência dos estudos de Austregésilo.

A curiosidade da criança também deve ser observada pelos pais e educadores, de acordo com o autor, pois o instinto sexual desperta a curiosidade nas crianças para saber como surgiram os irmãozinhos, em ver outras pessoas desnudas, em apalpar as partes íntimas dela própria e das pessoas a sua volta, estes atos devem ser evitados, sendo ainda, que o adulto deve estar atento para quaisquer dessas atitudes das crianças (AUSTREGÉSILO, 1939).

De acordo com o autor, na segunda infância a criança desenvolve manifestações sexuais em seu organismo. Com isso, o controle e observação dos pais devem ser constantes. Pois, além da curiosidade da criança, outras atitudes devem ser evitadas como o fato de os filhos dormirem na mesma cama que os pais ou até mesmo no quarto do casal, porque a criança pode observar o ato sexual feito pelos pais (AUSTREGÉSILO, 1939).

Como vimos, é um fato adquirido em sexologia que a libido na segunda infância apresenta manifestações muitíssimo pronunciadas sobre o organismo... O desejo sexual manifesta-se não só psiquicamente como pelas excitações genitais propriamente ditas... A priori pareceria que os meninos seriam mais predispostos do que as meninas, entretanto, a observação demonstra que em ambos os sexos isto se dá (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 29).

Nessa citação observamos que o autor traz uma questão discutida até os dias de hoje, sendo ainda, erroneamente aceita por influência dos padrões culturais que vivenciamos, nos quais a sexualidade da mulher é negada. Consequentemente, a sexualidade na menina também, assim, muitos acreditam que as meninas possuem menos excitação genital do que os meninos. Porém, nessa citação o autor afirma que, embora isso pareça ser uma realidade, em ambos os sexos a excitação genital existe.

Outro ponto que o autor destaca sobre o cuidado que os pais devem ter com seus filhos é com relação a suas amas de leite, se estas não lhes fazem carícias demasiadas e ainda o contato das crianças com os filhos das empregadas e serviçais que, segundo ele, não

receberam a educação necessária e podem ensinar hábitos sexuais errados às crianças (AUSTREGÉSILO, 1939).

Nesse trecho sobre as amas e os cuidados que precisam ter com elas, o autor mostra preconceito quando julga o comportamento das amas e dos filhos das empregadas que convivem com os filhos dos patrões. Todavia, essa era uma expressão de juízo carregada de preconceito moral recorrente na época que o livro foi escrito (AUSTREGÉSILO, 1939).

Nesse livro Austregésilo faz uma explanação sobre a mentalidade infantil, perpassando por todos os aspectos psíquicos e mentais em toda faixa etária da criança, partindo desde seu nascimento até os doze anos que, segundo o autor, é quando a criança está com quase toda inteligência desenvolvida e adquire equilíbrio mental relativo. Sendo que suas ideias de desenvolvimento partem dos pressupostos psicanalíticos,

Em resumo, na criança, em baixa idade, predomina a memória primitiva. Depois se diferencia, e a criança armazena no cérebro, na fase inicial, fatos, palavras, ideias sem coordenação lógica e precisa. Só depois dos 8 anos começa a haver a coordenação e a memória torna-se mais nitida, mais corrente e mais bem organizada. Só o tempo e ascensão psicológica vão aperfeiçoando, da infância até a adolescência, a organização mnêmica (da memória) do indivíduo. As idéias associam-se cada vez melhor, ao talento do desenvolvimento intelectual infantil (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 40).

Na citação acima, o autor trabalha especificamente com o desenvolvimento da memória infantil, a sua forma de assimilação e fixação, em cada faixa etária do desenvolvimento.

O período em que os livros estudados foram escritos, como já vimos anteriormente, priorizava a informação e a educação sexual das crianças e dos adolescentes, porém, por se tratar de um tema novo para a época e principalmente com novos ideais e pressupostos que eram ancorados nos pensamentos higienistas e psicanalíticos. Esse era mais um fator relevante para que o tema Educação Sexual fosse tratado com afinco pelo autor ao longo de seus livros,

dois problemas principais se nos deparam para a educação da sexualidade infantil. O primeiro, o meio familiar, o segundo o meio escolar; ambos merecem considerações especiais pela cegueira geral que se tem acerca dos mesmos problemas. [...] A educação sexual na família. É preciso larga concepção da lei da reprodução e das forças da libido e para que se veja que desde o início, especialmente do segundo ano da existência em diante, se deve traçar um plano geral, razoável e simples da educação sexual infantil.

Os páis ou as amas, os membros da família em geral devem evitar a criação de zonas erógenas, isto é, devem evitar o excesso de caricias em certos lugares, evitar que a criança, por si, acaricie, no seu próprio corpo ou no corpo materno ou mesmo por meio de objetos, como lençóis, fraldas, etc (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 45-46).

Nessa citação percebemos novamente preocupações que já foram observadas anteriormente no estudo desse livro e o autor as retoma: o cuidado com a educação sexual das crianças, principalmente com o toque das áreas erógenas, pois o autor acreditava que a excitação dessas áreas podia desenvolver problemas futuros, como perversões sexuais e práticas sexuais que ele considerava desviantes. Assim, acreditava que deveria ser feito um projeto de educação sexual desde o nascimento, mas principalmente após o segundo ano de vida da criança, quando devem ser analisados os comportamentos das crianças, que se estiverem se acariciando, que sejam repreendidas. E a importância do cuidado que os pais, as amas e os educadores devem ter para não fazerem carícias ou utilizar certos objetos que estimulem a sexualidade da criança.

Ele ainda orienta sobre o uso de supositórios anais, recriminando a prática, pois acreditava que tal estímulo na área anal principalmente nos meninos, era uma prática que poderia levar ao desenvolvimento do desejo por indivíduo do mesmo sexo: “O uso frequente de clisteres para evitar prisão de ventre, a própria prisão de ventre são elementos que predispõe o individuo futuramente à homossexualidade” (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 46-47).

O autor afirma que, embora as curiosidades de cunho sexuais das crianças sejam naturais, os pais, educadores e amas precisam estar atentos a essas curiosidades, pois quanto mais são solucionadas e respondidas através de histórias ou explicações ignorantes mais “despertam o instinto e a força da expansão da libido” (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 47).

Austregésilo acreditava que a educação sexual não deveria ser feita através de repressões ou castigos sem fundamentos, tampouco através de histórias fantasiosas e aterrorizantes para as crianças, deveria ser pautada nos fundamentos científicos da época que tinham como base os pressupostos da medicina higienista.

6.2 Sexualidade e a Conduta Sexual dos Indivíduos – Significado da Sexualidade

Trabalharemos de forma breve vários assuntos que o autor trata em seu livro, mas que possuem como pano de fundo a conduta sexual que os indivíduos devem ter e seguir, ou seja, a forma que as pessoas devem se comportar sexualmente e moralmente na sociedade. Temos, então, a concretização da heteronormatividade disseminada pelos higienistas na época que o livro foi escrito.

A sexualidade no período era vista como uma função biológica essencial e fundamental, assim como a nutrição, ligada à função instintual de preservação das espécies.

Antes de abordarmos a questão da educação ou da Cultura Sexual, devemos compreender as leis gerais da vida. Todo organismo vivo, e naturalmente o homem, depende dos princípios básicos biológicos – a nutrição e a reprodução –, e que resume a expressão bíblica do *Crescite et Multiplicamini*. A nutrição e a reprodução constituem, pois, os eixos principais das funções fisiológicas. [...] No homem a nutrição encerra problema elementar na formação fisiológica e sociológica; a reprodução, ao contrário, apresenta-se como o veio central em torno do qual giram todas as qualidades morais e intelectuais do homem civilizado (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 7).

Austregésilo define na citação acima o homem a partir da biologia, das necessidades biológicas, afirmando que antes de qualquer coisa o homem necessita de dois princípios básicos: o de nutrição e o de reprodução, esses seriam os eixos fisiológicos mais importantes no homem. Porém, a reprodução seria a mais importante necessidade do homem, pois no mundo civilizado é ela quem define seus predicados mentais e éticos. Como médico utiliza pressupostos higienistas para defender as suas ideias, sendo ainda que estes pilares se inter-relacionam com a teoria psicanalítica que o autor também utiliza. Todavia, não podemos deixar de levar em consideração as mudanças ocorridas na sociedade naquele momento histórico que obviamente também refletiram na sexualidade e na conduta sexual dos indivíduos.

A evolução ocorrida no século XIX realizou-se no sentido de um retrocesso crescente do aburguesamento da sociedade; trata-se de uma evolução que vai do anti-sexual ao pró-sexual, de uma liberdade limitada a uma maior

liberdade, da moral da culpa à moral da vergonha, da dissimulação à revelação, da sexualidade limitada aos órgãos genitais a uma sexualidade total, da obsessão à integração e à dessexualização do sexual, da antítese à cooperação entre os sexos, da desintegração à síntese do amor e da sensualidade (USSEL, 1980, p. 231).

Ussel sintetiza as mudanças sexuais que ocorreram no século XIX, século anterior ao que Austregésilo escreveu suas obras. Percebemos que seus livros foram totalmente influenciados por esses ares de mudanças que transpareciam na sociedade e nos comportamentos das pessoas do século passado.

Nesta próxima citação vemos a continuidade da ideia lançada anteriormente, mas que ultrapassa a condição biológica chegando aos aspectos emocional, psíquico e ético, assim define que a, "sexualidade não quer dizer sensualidade ou genitalidade como habitualmente o publico confunde. A sexualidade é a grande força da humanidade, força essa que se transborda, não só no aspeto material como no ponto de vista moral ou sentimental" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 17).

Dessa forma, esse trecho é um apelo à amplitude do significado de sexualidade, que ele define indo muito além do desejo, da genitália e do ato sexual. Mas uma energia que ultrapassa as condições materiais, chegando à moral e à esfera sentimental do indivíduo e da sociedade.

Austregésilo não estava sozinho na defesa dos pressupostos higienistas e em sua definição da sexualidade, pois nesse mesmo período em que houve a normatização da sexualidade, ocorrera um movimento que envolvia diversos autores que produziam livros relatando os mesmos ideais. Entre eles podemos citar Albuquerque:

Albuquerque partia do princípio de que o sexo era uma função tão natural quanto qualquer outra do organismo, ou seja, existindo uma função sexual, o ser humano tinha de ter pleno funcionamento da mesma. Para ser sexualmente saudável, era preciso afastar dele crenças, preconceitos, negativismo e associação inadequadas que pudessem existir ou ser feitas em relação à sexualidade (RIBEIRO; FIGUEIRÓ, 2009, p. 136).

Percebemos que Albuquerque também via a sexualidade como uma função natural do corpo humano, assim como pudemos observar, na terceira seção desta pesquisa, outros teóricos defendiam os mesmos pressupostos que Austregésilo naquele período histórico.

Sendo ainda que Austregésilo define a ética sexual, fazendo a conexão entre a sexualidade e a sociedade como natural e harmônica: “A ética sexual é questão de harmonia do indivíduo e da sociedade e não pôde ser excessivamente rude diante dos fatos impostos pela natureza. Sexualidade não é moral nem imoral: é desejo, é instinto reprodutor da espécie” (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 216).

Todavia, define o que considera atos imorais que estão fora da ética sexual, como a prostituição e o onanismo, controle da procriação da espécie entre outros como atos que transgridem a moral sexual de perpetuação da espécie e de preservação da mesma:

Devem ser considerados imorais para a ética sexual o onanismo, a prostituição, os contágios infantantes, venéreos, a limitação da procriação da espécie, enfim, todos os males que possam decorrer, física ou moralmente, da função sexual, ou da humanidade. O celibato de indivíduos sadios e de bons haveres é imoral. O casamento de um velho invalido sexualmente com uma moçoila vigorosa é fortemente imoral para o biologista e pôde não sé-lo para o Direito ou para a religião. Da mesma maneira que os matrimônios de um paciente condutor de doenças graves do sistema nervoso, de portadores de infecções serias e incuráveis e contagiantes, de surdos-mudos, de degenerados, etc., são altamente imorais para a ética biológica, social ou humana. O principal escopo da moral sexual esta na perfetibilidade da espécie sem prejuízo do indivíduo, dos descendentes, da sociedade e dos direitos alheios (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 218).

Constatamos nessa citação as bases do pensamento higienista, em que qualquer tipo de relação ou ato sexual que não priorize a perpetuação da espécie e o aprimoramento dela são considerados imorais, sendo ainda, que os atos que prejudicam o próprio indivíduo e a sociedade também transgridem a moral ética sexual.

6.2.1 Educação Sexual

De acordo com o autor, a sexualidade deve ser observada pelos pais principalmente na idade escolar, pois a curiosidade que já existia tende a aumentar com os contatos com os coleguinhas de escola. É neste momento que os pais e pedagogos precisam estar atentos às brincadeiras do meio escolar, às dúvidas sobre sexualidade e às respostas dadas pelos coleguinhas (AUSTREGÉSILO, 1939).

Assim, o autor mais uma vez orienta que a sexualidade deve ser trabalhada com a criança a partir dos pressupostos científicos e associada à função de procriação, pois, segundo ele, essa é a única forma eficaz de diminuir a curiosidade das crianças, principalmente na fase escolar,

a época escolar, como vimos, é da aptidão da inteligência infantil para as questões mais fáceis ao espírito. Da mesma maneira que a inteligência infantil desenvolve também se acrescem as faculdades do sentido e da sexualidade [...] As curiosidades sexuais multiplicam-se e entre os camaradas e os amiguinhos surgem as inquietações que se relacionam com o ato da reprodução, com os órgãos sexuais, tudo mascarado, às vezes, simbolizado por noções erradas ou mal conduzidas [...] O PROF. PORTO CARRERO, em conferencia feita sobre a educação sexual visante conselhos aos páis e aos mestres, estabelece paradigmas para que sejam, conduzidas pelos mestres as noções seguras, singelas, científicas e despidas de imoralidade acerca do sexualismo biológico e posteriormente humano (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 53-54).

Baseando-se nas noções básicas de desenvolvimento infantil, principalmente à luz da psicanálise, Austregésilo sabe que faz parte da fase escolar do desenvolvimento infantil a curiosidade sobre as questões sexuais. A partir disso descreve que a conduta dos pais e educadores para este período deve ser de alerta, para poder explicar e orientar as crianças através de noções seguras e científicas, mostrando o lado biológico da sexualidade e sua função reprodutora. Dessa forma evita que a curiosidade aumente e caia nas respostas imorais e erradas sobre a sexualidade e a conduta sexual que possam ser dadas pelos coleguinhos de escola.

Assim como os outros médicos higienistas do período que trabalhavam com a sexualidade, Austregésilo sempre foi a favor da informação e disseminação do conhecimento sexual, afinal nesse período os médicos ainda eram influenciados pelos ideais iluministas, acreditavam no conhecimento científico e em sua propagação. Assim, o autor faz uma relação em seu livro que quanto maior o atraso de um povo, maior é a sua hipocrisia, inclusive a sexual:

Podemos dizer, como lei geral, que quanto mais atrasado o povo, mais existe a hipocrisia sexual. Como muito bem afirma FOREL, a hipocrisia é particularidade profundamente enraizada na alma humana. Póde-se afirmar que quem pretende dizer que nunca foi hipócrita, mente. A hiperestesia, no

domínio sexual, representa papel mais importante entre todas as suas formulas de manifestação (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 55).

Embora para o autor essa hipocrisia infelizmente seja recorrente, existe uma forma eficaz de combater que é a educação sexual, principalmente nas escolas. Ele acredita que não seja necessário haver um curso de sexologia específico para os moços e moças, mas que o tema deve ser trabalhado em todas as disciplinas quando o professor achar necessário de forma natural (AUSTREGÉSILO, 1939).

Nos colégios e nos secundários, os professores deveriam, sempre a proposito das lições de cousas, mostrar como as plantas e os animais e finalmente o homem se reproduzem graças as duas leis predominantes na biologia: nutrição e reprodução. Naturalmente que as cousas não podem ser introduzidas na alma infantil senão de acordo com a percepção dela. Assim, as noções devem sempre ser ditadas de maneira objetiva, singelamente, naturalmente, como se descrevessem objetos comuns, frutas, flores, plantas e animais (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 56-57).

Como observamos na citação acima, o autor acreditava que a educação sexual deveria ser natural, assim como ela é de fato um sistema essencial no ser humano como a necessidade de nutrição. Deve ser ensinada de forma natural como trata-se a alimentação, o desenvolvimento das plantas e dos animais, afinal estes dois últimos se reproduzem através das leis biológicas assim como o ser humano. A reprodução humana deve ser ensinada com naturalidade de acordo com a percepção das crianças através de seu desenvolvimento e faixa etária.

Albuquerque, contemporâneo de Austregésilo, define uma educação "que dê ao indivíduo uma noção integral da vida, para que ele possa saber se conduzir de forma consciente, distinguindo a conduta que convém daquela que não convém, a fim de adaptar a primeira e desprezar a segunda" (ALBUQUERQUE, 1940, p. 9).

O autor reafirma o conceito das duas leis essenciais dos seres humanos, a nutrição e a reprodução como naturais da constituição humana, pois ele acredita que se houver erro na educação dessas leis gerais levará a falhas morais de caráter irreversíveis, como a prostituição e o crime. De acordo com Austregésilo, essas são as maiores "Chagas da Humanidade" (AUSTREGÉSILO, 1939).

O autor acredita que a humanidade ainda encontra-se muito atrasada no conhecimento da sexualidade, principalmente na transmissão dela para as próximas gerações. Mostra-nos que a educação sexual tem que ser feita sem ameaças e medos impostos pelos pais, sacerdotes ou professores, pois situações como essas podem levar a doenças mentais futuras como as neuroses e histerias, segundo o autor (AUSTREGÉSILO, 1939).

Assim, infelizmente, por falta de informação, preconceitos e medos, os pais e mestres não trabalham a sexualidade das crianças e jovens corretamente, deixando o aprendizado sexual falho e resultando nos erros sexuais constantes na sociedade. (AUSTREGÉSILO, 1939).

Entre esses erros constantes, ele destaca o contágio de doenças sexuais na juventude: "É talvez este o ponto mais funesto do episódio venéreo da juventude que continua em tragédia através de todas as idades, porque só o clínico pôde saber os grandes males advindos da penetração do vírus da sífilis no organismo humano" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 113).

Na citação anterior observamos o lugar privilegiado que ele coloca os médicos, quando descreve que apenas os clínicos podem saber os males que surgem do contágio da sífilis. Primeiro o autor, como médico, fala de si próprio e ainda fazendo parte da medicina higienista torna-se comum uma atitude que atribua poder ao médico, principalmente se tratando da Sífilis, uma doença muito temida no início do século passado, que vinha sendo estudada com afinco, por conta de sua disseminação em massa na população. Na próxima citação, o autor aconselha alguns princípios higiênicos:

O bom preceito está em, logo após a copula comercial ou suspeita, urinar, lavar-se com água e sabão e fazer uma pequena lavagem antiseptica no canal da uretra com as formulas aconselhadas, ou de permanganato a um por mil ou de qualquer outra solução indicada pelos especialistas (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 117).

Era comum que nos livros desse período os autores e principalmente os médicos prescrevessem orientações higiênicas principalmente após o ato sexual.

6.2.1.1 Educação Sexual dos Jovens

Como já estudamos nos livros de Austregésilo anteriormente, ele acreditava que se a sexualidade fosse exercida de forma imoral ou com condutas que ele classificava como desviantes sem o fim da procriação, essa atitude sexual traria sérios danos para o indivíduo e para a sociedade como um todo. Logo, ele defendia a ideia de educação sexual para todos, mas principalmente para os jovens que estavam mais próximos de iniciar sua vida sexual.

A higiene social e a profilaxia individual apresentam, no momento que passamos, a inquietação de novos problemas que visam a felicidade pessoal ou coletiva. Um dos mais interessantes constitui-se pela educação sexual dos rapazes e das moças. A profilaxia das psiconeuroses deve ser baseada exclusivamente na vigilância e na educação sexual (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 63).

Nessa citação o autor defende a profilaxia e a higiene social principalmente no conhecimento sexual, pois acredita que acarretaria na diminuição de problemas futuros com a educação sexual para os jovens.

O autor evidencia na ideia de profilaxia não somente o ato sexual e as genitálias, mas que o lado psíquico também deve ser trabalhado com os jovens na educação sexual, com esse trabalho ele acredita que alcançamos a moral sexual. Assim,

a educação sexual, pois, tem em mira não só o lado genital, como o lado psíquico. [...] Sabemos que há mil perigos de ordem sexual para o jovem e para as nubentes. Só podemos evita-los naturalmente iniciando preceitos e regras de higiene e de moral sexual que constituirão a base segura para que tais perigos sejam evitados. [...] A ignorância, ou melhor a inocência, em questão de sexualidade é mais prejudicial do que os conhecimentos exatos e honestos acerca da mesma [...] Nada é impudico ou vergonhoso quando se estudam as leis naturais da reprodução. Esta iniciação é inevitável pelo contágio dos seres humanos entre si, por isso deve ser feita regularmente, de maneira normal, no aspeto higiênico, científico e lógico. É preciso falar com franqueza à criança e aos moços, da função sexual, da reprodução da espécie como fato biológico e social; é preciso falar cientificamente, sem acanhamento e sem mistério (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 73-74).

No trecho acima, o autor especifica que a sexualidade deve ser trabalhada além do lado sexual e genital, pois dessa forma previne a ignorância e a inocência no campo sexual, já

que ele classifica como prejudicial a falta de conhecimento científico sobre a sexualidade. Afinal declara ainda que é inevitável o contato sexual entre os seres humanos, por isso destaca a importância da educação sexual, para que esse contato sexual seja feito de acordo com as leis morais, o aspecto científico e higiênico. Dessa forma, não prejudicando o indivíduo e nem a sociedade, tampouco acarretando males futuros para ambos.

Afirma ainda que a educação sexual obtém melhores resultados quando feita para moços e moças em conjunto:

A prática tem demonstrado que a educação e a convivência dos jovens de ambos os sexos dão os melhores resultados, pela camaradagem instituída, pela perda da cerimônia e da timidez das moças e dos rapazes, enfim pela troca de idéias, pela confiança, pela independência que as moças adquirem no convívio dos amiguinhos (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 123).

Com os estreitamentos dos laços, a educação sexual passa a ser realizada como algo natural entre os meninos e meninas, sem tabus, medos ou vergonhas. Essa aproximação entre os sexos amplia a confiança e a obtenção do saber, facilitando até mesmo para o educador ou médico que transmite o conhecimento aos jovens.

6.2.1.2 Educação Sexual das Moças em Formação

O autor esclarece que a educação sexual das moças, em sua opinião, é um dos temas mais importantes e delicados de seu livro. Diz ainda que as moças devem ser educadas para exercerem seu papel essencial que é a maternidade (AUSTREGÉSILO, 1939).

Para isso, devem conhecer o funcionamento de seu corpo e de sua sexualidade, "é claro que a moçila deve conhecer francamente os princípios da fecundação, o mecanismo da menstruação e sobretudo com clareza os fatos biológicos, ensinados com sinceridade científica, ou imoralidade" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 78).

Justamente pela possibilidade de dar a vida, a mulher deve ter um conhecimento claro com embasamentos científicos e biológicos sobre seu corpo, principalmente porque as mulheres em sua grande maioria associam a sexualidade e o ato sexual à ternura e ao amor romântico ligado ao desejo da maternidade. Austregésilo alerta que isso leva à construção de

fantasias indevidas que podem gerar profundas frustrações quando se deparam com a realidade, chegando até a atrapalhar casamentos e relacionamentos familiares.

De acordo com o autor, a primeira menstruação é um sinal da transição de menina para mulher,

Menina e moça é o ponto de transição delicada da psique feminina. É alvorada buliçosa de sonhos e de forças orgânicas e constitui a mutação mais rápida que a natureza institui na espécie humana para a sua permanência na terra [...] Quando a natureza anuncia à moça que vai tornar mulher, previne-a que começa novo caminho para a dor, para o mistério, e para a inquietude (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 85).

Verificamos mais um ponto importante para a sexualidade da menina, a primeira menstruação que marca a entrada na vida adulta e a transição de menina para mulher que, segundo Austregésilo, é a mutação rápida da espécie humana. Destacamos também o lado pesado e negativo que o autor atribui à mulher, pois considera que, após a primeira menstruação, a mulher entraria em um “caminho de dor” para o “mistério” que seria o incerto, o duvidoso, e para a “inquietude” que significaria a insegurança e a ansiedade da mulher. Uma fala carregada dos estereótipos atribuídos à figura da mulher no período.

Em síntese: educação sexual no lar e na escola; ausência de excitantes psíquicos ou mecânicos; higiene menstrual e dos órgãos genitais; desportos leves, leituras salutares; convívio, camaradescos com os rapazes de idade aproximada, e ensinamentos do ato matrimonial, das noções da gravidez, do parto e da puericultura, são os pontos principais para a boa conduta da vida sexual das moçoilas e dos solteiros em geral (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 93).

Para Austregésilo, a mulher possui uma alta capacidade de sublimação, consegue canalizar a energia sexual em outras coisas como as atividades religiosas, filantrópicas e o cuidado com os filhos.

Detalha alguns cuidados que devem ser tomados com as moças e suas condutas sexuais:

Em primeiro lugar devemos cuidar da mentalidade da moçoila, em segundo lugar devemos tratar do esclarecimento das leis da fecundação; em terceiro lugar o cuidado da higiene da menstruação no aspecto físico e psíquico; em

quarto lugar, evitar que a moçoila adquira o habito masturbatorio, o que às vezes é impossível, mas que póde ser coibido, especialmente nos temperamentos não muito ardentes, e com a progressão da idade, males relativos da masturbação (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 90-91).

No livro o autor faz uma explicação detalhada sobre a menstruação feminina a partir dos pressupostos biológicos, aprofundando na fisiologia corporal da mulher. Também faz recomendações restritivas para as moças em fase menstrual, com cuidados excessivos, como não fazer leituras excitantes, não ficar sedentária, não andar por muito tempo em carros ou em cavalos (AUSTREGÉSILO, 1939).

Pontua ainda que,

as noções da sexualidade sadia devem ser ensinadas a ambos sexos, porque, tirando o lado absceno, o vicio, a maldade e o desenfreamento do autoerotismo, o equilibrio dos órgãos genitais virá, graças à mentalidade verdadeira e sincera que os jovens e as jovens possam adquirir com o aprendizado científico (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 83).

Nessa última citação, percebemos exatamente a opinião do autor sobre a sexualidade dos jovens, ressalta a importância do aprendizado da educação sexual para os dois sexos, pois considera o sexo sadio importante na vida do ser humano, tratando a sexualidade com embasamento científico e afastando as formas torpes de expressão da sexualidade consideradas imorais para ele.

O autor acredita que a educação sexual necessariamente tem que ser diferente entre os sexos, mesmo que trabalhada em salas mistas, pois há diferenças sexuais entre os dois gêneros. Mas destaca que a educação sexual da mulher é mais difícil e complicada de ser feita (AUSTREGÉSILO, 1939).

6.2.1.3 Educação Sexual dos Moços

Austregésilo (1939) considera a educação sexual das moças mais complicada. Todavia, para ele a educação sexual dos jovens moços também é de extrema importância, pois estes se deixam levar mais facilmente pelos impulsos sexuais, muitas vezes caindo em vícios como a masturbação,

o abuso insopitado ou infrene a masturbação traz às vezes consequências funestas para a saúde geral e especialmente para o equilíbrio nervoso, e basta-nos citar a crença de FREUD de que toda neurastenia tem origem na prática masturbatória e nas poluções noturnas (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 107).

A prática masturbatória sempre foi criticada e proibida para o autor ao longo dos três livros, para ele é a origem de diversas neuroses e problemas psicológicos e sociais, que geram danos à sociedade como um todo, como o desenvolvimento da própria neurastenia no indivíduo.

Embora a sexualidade masculina socialmente exigisse menos cuidados do que a sexualidade feminina, esse fato era decorrente dos aspectos culturais e pelas diferenças fisiológicas entre os dois sexos. De acordo com Carmo (2011), a sexualidade era trabalhada nas aulas de catecismo nas quais orientavam os jovens moços a dominar e controlar seus instintos sexuais resistindo, assim, às tentações carnis. Já os conselhos médicos,

Alertavam para o vício, como se pode ler em *Possibilidades e dever da castidade antes do matrimônio*, de 1919, de Irineu Vasconcelos. O livro recomendava que os moços evitassem a masturbação, pois ela deixava sequelas no corpo, com o risco também de ocasionar envelhecimento prematuro (CARMO, 2011, p. 223).

O autor critica não somente o onanismo mas também a homossexualidade e afirma que é mais frequente o desejo pelo mesmo sexo entre os meninos do que nas meninas. Segundo ele, a homossexualidade normalmente surge na idade escolar, principalmente nos orfanatos pelo grande número de adolescentes e crianças vivendo de forma aglomerada. Nessa ideia do autor notamos uma visão preconceituosa, mas infelizmente dominante na época: "Por vezes esses desvios serenam, desaparecem com a evolução na adolescência, outras vezes, porém persistem tomando a personalidade psicosexual do adulto para perpetrar-se mesmo depois do matrimônio" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 109). Austregésilo ressalta que os estados emotivos e mórbidos criados na puberdade podem trazer reflexos por toda existência dos indivíduos.

Outro tema trabalhado no livro, que envolve a sexualidade do jovem homem, é a sua iniciação sexual. Culturalmente era comum os moços terem que se iniciar sexualmente de

alguma forma, na maioria dos casos com serviçais, mucamas e profissionais do sexo, como nos mostra Carmo (2011):

Até a décadas atrás, acreditava-se que o despertar da sexualidade masculina merecia um tratamento diferenciado daquele reservado às mulheres. Contraposta ao ideal de castidade feminina, a virilidade masculina era demonstrada na precocidade da atividade sexual, com desprezo pela castidade. Enquanto os rapazes não conquistassem a namorada, a prenda desejada, poderiam ir aos prostíbulos para descarregar toda libido aprisionada. A admissão de doenças venéreas, quase obrigatória, era valorizada como prova da iniciação sexual. Os valores morais vigentes, assentados numa visão machista e patriarcal da sociedade, permitiam que os rapazes usufríssem da liberdade sexual negada às mulheres, e até incentivavam-na (CARMO, 2011, p. 228).

Na sociedade patriarcal da época, essas condutas sexuais dos moços eram comuns e aceitáveis. Todavia, os pressupostos da medicina higienistas caminhavam no caminho oposto a esses costumes, tanto que as profissionais do sexo eram muito malquistas pelos médicos higienistas daquele momento histórico.

Dessa forma, Austregésilo cita a profissional do sexo, com uma fala carregada de preconceito e estereótipos comuns no período que o livro foi escrito, partindo dos pressupostos da sua profissão imersa nos conceitos higienistas (AUSTREGÉSILO, 1939).

Na próxima citação encontramos a definição que ele atribui à prostituta: "A prostituta é mulher de tipo moral inferior, por temperamento, educação e costumes, inferioridade adquirida pela degeneração. A prostituição constitui uma das maiores chagas humanas, uma das maiores amoralidades biológicas" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 111).

Observamos tamanho repúdio às "prostitutas", pois a elas eram atribuídas todas as falácias da sociedade da época, uma vez que o autor acreditava que elas eram as principais propagadoras das doenças que atingiam os solteiros, casados, esposas inocentes e ainda as doenças e problemas nas gestações dos novos indivíduos. Todos esses conceitos eram pautados nos ideais higienistas que dominavam o período que o livro foi escrito. Um dos medos eminentes daquele período era o contágio da doença Sífilis (AUSTREGÉSILO, 1939).

Austregésilo dá um alerta aos rapazes sobre as profissionais do sexo: "Nunca se deve acreditar na sanidade de qualquer mulher que exerce a prostituição aberta ou a clandestina.

Todas elas foram ou contaminadas, por mais limpas que pareçam e por mais afirmativas que dérem" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 118).

Na citação anterior, ele orienta os jovens a não se iludirem com as prostitutas, associando-as a pessoas não saudáveis e predispostas a causar algum tipo de dano à saúde do jovem homem que se relacionar com elas.

6.2.1.4 Doenças Sexualmente Transmissíveis

Como já estudamos ao longo desta pesquisa, o período que o livro foi escrito era dominado pelos ideais da medicina higienista e Austregésilo como médico neurologista utilizava esses ideais como base de seus livros. Um tema recorrente no momento era as doenças sexualmente transmissíveis, essa preocupação surgia por vários fatores entre eles os aglomerados urbanos que vinham preocupando os médicos com técnicas de medicina preventiva para amenizar as mudanças urbanas que vinham ocorrendo e assim conseguirem diminuir o aumento relativo das doenças.

Essa preocupação iminente do risco de doenças venéreas que se inicia com os higienistas surge em um período que era comum os moços se iniciarem sexualmente em bordéis com profissionais do sexo ou com criadas da família ou ainda com mulheres contratadas pelos homens mais velhos da família para iniciarem os rapazes. Oswaldo de Andrade (1890-1954) em suas memórias contou que se iniciou sexualmente com uma criada mulata da família. Dizia-se conhecedor do meretrício e escreveu:

Nenhuma experiência tive, no entanto, de doenças venéreas. Por pura sorte. Pois tinha me atirado às fêmeas como todos os rapazes de minha geração. Muitos deles vi se orgulharem de um cancro duro – pura sífilis. Era um atestado de virilidade pegar uma boa gonorreia (ANDRADE, 1976, p. 55).

As doenças sexualmente transmissíveis faziam parte desses males temidos pelos médicos higienistas, e Austregésilo trabalhava esse tema em suas publicações. Neste livro estudado não foi diferente, tratou com afinco a conduta sexual esperada das mulheres, mas principalmente pelos homens para que se diminuísse o risco de propagação das doenças sexualmente transmissíveis.

Eles acreditavam em diversas formas de contágio:

Os meios de contágio são múltiplos: pelo contato sexual direto, pelos beijos, pelo uso de material infeccionantes como copos, louças, etc., pelas banheiras, pelos lavatórios e etc [...] Não conhecemos pagina mais dolorosa da civilização dos povos do que a da contaminação sexual pela sífilis (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 114).

A Sífilis ainda era uma doença temida e que estava sendo estudada naquele período, amedrontava a todos justamente pela falta de conhecimento sobre a doença, gerando um medo natural do “desconhecido”. O autor ainda acrescenta que a humanidade ainda não estava preparada para enfrentar a sífilis, nem na profilaxia, tampouco em seu tratamento, mesmo com o esforço dispensado pela ciência (AUSTREGÉSILO, 1939).

A primeira noção a ser mencionada é a do perigo das enfermidades venéreas que devem ser claramente expostas em curso de higiene elementar, e que cumpriria a todo professor, não importa de que disciplina, ministrar as regras sanitárias da vida sexual (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 116).

Austregésilo acreditava que a divulgação dos males causados pelas doenças em escolas, colégios, principalmente para os meninos seria um meio de evitar muitos males e condutas inapropriadas que levam a situações de risco. Na citação ele também retoma a questão da educação sexual ser realizada por um professor em algum período de qualquer curso ministrado, afinal o objetivo é o ser humano e sua qualidade de vida (AUSTREGÉSILO, 1939).

6.2.1.5 Religião e Sexualidade

Reservamos espaço para tratar sobre a Religião e a Sexualidade do livro *Conduta Sexual* de Austregésilo. Nesse livro a religião aparece de forma menos explícita que nos outros dois livros analisados anteriormente. Todavia, não deixa de estar presente nas entrelinhas direcionando parte do discurso do autor, principalmente quando utiliza referências religiosas para descrever as condutas sexuais que ele considerava inadequadas, afinal esse período higienista era formado não apenas por médicos, mas também por educadores e sacerdotes e ambos trabalhavam a forma normativa da educação sexual. Assim, embora

Austregésilo pregasse a educação sexual a partir dos pressupostos científicos, ele utilizava em diversos momentos o simbolismo da religião e as condutas sexuais por ela exigidas.

Ele discorre que,

quase todas as religiões põem a questão sexual no rol dos pecados e as meninas ou as moçoilas, que são vítimas dos impulsos incontidos da sexualidade, confessam, na religião católica, os atos que são tidos por pecaminosos e por falta grave diante do juízo dos confessores (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 54-55).

Observamos também a ligação que o autor faz entre a religião e o seu conceito sobre a sexualidade, pois, de acordo com ele, a sexualidade nas religiões é vista de forma pecaminosa e proibida em quase todos os segmentos religiosos, sobretudo no Cristianismo (AUSTREGÉSILO, 1939).

6.2.2 Sexualidade da Mulher

A mulher é um tema muito recorrente no livro de Austregésilo, mas principalmente a sua sexualidade, afinal o livro é sobre a conduta sexual, logo, o autor tratou da conduta sexual esperada da mulher naquele momento histórico.

A mulher possui sua vida dividida em diversas fases de acordo com o período da vida que se encontra. O autor, por ser formado em medicina, não desprezou esse fato e falou da mulher em suas diversas fases. Separamos alguns trechos sobre a mulher na vida adulta com os medos e anseios próprios desse período que o autor tratou em seu livro.

Austregésilo cita Nemilov (1932), utilizando uma passagem do livro *A Tragédia Biológica da Mulher*, onde o estudioso das questões psicológicas da mulher acredita que sua vida é indissociável dos seus hormônios sexuais, conseqüentemente, da sua sexualidade (AUSTREGÉSILO, 1939).

Assim, a vida da mulher, segundo NEMILOV, dividi-se em quatro períodos limitados: o primeiro entende-se da primeira criação até a primeira ovulação; o segundo, vai desde a primeira ovulação até o primeiro ato sexual; o terceiro, parte deste momento e termina na idade crítica ou menopausa e o quarto deste último processo até a morte (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 97).

Nessa citação Austregésilo utiliza os pressupostos biólogos de sua formação médica, usando o autor Nemilov para explicar as condições psicológicas e físicas da mulher associadas à sua produção hormonal que varia de acordo com sua faixa etária, assim o autor divide em quatro períodos limitados a vida da mulher e sua sexualidade.

O maior embaraço da vida sexual da moça, e especialmente da adolescente, está no período da gravidez, porque a mulher sendo a representante da continuidade da espécie, e tendo órgãos preparados por esse processo biológico, para a fecundação, a liberdade sexual fica restrita, desde que não há na sociedade o amor livre nem a impregnação espontânea garantidora da espécie (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 102).

Como já descrevemos anteriormente, o maior problema da vida sexual das mulheres, de acordo com o autor, é a possibilidade da gravidez, isso restringe sua sexualidade. Além disso, ele reconhece que a mulher não possui autonomia sexual, pois quando solteira fica à mercê do pai e depois quando casada, torna-se propriedade do marido. Sendo ainda que a própria sociedade lhe tira o direito de autonomia sobre sua sexualidade e sobre sua vida (AUSTREGÉSILO, 1939).

A mulher é mais ciumenta do que o homem e em certas épocas, como durante a menstruação, a gravidez e a amamentação, se torna mais irritável, mais ciumenta e mais caprichosa. [...] O ciúme do homem, porém, é mais insuportável pelo suposto direito da posse, pelo princípio de autoridade sempre invocada para repasto do desequilíbrio dos nervos e da exploração de egoísmo sentimental (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 170).

Nesse trecho o autor trata do controle emocional das mulheres, relacionando seu emocional aos hormônios de alguns períodos específicos de sua vida fértil, assim ele afirma que a mulher é mais ciumenta que o homem em alguns períodos. Entretanto, pontua que o ciúmes do homem é mais aceitável socialmente pelo seu suposto direito sobre a posse de sua amada.

6.2.3 Abstinência Sexual

O autor destina um capítulo de seu livro para tratar o tema “continência sexual”, termo recorrente na época que significa castidade sexual, então continência sexual é a privação dos prazeres da carne, a abstinência do ato sexual. O próprio Austregésilo aponta este tema como um dos mais controversos e debatidos da sexologia no período.

Destaca em seu livro que é necessário diferenciar o sexo masculino e feminino quando trata-se de continência sexual, pois ele acredita que as mulheres possuem vantagens neste aspecto devido a "constituição orgânica e psicológica da mulher, pela educação e pelos preceitos, está estabelecido que a mulher, sobretudo a solteira, suporta com mais facilidade, e às vezes espontaneamente, sem nenhum sacrifício, a continência sexual" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 134).

Nessa citação o autor descreve o comportamento sexual da mulher mais contido e propenso à abstinência sexual do que o do homem, sendo que ele atribui essa propensão à constituição orgânica e psicológica da mulher. Não entra no mérito das questões sociais e morais da sociedade em que as moças foram criadas, tampouco do que a sociedade esperava de seu papel sexual, onde era feita uma castração moral transmitida às mulheres desde sua infância através da educação.

Outro assunto que sempre foi muito discutido sobre a sexualidade feminina, principalmente quando tratamos da conduta sexual seguida pela mulher, é sua virgindade, pois culturalmente era esperado que ela se mantivesse casta até as núpcias do seu casamento,

o habito de a moça solteira conservar-se virgem para o himeneo é fato de verificação trivial. O Código Civil brasileiro mesmo dá como causa de nulidade do casamento a verificação pelo marido da desvirginização ou desfloramento anterior por outro [...] Nos centros adiantados como nos Estados Unidos, na Alemanha, na França, nos países Escandinavos e atualmente na Rússia dos Sovietes a conservação da virgindade tem sido muito modificada. Os noivos de vários povos já não muito se preocupam com a questão da membrana garantidora da virgindade que nem sempre é expressão de pureza, dada a liberdade atual do convívio dos rapazes e das moças (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 134-135).

Principalmente no período que o livro foi escrito era esperado das jovens que se guardassem virgens para seus esposos, perdendo seu hímen apenas após o casamento como

descreve Austregésilo na citação acima. No Brasil essa questão era levada tão a sério que fazia parte do Código Civil Brasileiro, que resguardava o direito do marido devolver a esposa aos pais ou largá-la sem prejuízo de danos para si, se constatasse que ela já não era mais virgem na noite de núpcias. Mas, como especifica o autor, em outros países que ele classifica como mais “adiantados” nesse mesmo período, as questões que envolviam a sexualidade não eram mais consideradas relevantes para os noivos, afinal eles acreditavam que a virgindade não significava mais um sinal de inocência das moças.

Com relação à continência sexual dos moços, o autor observa que as funções sociais deles no período tornavam a continência sexual para eles mais penosa, “dadas as circunstancias da vida ao ar livre, de camaradagem, de temperamento, de mentalidade. [...] quando não vem naturalmente, a consequência é o onanismo ou o homossexualismo” (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 135).

Percebemos que o autor acredita que a castidade do homem é mais difícil por conta das questões sociais e culturais que envolvem a conduta sexual esperada para os moços. Dessa forma, não se posiciona a favor da abstinência sexual para os rapazes, pois acredita que esta levaria ao desenvolvimento de outros “problemas” como a homossexualidade e o onanismo.

Ainda no fim do século XVIII, Peschek escrevia que todos consideravam a continência nefasta. Esta opinião era igualmente defendida pelos médicos. Buffon afirmava que uma continência excessiva provocava doenças, perturbações e desejos contra os quais a razão e a religião nada podiam (USSEL, 1980, p. 145).

Ussel aponta que os mesmos pressupostos defendidos por Austregésilo eram normalmente compartilhados por outros médicos do período.

Porém, muitos especialistas puritanos e religiosos defendem a continência sexual. Afirmavam que não era prejudicial à saúde, pelo contrário, relatavam que fazia bem à saúde mental e emocional do indivíduo (AUSTREGÉSILO, 1939).

Mas, vários teóricos que Austregésilo utiliza em seus textos são contrários à abstinência sexual dos homens,

contrários a esta tese são muitos autores entre eles FREUD, MARESTAN, e outros, que acreditam que a função sexual, que tão grande influencia exerce na vida sentimental e nervosa do indivíduo, não pode sofrer restrição, proibição ou recalçamento sem sacrifício do próprio organismo. [...] A época

em que as forças da sexualidade surdem, às vezes impetuosas, às vezes serenas, mas sempre presentes, constitue apelo para a descarga psicosexual do organismo (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 137).

Normalmente, esses autores acreditam no instinto sexual, nas forças e pulsões que os indivíduos possuem da sexualidade.

Porém, muitas religiões defendem a continência sexual e seus sacerdotes e doutrinários precisam seguir o celibato em prol da religião (AUSTREGÉSILO, 1939).

O autor expressa sua opinião e diz que:

Somos de opinião de que a castidade voluntaria de ser imposta aos indivíduos por si ou por leis morais. A continencia absoluta é muito rara. A temporária póde ser aconselhada. Nas virgens é mais suportável; nas mulheres casadas, desquitadas ou nas viúvas, torna-se às vezes verdadeiro sacrifício. Assim, concluimos que exercido o coito com os preceitos rigorosamente higiênicos e naturais, sem excessos, sem contaminação venérea ou sifilítica, em exagerado sacrifício, sem esfalfe das forças nervosas ou orgânicas, de acordo com os desejos, as energias e os ímpetos pessoais, respeitados os princípios direito, da moral comum, pendemos mais para que a função seja na juventude naturalmente exercida e não coibida [...] Poderíamos dizer a mesma cousa para o sexo feminino se gozasse das prerogativas e igualdades sociais e legais. Não é isso, porém, o que se verifica no mundo atual, apesar de testemunharmos que a emancipação sexual da mulher se vai fazendo progressivamente, ainda que sob formas disfarçadas, e proibidas pelas leis sociais e sentimentais que regem este misterioso e desconcertante capítulo (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 140-141).

Nessa última citação o autor esclarece seu ponto de vista sobre o assunto da abstinência sexual. Acredita que a castidade absoluta é muito rara, mas que a temporária é possível, principalmente em alguns casos. Diz que o sexo praticado segundo os preceitos morais, respeitando as condições biológicas e priorizando rigorosamente os princípios higiênicos e naturais é mais vantajoso do que a proibição ou a castidade involuntária. Retoma a questão da abstinência da mulher que ele considera mais fácil em alguns casos, todavia evidencia a emancipação sexual que a mulher vem conquistando na sociedade, mesmo que ainda de forma sutil.

6.2.4 A Sexualidade no Casamento

A sexualidade no casamento, de acordo com Austregésilo, é um tema delicado, pois perpassa o campo religioso e os costumes de famílias tradicionais, por isso muitos jovens casavam sem ao menos se conhecerem através de casamentos arranjados pelos pais ou pela própria Igreja. Partindo desse pressuposto, ele cita Van de Vaide que elenca vários problemas que levam ao fracasso do matrimônio, sendo que todos dizem respeito à falta de intimidade e conhecimento do cônjuge:

É por isso que Van de Vaide diz que habitualmente, nos países cristãos, o matrimônio amiúde não dá certo. Para este autor os quatros pilares que sustentam o edifício do amor e da felicidade matrimoniais são: 1- correta eleição dos cônjuges; 2- boa disposição fisiológica dos cônjuges em geral, e, especialmente, entre si; 3- solução do problema da procriação de acordo com o desejo de ambos os cônjuges; 4- vida sexual harmoniosa e sempre florecente (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 146).

Assim notamos que mesmo Austregésilo se posicionando de forma conservadora no que trata das questões sexuais, na realidade ele defende o bom andamento da família brasileira e, como médico neurologista, conhece as questões emocionais e comportamentais que envolvem um casamento e sabe que é essencial que o indivíduo conheça a fundo o parceiro com quem firmará matrimônio. Defende ainda as questões biológicas e higienistas onde prioriza que o noivos tenham conhecimento de sua saúde sexual para poderem se relacionarem de forma íntegra com seu futuro cônjuge: "As leis da Eugénica a esse respeito deveriam ser rigorosíssimas, não só para a saúde da esposa como garantia dos descendentes e dos naciuros que muitas vezes pagam carissimamente os erros venéreos paternos" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 150).

No texto o autor enfatiza a importância principalmente do homem em fazer exames para atestar sua boa saúde física, principalmente a saúde sexual, para que não transmita doenças sexuais para sua futura esposa, levando em consideração uma possível vida sexual pregressa. Para fundamentar seu pensamento, o autor utiliza as leis da Eugénia, acredita que elas deveriam ser mais rígidas para garantir a saúde dos descendentes e das esposas, diminuindo assim as doenças venéreas na sociedade.

De acordo com o autor, os problemas do casamento já começam na noite de núpcias, que é quando se iniciam os desencontros das expectativas dos noivos (AUSTREGÉSILO, 1939).

A ruptura do hímen, a penetração do membro na vagina, a emotividade exagerada sobrevinda a sonhos acumulados e as fadigas decorrentes das cerimônias matrimônias, *it timore del nuovo*, o pavor meio angustioso, meio impulsivo, meio adoçado pela curiosidade pelo grande afeto ou pela grande paixão dão ao primeiro ato matrimonial a marca da embriaguez e da dôr (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 147).

Dessa forma, a noite de núpcias passa de um sonho a um pesadelo, pois acaba fugindo totalmente à expectativa dos noivos, gerando dor e frustrações por falta de intimidade e de conhecimentos científicos e biológicos acerca do ato sexual. Partindo desse pressuposto, o autor reafirma a importância do conhecimento sexual a partir do biológico, envolvendo o ato a perpetuação da espécie para que os moços e moças não se sintam surpresos ao praticarem pela primeira vez o ato sexual (AUSTREGÉSILO, 1939).

O autor critica a brutalidade sexual do homem no primeiro contato com a amada, cita que devem ser cavalheiros e amorosos com a parceira: "Dissemos que o rapaz, ou o noivo ou o recém-casado, na noite de núpcias deve ser perfeito cavalheiro, não perder a linha da educação diante do mais belo ato da vida que é inegalável, o da conjugação dos sêres" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 147).

Para Austregésilo, o sucesso do casamento acontece a partir da compreensão entre os cônjuges, pois a harmonia emocional é essencial para que venha ocorrer o entendimento sexual e moral entre o casal:

A boa organização do matrimônio está na compreensão mútua e na adaptação, de modo que o amor e o casamento só se podem perpetuar quando o cônjuge ceder uma fração da personalidade egoística à outra parte. Sem isto não pôde haver bem estar, moral ou sexual entre os dois pólos [...] Dizem que o homem é polígamo por natureza, à vista do que acontece em quase toda animalidade. É fato mais ou menos compreendido pela sociedade contemporânea e apesar disto muitas esposas vivem cegamente enganadas acerca deste problema. As mulheres são, em geral, mais dadas à monogamia do que os homens, mas registam-se atualmente no mundo contemporâneo, tendências poliandricas; os adultérios são expressões da organização da sociedade, da condição psicológica humana e da hipocrisia em matéria de amor e em matéria de casamento (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 153-154).

Nessa última citação, o autor discorre sobre diversos problemas encontrados no matrimônio como a falsa expectativa sobre o casamento que ocorre por falta de conhecimento sobre os cônjuges; a ausência de compreensão entre o casal deixando que o egoísmo prevaleça; a infidelidade do homem que parece ser vista na sociedade como algo natural, ao passo que a grande maioria das esposas se permitem passar a vida sendo enganadas e o desconhecimento do sentido e importância do casamento. Para ele, a vida moderna facilita o coito extraconjugal masculino, muito mais do que para a mulher (AUSTREGÉSILO, 1939).

Ele ainda afirma que ambos os cônjuges precisam estudar a sexualidade do outro sexo, para poder compreender os medos, desejos e anseios do parceiro.

O autor também orienta qual a frequência que o ato sexual deve ser praticado no casamento:

O homem deve habitualmente satisfazer-se com 2 ou 3 contatos semanais com a esposa. A mulher, é habitualmente menos excitada. Porém é necessário que o marido procure sempre que possível dar-lhe o orgasmo ou o gozo sexual e não deixa-la incompletamente satisfeita com o ato sexual (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 155).

O autor ainda cita Marie Stoper para dizer que o homem tem que respeitar a vontade sexual da mulher tendo relação sexual quando ela possuir excitação, que normalmente é no período de quatorze dias após o início da menstruação. Nesse período podem praticar sexo até mais que uma vez ao dia (AUSTREGÉSILO, 1939).

O autor ainda associa as regras religiosas às indicações higienistas sobre o sexo no casamento:

Os preceitos religiosos empíricos e os conselhos higiênicos autorizam o uso da copula conjugal duas ou três por semana; *bis in septem* ordena a Bíblia. Porém, isto é, muito variável, segundo os temperamentos, as idades, as paixões sexuais, as doenças, as preocupações e o estado de fadiga dos cônjuges. Durante a menstruação o coito deve ser suprimido e durante a gravidez bastante limitado (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 158).

Nessa citação ele observa que a frequência sexual entre o casal indicada pela igreja é a mesma frequência apontada pelos médicos higienistas, porém adverte que essa constância também varia de acordo com particularidades como a idade do casal entre outros fatores.

O autor também orienta a forma que deve ocorrer o ato sexual, destaca a importância das carícias e agrados entre os cônjuges:

Toda carícia, a excitação das zonas erógenas, os beijos, os agrados e as delicadezas tornam-se indispensáveis para a harmonia dos cônjuges, especialmente no sucesso sexual. O ato não sendo acompanhado dos prelúdios do amor e de carícias, torna-se objetivamente animal (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 161).

Observamos nessa citação que o autor atribui a importância do carinho entre o casal, principalmente durante o ato sexual para que se prevaleça a harmonia e ainda para que o ato sexual se afaste da sexualidade animal, fazendo uma associação do sexo ao amor.

Assim, o homem precisa ser carinhoso com sua esposa, para que ela se sinta envolvida no relacionamento e no ato sexual. Embora saibamos que os gozos e desejo sexual são menos frequentes nas mulheres do que nos homens, essa condição reforça ainda mais a importância e cuidado que o homem precisa ter na relação amorosa (AUSTREGÉSILO, 1939).

O autor acrescenta que, além da falta de carinho, o ciúmes e o sentimento de posse no sentido de autoridade sobre a pessoa também prejudicam os relacionamentos, quando o homem se comporta como senhor e a mulher se submete a se comportar como escrava dele (AUSTREGÉSILO, 1939).

Se os cônjuges, em momentos de reflexão e de sensatez, julgar a inutilidade das desavenças, das brigas, dos caprichos e das ofensas, com certeza nestes casais não haveria a morte do amor e sim o fogo permanente que aqueceria os dois corpos e as duas almas, escolhidos para coabitarem sob mesmo teto, participantes das mesmas dores e dos mesmos prazeres [...] são os caprichos femininos e o abuso de autoridade dos maridos que fazem do casamento a escala do desespero e das decepções do amor. [...] O número de desquites aumenta assombrosamente nas capitais brasileiras. Sem o divórcio a vinculo, os cônjuges lançam-se num perigoso abismo (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 175).

Nesse último trecho, além de Austregésilo reafirmar questões que já foram tratadas anteriormente como a falta de harmonia entre os casais que cultivam o egoísmo e o individualismo levando o casamento à falência, ele nos mostra também a sua preocupação com o número de separações que ocorriam na época, principalmente nos grandes centros urbanos.

Como médico higienista que defende o ato sexual visando à procriação, o autor é contra o ato de evitar a gravidez, pois de acordo com ele contraria as leis naturais: "Devemos reprovar *in limine* os casais que se limitam a um filho ou evitam absolutamente qualquer procriação. Julgamos este fato biologicamente imoral, porque foge à segunda lei da natureza com relação à vida que é a procriação" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 180).

E ainda justifica:

Não podemos negar que os filhos são o encanto, a beleza, a doçura, o reagente gentil dos trabalhos paternos e maternos. O filho concentra e modifica o amor transmutado o caráter dos páis sempre para melhor, e ao mesmo tempo, desperta a alegria no fogo domiciliar, porque onde estão a infância e a juventude estão a primavera, a flor e a alegria (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 181).

Ele nos mostra a importância que é ter filhos para o casal, melhorando a alegria conjugal e fortalecendo o casamento. Logo, o autor se posiciona contra o aborto provocado, pois ele pontua a importância dos filhos na manutenção do relacionamento a dois (AUSTREGÉSILO, 1939).

A dolorosa tragédia da provocação de aborto é uma das páginas mais tristes da vida social contemporânea. O número de abortos provocados é tão vultoso, as doenças decorrentes disso são tão numerosas, as mortes consecutivas são tão dolorosas que estamos diante de um dos muitos inquietadores problemas das sociedades contemporâneas (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 182).

Na realidade, nessa última citação o autor faz um desabafo sobre a sua preocupação com a frequência que os abortos ocorriam naquele momento histórico.

Ainda comenta sobre o perigo dos riscos que a mulher passa ao cometer o ato abortivo como contágio de doenças, enfermidades futuras e até a morte, isso principalmente por ser vítima de profissionais não qualificados para tal procedimento (AUSTREGÉSILO, 1939).

Relacionado ao assunto dos meios para se evitar a gravidez, o autor traz a ideia de esterilização. Assim, durante os três livros analisados nesta pesquisa Austregésilo sempre escreve nas entrelinhas a sua defesa aos pressupostos eugenistas, mas nunca tão claramente e de forma explícita como na citação a seguir:

Em certos lugares dos Estados Unidos e na Alemanha pratica-se a esterilização penal. Para melhorar a raça castram-se os delinquentes que reencidem nos crimes. Na Alemanha hoje é lei constitucional. A castração não impede em ambos os sexos o ato sexual, porém, apenas a fecundação. Em benefício da Eugenia a castração é ato biologicamente moral e com o mesmo a humanidade adquire grande passo para a sua regeneração física e mental (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 183-184).

Por possuir formação biológica em um período que o higienismo prevalece entre a classe médica, ele compactua com os ideais eugenistas e os defende, como podemos perceber nessa última citação, pois os eugenistas acreditam que o comportamento e os traços de caráter eram transmitidos através de herança genética. Dessa forma, a ideia de eugenia vislumbra uma sociedade melhor e mais evoluída a partir de seus preceitos morais, através da institucionalização do saber que ocorre em parte através da medicina higienista, associada com os ideais eugenistas, pois as

especificidades raciais do povo brasileiro – mais caboclo do que europeu – forneceram elementos para que aqui se desenvolvessem propostas baseadas no Higienismo e na Eugenia, que visavam à pureza moral e cívica da sociedade brasileira, ou, em outras palavras, a regeneração física e moral da população [...] A sexualidade passa a ser estudada a partir do que preconizava o higienismo: uma saúde sexual implicava na existência de indivíduos mentalmente saudáveis. Melhores cidadãos seriam formados se lhes fossem asseguradas possibilidades para que tivessem comportamentos e atitudes que resultassem em indivíduos sadios mental e fisicamente (BORIM, 2003 apud RIBEIRO, FIGUEIRÓ, 2009, p. 133-134).

Ribeiro e Figueiró (2009) nos esclarecem a relação que ocorre no período com a normatização do saber sexual e a relação que surge entre a medicina higienista e os pressupostos eugênicos naquele momento histórico.

6.2.5 Climatério Masculino

O autor dedica um capítulo de seu livro *Conduta Sexual* para escrever sobre o climatério feminino e masculino, descreve fazendo uma associação do climatério à figura de um demônio. Pontua que para a mulher o climatério é popularmente conhecido como menopausa, esse período aparece de forma mais nítida para as mulheres, pois elas deixam de ter o fluxo menstrual. Já no homem as mudanças são sutis, aparecem entre os cinquenta e

sessenta anos, quando ocorrem mudanças físicas na vida sexual e no caráter deles (AUSTREGÉSILO, 1939).

Ressalta a existência da falta de sono para ambos os sexos no climatério. Mas para o homem diz que, embora as funções sexuais orgânicas diminuam, as fantasias passam a se intensificar principalmente os desejos pelas moças jovens. Cita ainda nomes que encontramos na literatura para explicar esse desejo voluptuoso dos senhores pelas moças: "É o 'demônio do meio dia' ou *demonius meridianus* que faz despertar no íntimo do sentimento de tais indivíduos as forças misteriosas da volúpia já bem denunciadas pelo rei David, que cercado das esposas, na velhice, preferia sempre as mais novas e belas" (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 191).

Observa as diferenças sexuais entre os homens e as mulheres no climatério, destacando diferenças como a capacidade de procriação que o homem ainda possui na idade avançada, enquanto a mulher não mais:

Existem mesmo indivíduos que ao lado da descarga afetiva e sexual da época do pressenio ou época que precede à velhice, conservam-se fecundantes até aos 80 anos e mais, porque enquanto na mulher se extingue a capacidade procriadora pela cessação da postura ovular, no homem as glândulas intersticiais dos testículos continuam a fabricar o seme fecundante, apesar de não possuir a energética biologia dos moços ou dos indivíduos em maturidade sadia. Esta fase é produzida por uma segunda puberdade efêmera e abortiva que modifica a mentalidade e especialmente o sentimentalismo do cinquentário. O quinquagenário é um indivíduo muito sensível aos gozos físicos, às carícias, e aos prazeres mundanários (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 192).

Na citação acima, além da diferença entre a capacidade de procriação, o autor ainda evidencia novamente que o homem passa por um período de alta excitação sexual dominado por fantasias e desejos.

Fala também sobre a frequência que deve ser o ato sexual para os homens após os sessenta anos de idade. De acordo com o autor, pessoas nesta faixa etária devem ter pelo menos um mês de intervalo entre uma relação sexual e outra (AUSTREGÉSILO, 1939).

6.2.6 Menopausa

Na mulher, durante a transição para o período da menopausa, muitas coisas se alteram fisiologicamente e psicologicamente,

tudo nela se transforma e a fisiologia da mulher na idade crítica adquire sentimentos negativos, em que surdem ao mesmo tempo a ruína do corpo e o esmaecimento da alma. [...] O corpo engorda, o rosto torna-se largo, o nariz inclina-se, a boca aumenta, aparecem rugas, os cabelos embranquecem, os seios decaem, o ventre fica flácido, as nádegas aumentam, a dureza das carnes desaparece, e torna-se muitas vezes a caricatura da beleza que passou por um corpo gracioso e por fisionomia encantadora (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 199-200).

Como uma das características do climatério feminino, o autor destaca as funções emocionais que, segundo o recorte acima de seu livro, a mulher passa a ter sentimentos negativos que aparecem ao mesmo tempo das mudanças ocorridas em seu corpo decorrentes de seu envelhecimento.

Porém, Austregésilo adverte que as mudanças nas mulheres vão além da aparência física e emocional:

além das modificações estéticas do corpo surgem fenômenos patológicos como hipertensão arterial, alterações hepáticas, renais, distúrbios nervosos, fogachos, insônias, irritabilidade, ciúmes, tristezas, estados melancólicos, enfim, toda a cromática mórbida descrita pelos autores no pré-climaterio, no climatério e no post-climaterio que são as fases críticas da última página da tragédia biológica da mulher (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 201).

As mudanças citadas são mudanças orgânicas que alteram o corpo da mulher decorrentes do envelhecimento do corpo, propiciando o surgimento de doenças. Para o autor, “constitue a menopausa feminina um dos golpes mais dolorosos da psico-fisiologia da mulher” (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 203).

6.2.7 Patologia Sexual

Neste livro o autor esclarece que vai tratar de forma breve o tema das patologias sexuais, que ele denomina de “extraviados sexuais”. Explica que esse não é o foco do livro *Conduta Sexual*. Todavia, por estar imerso nos pressupostos higienistas era comum a prática de classificação dos comportamentos dos indivíduos, principalmente dos comportamentos sexuais. No período não era permitido a diversidade de preferências, atitudes e comportamentos sexuais (AUSTREGÉSILO, 1939).

A ciencia registra, nos tipos degenerados, os homossexuais, os *invertidos*, os amores lesbicos, ora natos, ora frutos das aglomerações e reclusões humanas. [...] Muitos são exibicionistas e agridem o pudor pessoal alheio e social. Outros depravam o ato, com profanações aos cadáveres, são os necrófilos. [...] No sadismo, nome originado do marques de Sade, a sexualidade só é satisfeita pelas torturas físicas ou morais, sobretudo físicas, praticadas em outrem [...] Os indivíduos são arrastados às perversões da fome e do apetite sexuais por vários motivos: degeneração, estados enfermicos do sistema nervoso, perversões imitadoras do meio ou do ambiente, sequestração pessoal ou coletiva em prisões, orfanatos, colégios, viagens marítimas ou vida claustral (AUSTREGÉSILO, 1939, p. 208-209).

Nessa citação observamos diversos comportamentos sexuais que fogem das normas de conduta higienistas, sendo considerados desviantes naquele período. Esses comportamentos variados eram classificados como perversivos, carregados de grande preconceito pelos higienistas, que pregavam a normatividade sexual, e viam o sexo apenas com o objetivo da procriação, sendo que para eles qualquer situação que fugisse a essa condição sexual levava o indivíduo ao sofrimento, além de trazer consequências à sociedade (AUSTREGÉSILO, 1939).

Ribeiro e Reis (2004) nos trazem claramente como Austregésilo define os atos sexuais que ele considerava desviantes:

Austregésilo define como *desvios funcionais* do instinto sexual a excitabilidade precoce, as práticas anormais, a indiferença, o homossexualismo, excessos de carinho, crimes sexuais e sonhos eróticos. Faz uma relação entre a debilidade do sistema nervoso e o aparecimento dos dois desvios sexuais (RIBEIRO; REIS, 2004, p. 29).

Em um livro com o nome de *Conduta Sexual*, escrito por um médico neurologista que se baseava nos ideais higienistas que emergiam na época para orientar sua escrita, não podíamos esperar outra coisa que não fosse uma orientação de conduta da expressão da sexualidade. Assim ele discorre ao longo de seu livro, tornando-o uma espécie de manual sobre a conduta sexual a ser seguida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as obras de Antonio Austregésilo pretendíamos contribuir com a construção da historiografia da educação sexual no Brasil, e revelar o quanto esses livros são importantes para a constituição do conhecimento sexual no Brasil.

Iniciamos a pesquisa fazendo uma reconstrução no cenário sócio-histórico do período que os livros foram escritos, pois acreditamos que todos os pensamentos se constroem a partir das ideias vigentes em uma sociedade, representando assim suas necessidades e comportamentos. A finalidade era compreender o sistema de ideias dominantes, a cultura e os movimentos sociais vigorantes na época que diretamente ou indiretamente influenciaram o pensamento do autor, entendendo a elaboração de seu discurso e a submersão social que ele sofria naquele momento histórico.

O período que Austregésilo publicou as três obras estudadas que tratam da temática da sexualidade, foi um momento histórico de grandes mudanças sociais e históricas que marcaram todo o pensamento de uma época, pois o mundo estava em constante mudança em seu modo de produção, com o crescimento do capitalismo, enquanto o modelo agrário estava em crise. Com isso, observamos pessoas que deixaram o campo e se instalaram nas cidades, formando um grande aglomerado populacional nos centros urbanos. Esses espaços urbanos foram formados sem planejamento prévio, as famílias se instalavam em cortiços nas cidades sem saneamento básico que corresponderia ao mínimo processo de higiene. Esse tipo de moradia favoreceu a contaminação de várias doenças nesses locais.

Por conseguinte, entendemos as transformações ocorridas a partir da emancipação do meio de produção no Brasil no período que Austregésilo escrevia seus livros, pois foi influenciado pela economia vigente, pela forma de pensar e de agir das pessoas. Logo, os sistemas socioculturais também foram afetados. Assim, as modificações vão além do modo de produção à medida que se alteram a forma de consumo e a composição das classes sociais.

Ao mesmo tempo ocorria o crescimento das empresas e o desenvolvimento da tecnologia, ampliando assim as pesquisas em diversas áreas como na medicina e na biologia. Esse avanço nas pesquisas permitiu que o governo passasse a se preocupar com as questões sanitárias com o objetivo de precaver doenças, prevendo assim uma melhor qualidade de vida

para os indivíduos brasileiros com a orientação de hábitos e costumes saudáveis, trabalhando com uma população que passava por mudanças sociais, culturais e de seu meio de produção.

O avanço cultural também trouxe a importação de ideias europeias influenciadas pelo Iluminismo, essas ideias iam além das últimas tendências na moda, mas vinham como uma necessidade cultural de avanço científico como os ideais médicos higiênicos e de eugenia. O que também era muito propício para as mudanças que ocorreram nas paisagens urbanas brasileiras, que ganharam um grande contingente de pessoas moradoras de cortiços e barracos sem saneamento básico. A partir disso, os médicos passaram a possuir um *status* social importante naquele período, uma vez que passaram a cuidar da saúde das famílias e da sociedade como um todo, afinal, além de cuidar dos doentes, eles preveniam problemas sociais.

Os médicos em sua formação eram aptos a cuidar da saúde pública, principalmente na prevenção de doenças, tratando da higiene e de questões de saneamento básico. Além de garantir a qualidade dos descendentes da espécie humana, prevenindo doenças que pudessem degenerar a espécie, eles também eram responsáveis pelo aprimoramento dos bons costumes não só higiênicos, mas morais e éticos dos indivíduos. Observamos, dessa forma, a importância do papel do médico naquela sociedade. Foi nesse período que Austregésilo se formou médico e atuou como neurologista e, influenciado pelos ideais higienistas e eugenistas, escreveu vários livros, entre eles os três livros estudados nesta pesquisa.

Não podemos deixar de dizer que a imigração europeia contribuiu para a consolidação das ideias eugenistas no Brasil, afinal a ideia de clareamento da população brasileira tornou-se possível com a vinda em massa de agricultores europeus, pois antes disso a população brasileira era formada em sua grande maioria por índios e negros considerados inferiores naquele momento histórico. Em nossa análise observamos a forte influência eugenista que o autor sofreu ao escrever seus livros, visto que esses ideais permeiam os três livros, porém, na maior parte das vezes não aparecem de forma clara ou explícita.

Depois de fazermos o percurso histórico das questões socioculturais do período que o autor escreveu os três livros analisados, fizemos um estudo dos livros e trabalhos publicados no mesmo período, no campo da sexualidade e da educação sexual, como mais uma forma de entender a influência que o autor sofreu para escrever as obras, afinal, era um período de grande efervescência nesses dois campos. Muitos sacerdotes, educadores e médicos escreviam

sobre a sexualidade. No caso dos médicos como Austregésilo eram influenciados pelos pressupostos eugenistas e higienistas.

As ideias higiênicas, essas sim aparecem a todo instante nos três livros, o autor sempre se posiciona a favor dessas ideias. Influenciado não só pelos pressupostos higiênicos e eugênicos mas também pelos biológicos, o autor vê o sexo e a sexualidade como mais uma função básica do indivíduo, assim como a alimentação e o sono. Dessa forma, o sexo é visto como algo natural que faz parte do ser humano.

Baseado nestes pressupostos o autor defende em seus livros a educação sexual de forma natural. Assim como todo indivíduo deve aprender a se nutrir e a cuidar de sua saúde, a sexualidade para ele é vista como mais um desses princípios básicos na vida do indivíduo, principalmente relacionados à higiene e cuidados com o próprio corpo tendo como objetivo a preservação do organismo humano. A sexualidade não é diferente, pois, vista como forma natural, ela serve como um meio de perpetuar a espécie humana, não passando de um instinto básico e natural de procriação.

Austregésilo foi um dos precursores em escrever livros que tinham o formato de manuais de conduta sobre sexualidade e educação sexual. Mas não estava sozinho, pois no período que escreveu vários outros médicos também influenciados pelos pressupostos higienistas e de eugenia também escreviam livros e manuais para orientar o grande público, entre outros profissionais de outros segmentos como médicos e sacerdotes que também defendiam a educação sexual mesmo que a partir de outra ótica.

Como médico neurologista, ele utiliza como definição de ser humano a biológica, e se apoia nos fundamentos psicanalistas de Freud para definir o indivíduo. A Psicanálise era muito usada naquele período pelos médicos, e o autor utiliza os conceitos psicanalíticos para justificar as suas ideias sobre a sexualidade e a importância da educação sexual. Apropria-se de tal forma da psicanálise que tem uma leitura muito particular dela, ao passo que os conceitos psicanalíticos se misturam aos pensamentos do autor em seus livros, parecendo-nos até em alguns momentos que ele recria a própria psicanálise a partir de suas ideias sobre a sexualidade.

Para o autor a educação sexual é muito importante, porque é uma forma de prevenir males futuros originados de uma sexualidade expressa de maneira errônea, fugindo às normas de condutas de expressão do sexo sadio. Para ele, qualquer forma desviante de expressão da

sexualidade, não atinge apenas o próprio indivíduo, mas toda a sociedade a sua volta sofre as consequências do ato desviante do indivíduo. Dessa forma, enaltece a importância da educação sexual para evitar esses males na sociedade, sendo ainda que pretende melhorá-la formando indivíduos mais conscientes de si próprios a partir do conhecimento sexual, tornando-os mais éticos e conscientes de seus atos.

Como um defensor da psicanálise, Austregésilo nos mostra ao longo dos três livros que acredita que toda forma de neurose e de doenças emocionais são resultado de problemas sexuais. Por isso, a educação sexual para ele é vista como uma forma de higienização da sociedade com o objetivo de prevenir doenças e males futuros para a sociedade.

Assim, a educação sexual deve ser ensinada a todo momento e em todos os meios de convivência dos indivíduos de forma natural, como na família e na escola, do mesmo jeito que se ensina sobre a nutrição, sobre a higienização e as coisas da natureza. Porém, beneficia sua classe quando escreve que a educação sexual também é papel do médico, que os pais podem pedir ajuda a estes profissionais desde os primeiros anos de vida da criança, para lidarem da forma correta com a sexualidade de seus filhos.

Reconhece em alguns momentos a importância da igreja quando trata dos valores familiares que a igreja prega, todavia faz críticas a ela quando trata da forma que a educação sexual é passada para os discípulos na igreja, utilizando histórias fantasiosas para instaurar a culpa e o medo, limitando assim a sexualidade e o ato sexual. O autor discorda dessa postura, pois para ele a educação sexual deve ser ensinada de forma natural à luz das ciências biológicas, dos pressupostos de procriação e perpetuação da espécie pautados nos conceitos higiênicos.

Um outro aspecto interessante que encontramos ao longo dos três livros de Austregésilo é a dualidade com que ele escreve, oscilando em vários momentos entre uma posição progressista e uma posição mais conservadora. Isso percebemos através de algumas contradições quando ele trata sobre a educação sexual na juventude, a sexualidade do homem, mas principalmente quando ele fala sobre a mulher e seu papel na sociedade.

No primeiro livro analisado que aborda a neurastenia sexual, deixa apenas poucas páginas no final do livro para tratar da neurastenia feminina, discute durante todo livro a neurastenia sexual masculina evidenciando a sua maior importância, além de em várias

passagens atribuir às mulheres a responsabilidade da neurastenia masculina. Dessa forma coloca a mulher em segundo plano.

Já no segundo livro pesquisado – *O perfil da Mulher Brasileira* –, ele também vive uma dualidade de posicionamento, pois ao mesmo tempo que trabalha os vários nomes de importantes mulheres no cenário brasileiro, destacando-as como guerreiras de sua época ainda faz várias referências ao movimento feminista que estava em seu auge quando o livro foi escrito, ressaltando a importância do feminismo e das mulheres em luta pelos seus direitos. Em contrapartida, defende em todo o livro a postura que a mulher brasileira deve seguir, associando a imagem da mulher ao sentimentalismo e à emoção, enaltecendo a boa mãe e a boa esposa como os papéis fundamentais a serem seguidos pelas mulheres brasileiras. Nos três livros estudados, ele utiliza esse último posicionamento no qual descreve a conduta que a mulher deve seguir como mãe, esposa e mulher no ambiente social.

Para ele, todos os problemas sociais existentes se resolveriam a partir de uma educação sexual adequada para todos os indivíduos. Assim, o intuito da educação sexual para Austregésilo é elucidar, a partir da exatidão científica, a sexualidade e as funções sexuais. Proporcionar uma educação sexual é esclarecer o indivíduo sobre os medos e fantasias acerca da sexualidade de forma serena. Neste ideal o sexo é visto com o objetivo de preservação da espécie, mantendo a saúde mental e física dos indivíduos, e a educação sexual deve contribuir para alcançar tal função.

Apesar de publicar livros com teor científico que tratam sobre a sexualidade e a educação sexual utilizando o modelo de manuais, com o objetivo de atingir um público-alvo, pois tratam de uma temática específica como *Neurastenia Sexual* e *Perfil da Mulher Brasileira*, são livros que focalizam um determinado assunto do campo da sexualidade. Mas também percebemos a preocupação do autor em atingir o grande público, pois todos os livros tratam da conduta sexual a ser seguida, já que todos os indivíduos de todas as classes sociais necessitam de contato com a educação sexual, afinal todos possuem sexualidade e funções sexuais da mesma forma que possuem todas as outras funções do organismo humano.

Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima, médico neurologista brasileiro é, com certeza, um dos precursores da educação sexual no Brasil e da institucionalização da educação sexual e esta pesquisa buscou mostrar a sua importância no cenário da Historiografia da

sexualidade nacional, por meio da análise de seus três livros com a temática de Educação Sexual e Sexualidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. **Introdução ao estudo da patologia sexual**. Rio de Janeiro: Typ. Coelho, 1928.
- _____. **Catecismo da educação sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.
- ANDRADE, O. **Um homem sem profissão: memórias e confissões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- AUAD, D. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 136-143, dez./fev. 2002-2003.
- AUSTREGÉSILO, A. **Perfil da mulher brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.
- _____. **A neurastenia sexual e seu tratamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928.
- _____. **Conduta sexual**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1939.
- AZEVEDO, Antônio Carlos do A. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BEAUVOIR, Simone de. Infância. In: _____. **O Segundo Sexo. A experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1948. p. 9-66.
- BOARINI, M. L. (Org.). **Higiene e raça como projeto: higienismo e eugenismo no Brasil**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos – apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRUSCHINI, C.; BARROSO, C. Educação sexual e prevenção da gravidez. In: IPLA/PEA; UNICEF; FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Gravidez da adolescência**. Brasília, 1986. p. 29-54. (Série Instrumentos para Ação 6).
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora Unesp, 1990.
- CARMO, P. S. **Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil**. São Paulo: Octavo, 2001.
- CARRARA, S.; RUSSO, J. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entre guerras: entre a ciência e a auto-ajuda. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 273-290, 2002.

CASTRO, Hebe M. Matos de. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: **História da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. v. II.

COSTA, E. V. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 9. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

ERGAS, Y. O sujeito mulher: o feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges; PERROT, M. **História das mulheres: o século XX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991. p. 583-611.

FACIOLI, Adriano. **Hipnose: fato ou fraude?** Campinas: Átomo, 2006.

FALCON, F. **A era dos impérios, 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: USP, 1995.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: Eduel, 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRANÇA-RIBEIRO, H.C. **Orientação Sexual e Deficiência Mental: estudos acerca da implantação de uma programação**. 1995. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, USP. São Paulo.

FREUD, S. et al. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREYRE, G. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

FURTADO, P. **1001 Dias que abalaram o mundo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1994.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

LIMA, L. T. O. **Freud**. São Paulo: Publifolha, 2001. (Série Folha explica).

LOPEZ, A.; MOTA, C. G. **História do Brasil: uma interpretação**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

LOYOLA, M. A. Apresentação. In: _____. (Org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, F. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 367-645.

MEIRELES, R. M.; SANCHEZ, J. M.; VALLE, E. **Sexualidade: cultura, ética e vida religiosa**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MOREIRA, M. F. S. Gênero, sexualidade e casamento: leituras católicas e educação do amor. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. **Sexualidade, Cultura e Educação Sexual: propostas para reflexão**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial, 2006.

NASIO, J. D. **A Histeria: teoria clínica e psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

NUNES, C.; SILVA, E. Sexualidade e educação. In: LOMBARDI, J. C. (Org.). **Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas: Autores Associados, 1999.

PORTAL BRASIL. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais Portal sobre aids, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/>>. Acesso em: 08 set. 2014.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Edunesp, 1997.

REIS, G. V.; **Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920- 1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque**. 2006. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Araraquara, 2006.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. (Org.). A Institucionalização do Conhecimento Sexual no Brasil. In: _____. **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

_____. Sexualidade também tem História: Comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: BORTOLOZZI, A. C.; MAIA, A. F. (Org.). **Sexualidade e Infância**. Caderno n.1, Bauru: FC\CECEMCA, 2005.

_____. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.

RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Sexualidade, Cultura e Educação Sexual: propostas para reflexão**. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora/Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2006.

RIBEIRO, P. R. M. **O sexo nosso de cada dia: algumas reflexões sobre atitudes e comportamentos sexuais no Brasil Colônia a partir de documentos da inquisição**. 2007. Tese (Livre Docência) em Sexologia e Educação Sexual – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

_____. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

_____. Os Momentos Históricos da Educação Sexual no Brasil. In: _____. **Sexualidade e Educação Sexual: apontamentos para uma reflexão**. Araraquara: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial FCL, 2002.

ROCHA, Y. Sexualidade. Disponível em: http://pensador.uol.com.br/autor/iatamyra_rocha/. Acesso em: 11 dez. 2014.

SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade Feminina: História, Cultura, Família, Personalidade e Psicodrama**. São Paulo: SENAC, 1998.

SEVCENKO, N. Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A. (Coord.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 7-48. v.3.

SLENES, Robert W. Senhores e subalternos no Oeste Paulista. In: **História da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo: Cia das Letras, 1997. v. II.

STEARNS, P. N. **História da Sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

USSEL, V. J. **Repressão Sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VATSYAYANA, M. **Kama Sutra: segundo a versão clássica de Richard Burton e F. F. Arbuthnot**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

WISSENBACH, C. C. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: NOVAIS, F. A. (Coord.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 49-130. v. 3.